

RENATA ARGENTO



1290000281



FE

TCC/UNICAMP Ar37p

**A PROBLEMÁTICA DA INCLUSÃO/EXCLUSÃO EM LITERATURA
INFANTIL – O CASO DE “O PATINHO FEIO” E OUTRAS OBRAS**

**Trabalho de Conclusão de Curso
orientado pelo
Prof.º Dr. Ezequiel Theodoro da Silva**

CAMPINAS, SP.

Agosto de 2002

Renata Argento

A problemática da inclusão/exclusão em literatura infantil – o caso de “O Patinho Feio” e outras obras

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para o curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a
orientação do Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva.

Campinas, SP
agosto de 2002



**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

Ar37p	<p>Argento, Renata.</p> <p>A problemática da inclusão / exclusão em Literatura Infantil : o caso de "O Patinho Feio" e outras obras / Renata Argento. -- Campinas, SP : [s.n.], 2002.</p> <p>Orientador : Ezequiel Theodoro da Silva.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Andersen, H. C. (Hans Christian), 1805- 2. Inclusão. 3. Exclusão. 4. Literatura infantil. I. Silva, Ezequiel Theodoro da II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p>
02-0128-BFE	

SUMÁRIO

Introdução	p. 04
1. Sobre Inclusão e Exclusão	p. 06
2. Abrangência do Conceito de Literatura	p. 09
2.1. Literatura Infantil e suas Especificidades	p. 11
2.1.1. Literatura Infantil e Tradição Pedagógica	p. 14
2.1.2. Novos Destinos da Literatura Infantil	p. 15
3. Literatura Infantil e a Problemática da Inclusão/Exclusão	p. 17
3.1. “O Patinho Feio” – A História	p. 17
3.1.1. Breve Biografia de Hans Christian Andersen	p. 23
3.1.2. Análise Geral da Obra “O Patinho Feio”	p. 25
3.1.3. “O Patinho Feio” à Luz do Conceito de Exclusão	p. 29
3.2. Inclusão/Exclusão em Outras Obras Infantis	p. 29
3.2.1. “O Elfo e a Sereia” – Diferentes que se Integram	p. 30
3.2.2. “Menina Bonita do Laço de Fita” – a Diferença Valorizada	p. 31
3.2.3. “Minha Irmã é Diferente” – Exclusão Social	p. 32
3.2.4. “Todo Mundo é Diferente” – A Caminho da Inclusão	p. 33
4. Considerações Finais	p. 35
Bibliografia	p. 38
Anexos	p. 40

RESUMO

Análise de como são abordadas as questões das diferenças, da exclusão e inclusão em livros de literatura infantil, utilizando como obra central para tal análise o livro de Hans Christian Andersen “O Patinho Feio”.

Apresenta sinteticamente os conceitos de inclusão/exclusão e um histórico da literatura infantil.

Analisa como é trabalhada a questão da diferença, da exclusão/inclusão na literatura infantil.

O levantamento e registro das informações contidas na obra de Hans C. Andersen, referentes às questões citadas acima, são articulados com outros autores que trabalham com a mesma temática.

ABSTRACT

This is an analysis of how are approached the questions of differences, exclusion and inclusion in literature books destined to children.

The main piece of writing used for this analysis is Hans Christian Andersen's book "Ugly Little Duck".

It systematically presents the concepts of inclusion/exclusion, a historical briefing of literature destined to children and an analysis of how are treated the issues of differences and inclusion/exclusion in this kind of literature.

The research and registration of all informations present in this Hans Christian Andersen's book wich report to the issues mentionated above are articulated with other authors who use the same theme.

INTRODUÇÃO

A idéia de realizar esta pesquisa de conclusão de curso nasceu do interesse em aprofundar um estudo sobre a literatura infantil.

Inicialmente, me preendi à idéia de analisar vários livros de uma única autora. Porém, não estavam definidos quais seriam os aspectos principais que estariam sendo observados e avaliados nas obras.

Foi muito difícil selecionar livros infantis para este projeto. Notei que o meu critério para a seleção foi o mais simples possível: as emoções que me causaram e o gosto pessoal.

Nesse primeiro momento, não pretendi guiar-me por critérios de seleção mais complexos, que envolvessem aspectos pedagógicos e educativos do livro.

Examinando diversos livros descobri que muitos autores me interessavam. Então, decidi escolher um tema central em literatura infantil, para ser analisado em diferentes livros, de diferentes autores.

Lendo e relendo diversas obras, notei estar presente em muitas a questão da diferença, da inclusão/exclusão. Notei ser um aspecto frequentemente abordado nos livros de literatura infantil.

Esse tema já tinha aparecido quando cursei a disciplina Metodologia do Ensino Fundamental (EP/153), no quarto semestre do curso de Pedagogia. Nesta disciplina foi proposta a realização de uma pesquisa empírica, baseada, principalmente, na observação e pesquisa exploratória de fragmentos do meio curricular através da inserção na realidade de um ambiente escolar.

Escolhi como campo de pesquisa uma pré-escola, e, com o tempo, um aspecto principal foi se delineando como centro de interesse para pesquisa: a questão do processo de inclusão/exclusão no âmbito da Educação Infantil.

A partir de tal centro de interesse (o tema inclusão/exclusão), resolvi analisar esta mesma questão em obras de literatura infantil.

De todas as obras examinadas, uma particularmente me chamou a atenção, tendo em vista o tema escolhido: “O Patinho Feio”, de Hans Christian Andersen, pois essa obra é muito conhecida, e apresenta, claramente, a questão da diferença, da exclusão/inclusão.

Tendo em vista essas considerações, percebi a necessidade de analisar a literatura infantil, já que ela pode consistir num veículo de transmissão das regras do mundo adulto para as crianças, além da intenção da formação moral, bem como a preocupação com o conhecimento cognitivo que marcam grande parte das obras infantis.

Assim, o presente projeto de trabalho de conclusão de curso partiu da necessidade de aprofundar o estudo sobre a literatura infantil, tendo como referência a obra “O Patinho Feio”, de

Hans C. Andersen, considerada uma das “grandes obras” do gênero infantil.

A obra citada se inicia falando de uma pata que se encontrava no bosque, chocando seus ovos. Em determinado momento, os patinhos nascem. Porém, de um ovo, o maior, sai um “patinho” diferente dos demais, e assim considerado feio por todos.

Certo dia, cansado daquela situação, ele fugiu.

Por onde passava, continuava a ser olhado com indiferença pelas criaturas, escutava sempre o mesmo comentário sobre o quanto era feio.

Após muitas tristezas e decepções, o patinho vai reconfortar-se em um lago habitado por cisnes.

Resolveu aproximar-se de tão belas criaturas. Eles o viram e se aproximaram.

O “patinho”, achando que iria ser rejeitado e caçado, abaixou a cabeça e viu seu reflexo na água. Ele não era mais aquele patinho feio, desajeitado e cinzento. Era um belo cisne.

Com o objetivo de fornecer uma base teórica que propicie uma melhor compreensão sobre as diferenças, exclusão e inclusão, iniciarei agora uma apreciação da concepção desses processos e dos próprios termos que os designam, a partir das idéias de alguns autores com os quais trabalho no desenvolvimento deste projeto.

1. SOBRE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Em geral, a literatura que estuda a exclusão social parte do pressuposto de que existe uma diferença entre exclusão social originada na esfera produtiva e a derivada de questões culturais e de cidadania. A luta pela cidadania resume-se no empenho pela inclusão no acesso aos serviços, na dinâmica produtiva, na tentativa de reconhecimento das diferenças culturais, etc.

No atual momento, as organizações políticas e acadêmicas da sociedade determinam um modelo comum de sociedade e de sujeito social a fim de resgatar o reconhecimento das diferenças na perspectiva da inclusão. O Estado, na qualidade de uma destas organizações sociais, cumpre importante papel na construção desse modelo homogêneo.

Hoje, a exclusão social possui diversas definições e conceitos, embora genéricos. Robert Castel (1995), por exemplo, considera a exclusão social "como rupturas de situações de vínculos sociais lábeis" (cf. Boneti, 1998, p.15). Já para Escorel (1995), excluir equívale a deixar o sujeito fora dos parâmetros e normas que determinam as relações sociais. Vincent Gaulejac (1994) entende a exclusão social como resultado de mudança tecnológica, cultural e social, associando-a à luta pelo espaço na sociedade. E Boaventura de Souza Santos (1995) considera que, "se a desigualdade é um fenômeno socioeconômico, a exclusão é sobretudo um fenômeno sociocultural" (cf. Santos, 1995, p.01).

Para Lindomar W. Boneti, a exclusão social simboliza a exclusão do direito à cidadania, pois a perda das oportunidades –por via do processo de seletividade e de participação produtiva– faz com que o sujeito social perca o direito ao atendimento igualitário nos serviços sociais básicos (educação, saúde, segurança, etc.) e o direito de ser diferente.

A partir de um padrão referencial, determinado pelo Estado, é processada a homogeneização das diferenças, a qual parte do pressuposto que a igualdade está associada à utilidade social do sujeito. O Estado promove essa homogeneização através da educação, políticas de desenvolvimento, atendimento a serviços sociais básicos, etc.

Independente da circunstância, o processo de exclusão se dá a partir de um contexto de mudança na estrutura social; tal processo torna diferente os sujeitos sociais. A exclusão vem como passo seguinte e, "onde quer que ela se manifeste, resume-se na exclusão do direito à cidadania" (cf. Boneti, 1998, p.39).

Para uma análise mais complexa dos processos de inclusão/ exclusão, precisamos aprofundar nosso olhar sobre os aspectos gerais destes.

Jean Claude Forquin (1992) desenvolve idéias a respeito destes processos; para este autor, "a maneira pela qual uma sociedade seleciona, classifica, distribui, transmite e avalia os saberes

destinados ao ensino reflete a distribuição do poder em seu interior e a maneira pela qual se encontra aí assegurado o controle social dos comportamentos individuais" (cf. Forquin, 1992, p.39).

Diferente e inovadora é a visão de Tomás Tadeu da Silva, que diz: "Estamos também bem no meio de uma época em que vemos aumentar a nossa volta o perímetro e o espaço da destituição, da exclusão e da privação, de exploração do outro e da terra, em que as possibilidades de gozo, de desfrute, de fruição dos prazeres e alegrias da vida e do mundo se vêem intensamente ampliadas para uma parcela da humanidade, ao mesmo tempo que se fecham definitiva e impiedosamente para outras, (...)" (cf. Silva, 1990, p.02).

Maria de Fátima Reipert de Godoy, em seu livro *Trabalhando o preconceito: a visão da criança frente à diferença*, defende a idéia de que integrar os grupos ou indivíduos com características diferentes é o maior desafio das comunidades contemporâneas. A família é o primeiro agente socializador nessa tentativa de integração; posteriormente, a escola tem papel determinante na vida de uma criança, pois ajuda a desenvolver valores éticos, morais, culturais, afetivos, estéticos, etc.

O conhecimento do sujeito social, o que ele conhece e como conhece "é marcado pelas suas condições de vida, pelo assujeitamento e pelo estigma, pelas palavras, pelos valores, produtos das relações sociais". (Smolka, 1988, p.47)

Resta questionarmos quais têm sido os parâmetros da sociedade para seus sujeitos; procura-se uma pessoa idealizada e construída pela sociedade, que é justamente a que não encontramos. E os que não correspondem a essa imagem "idealizada e padronizada" são considerados "problemas". A sociedade esquece que "a estigmatização velada passa a ser um fardo a mais, um dilema adicional a ser equacionado por esses (...) já em desvantagem." (Aquino, 2000, p.133)

Vivemos numa cultura de exclusão, pertencente às instituições sociais brasileiras mantidas e oriundas de uma sociedade desigual e excludente.

A sociedade produz fracassos e sucessos, enquanto modelo social e cultural de funcionamento organizativo.

Aceitando a existência dessa cultura, enxerga-se que os indivíduos presentes nela têm valores, expectativas e crenças diferentes que se confrontam com a necessidade de se adaptar à vida social. "Essa cultura materializada termina por se impor à cultura individual, ao menos interage conflitivamente e leva à construção de significados e crenças sobre o fracasso e sucesso(...)".(Arroyo, 1992, p.48)

Existe a necessidade de trabalhar uma "perspectiva ético-política de continência e inclusão conseqüente a alteridade" (Aquino, 2000, p.123), principalmente com aqueles designados "problemas", "perturbados", "horrorosos", entre diversos outros rótulos muito conhecidos por nós.

Devemos entender que a diferença existe, e não é uma “anomalia”, está presente na sociedade, na escola, nas famílias. O que devemos aprender a fazer é aceitá-la, aceitar o desconforto que ela nos apresenta, para que dessa forma possamos encará-la e descobrir o melhor modo de trabalhá-la, tirando proveito e aprendizagem, para que possamos aperfeiçoar e ampliar nossos conhecimentos.

Uma metáfora interessante da inclusão é a do caleidoscópio, descrita por Forest e Lusthaus (1987): "O caleidoscópio precisa de todos os pedaços que o compõem. Quando se retira pedaços dele, o desenho se torna menos complexo, menos rico. As crianças se desenvolvem, aprendem e evoluem melhor em um ambiente rico e variado".

A partir dos diferentes conceitos de inclusão/exclusão acima apresentados, assumi para esta pesquisa o conceito que coloca a exclusão como o ato de não admitir, não compreender, *expulsar* aquilo que é diferente. Assim, como considera Escorel (1995), excluir equivale a deixar o sujeito fora dos parâmetros e normas que determinam as relações sociais. A exclusão seria, então, “um fenômeno sociocultural.”(Santos, 1995)

Após essa breve exposição sobre a diferença, exclusão/inclusão, acredito ser válido um breve histórico da literatura infantil, na tentativa de favorecer uma compreensão mais ampla deste trabalho de conclusão de curso.

2. ABRANGÊNCIA DO CONCEITO DE LITERATURA

Quando nasceu, na antiga Grécia, a literatura não possuía esse nome. Chamava-se poesia e existia para divertir a nobreza. Era declamada por profissionais da palavra, narradores de feitos bélicos do passado para uma aristocracia. A *Iliada* e a *Odisséia* devem seu aparecimento a essas circunstâncias.

A poesia assumiu desde cedo propensão educativa, oferecendo ao povo padrões de identificação, um passado comum, a sua história, etc.

Muitos séculos se passaram até que a literatura adotasse o nome que atualmente a identifica. Não foram apenas os gregos que a conheceram com o nome de poesia; romanos da antigüidade e europeus renascentistas não recusaram a denominação primitiva.

Uma certeza mantém-se com o tempo: a de que o texto poético favorece a formação do indivíduo, cabendo, pois, expô-lo à matéria-prima literária, requisito indispensável a seu aprimoramento ético e intelectual.

O fato de a literatura ter como objetivo principal “educar”, até fins do século XVIII, permite compreender o que ocorreu depois. Do ponto de vista pessoal, a literatura favorecia o ideal do herói e, do social, reprimia o individualismo, colocando o interesse coletivo acima do privado.

Na Renascença, sobretudo, “a relação entre a poesia e o ouvinte perdeu o caráter comunitário e público, tendendo para o particular e íntimo.” (Silva e Zilberman, 1990, p.13)

Após a Revolução de 1789, franceses introduzem na escola a literatura nacional, que torna-se objeto da história literária. Nessa época a literatura já era uma denominação consagrada, e incluía toda a produção escrita consignada em livro. A poesia, então, passou à condição de gênero.

Desde então, o ensino da literatura varia entre auxiliar no conhecimento da norma lingüística nacional, e responder por uma história coincidente com a do país de quem toma o nome e cuja existência acaba comprovando. Na historiografia literária portuguesa, por exemplo, esses “temas” surgem como campos “análogos” e “separados” de toda outra erudição, sendo que o estudo literário tinha, no século XVIII, o objetivo estratégico de estabelecer a especificidade da nação portuguesa. Especificidade esta assegurada por uma trajetória histórica e um idioma particulares.

Essa estratégia de veicular o termo “literatura” a um conjunto de obras, ainda não reunidas por afinidades estéticas ou formais, mas por terem sido produzidas em determinado território ou tempo foi utilizada em toda a Europa no século XVIII, no sentido de recortar as obras do intelecto, agrupando-as por épocas e nações.

A discussão em torno do conceito de literatura e os impasses enfrentados pela historiografia literária não são problemas novos. É necessário ressaltar a dificuldade em conceituar um objeto

numa época em que a multiplicidade dos produtos culturais amplia-se de forma extraordinária, e a dificuldade em definir conceitos de época e periodizações estáveis, tendo em vista as novas concepções de história.

Assim, tanto os pressupostos, métodos e limites do que se concebe como História mudaram e mudam, como também mudou e muda o que se entende por literatura.

Entretanto, o esforço dos primeiros historiadores de literatura foi empreendido no sentido oposto, ou seja, operando recortes no interior do conceito excessivamente abrangente de literatura.

Voltaire, por exemplo, no século XVIII, definia a literatura não como uma “arte particular”, mas como um nome que designava o conhecimento de um conjunto vasto de saberes – história, poesia, eloquência, crítica. Literatura equivalia a erudição.

Essa enorme abrangência do conceito de literatura não era uma deficiência ou um anacronismo dos dicionários, mas refletia, sim, a inexistência de um conceito que operasse um recorte no interior do conjunto das produções escritas.

Em certo momento, como já citado, a literatura passou a ser vinculada à idéia de nação. Essa perspectiva foi aprofundada pelos intelectuais que se dedicaram à produção de histórias literárias, fortemente associadas a essa idéia. Tais produções floresceram em toda a Europa no século XVIII.

Na segunda metade do século, a especialização do conceito começou a se produzir em países como a França, Alemanha e Inglaterra, onde transformações técnicas, sociais e políticas criaram as condições necessárias ao surgimento de noções como literatura, crítica ou história literária.

Assim, dado o objetivo principal dos autores de história literária como o de arrolar cronologicamente autores e obras escritas em uma dada língua ou nascidos em determinado território, não pareceu necessário agrupar esta produção segundo características internas comuns, estéticas ou formais, criando períodos ou escolas literárias.

Para a definição moderna de literatura, a poesia teve papel de suma importância. A especificidade da poesia é discutida desde a Antigüidade Clássica, como citado anteriormente. Deste modo, para a poesia e o teatro existia um conjunto de regras, uma técnica, codificada e discutida desde Platão, o que veio se desenvolvendo e forneceu terminologias, conceitos, modelos e regras para a análise desse gênero literário. Assim, a poesia foi a peça chave no trabalho da historiografia literária em sua gênese.

Entretanto, ao mesmo tempo que esse movimento destacou características e gêneros de um conjunto de produções de modo a diferenciá-las de outras obras escritas, realizou também um trabalho de exclusão. A literatura passou não só pelo agrupamento de gêneros poéticos, dramáticos e ficcionais, mas também pela seleção de alguns autores e obras produzidas nestes gêneros, fazendo com que outras não fossem consideradas dignas de apresentação e análise. Essa “exclusão” se deu

principalmente no que diz respeito à prosa ficcional, às novelas, contos e romances de largo sucesso editorial em fins do século XVIII e início do XIX. As eleições e exclusões que se operavam nestes trabalhos eram sustentadas por critérios não explicitados.

Passou-se, então, de um conceito bastante amplo – a literatura como conjunto de conhecimento produzido – para um conceito bastante restritivo – literatura como grupo de obras e autores consagrados.

Conclui-se, então, que a literatura é fruto de um momento histórico específico, em que uma série de fatores criaram a necessidade deste conceito. Foi neste período que se profissionalizou o escritor, que surgiram os críticos profissionais e se fortaleceu a figura do editor.

Atualmente, a multiplicidade de técnicas e meios para a composição e difusão do “texto” e também a chamada “globalização” (que leva a uma diminuição da importância do conceito de nação) estão, provavelmente, causando uma grande “crise” no conceito de literatura.

2.1. Literatura infantil e suas especificidades

O século XIX foi um século de grande importância para toda a Literatura, pois significou um período de expansão de estéticas, formas e alcance de público da Literatura Geral. A Revolução Industrial repercutira na organização social e nos valores da sociedade. Imersa nesse contexto, a Literatura Infantil amadureceu e revigorou-se, ampliou seus aspectos, estritamente comprometidos com a Pedagogia e a Ética no século XVII, e encontra espaço para os interesses da criança.

Durante o início do século XIX, com a vinda da família real para o Brasil e o conseqüente impulso para reformas e progresso, o país começa a vislumbrar um sistema educacional, fator primordial para a existência de uma literatura infantil própria. Embora a Imprensa Régia, recentemente implantada, conferisse oficialmente ao Brasil uma atividade editorial, a produção de livros apresentava-se ainda precária e esporádica.

A Literatura Infantil de então se caracterizava por algumas traduções de contos e aventuras fantásticas consolidadas no século anterior enquanto o ensino da leitura servia-se (sob o paradigma do espírito romântico) da Constituição do Império, do Código Criminal, dos Evangelhos, e vez por outra de um resumo da História do Brasil

Mas o romântico ideal nacionalista da época iria, ao longo do século XIX, produzir e configurar uma literatura infantil verdadeiramente direcionada para o jovem público brasileiro. Conforme se multiplicam o número de alunos e instituições educacionais, as primeiras séries graduadas de livros de leitura começam a surgir, ao lado de adaptações de obras estrangeiras e da produção de jornais de caráter infanto-juvenil.

Apresento agora um lista dos títulos de Literatura Infantil publicados até 1880. Tal lista foi retirada do site “<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios>”, no qual é apresentado o trabalho final da disciplina Literatura Brasileira III, ministrada pela professora Marisa Lajolo, no ano de 2001, no curso de Letras da Universidade Estadual de Campinas. O título do trabalho é “Literatura Infantil (1880-1910)”.

Títulos (Autores Brasileiros):

Leitura para Meninos (1818) – José Saturnino da Costa Pereira

Gramática do Coruja (1835) – Antonio Álvaro Pereira Coruja

Compêndio de Grammatica portuguesa da Primeira Idade (1855) – Cyrilo Dilermando da Silveira

Postillas de Grammatica Geral (185?) – Francisco Sotero dos Reis

Epítome da Gramática Portuguesa (1860) – Abílio César Borges (Barão de Macaúbas)

Livro do povo (1861) – Antônio Marques Rodrigues

Novo Methodo de Grammatica Portugueza (1862) – Joaquim Frederico Kiappe da Costa Rubim

Geografia Física (1863) – Abílio César Borges

Gramática Analítica da Língua Portugueza (1865) – Charles O. A. Grivet

Gramática Portuguesa (1865) – Francisco Sotero dos Reis

Diccionario Grammatical Portuguez (1865) – J.A. Passos

Método Abílio (1868) – Abílio César Borges

Pontos de Retórica (1868) – Meneses Vieira

Compêndio de Gramática da Língua Portuguesa (1972) – Laurindo Rabelo

Desenho Linear ou Geometria Prática Popular (1876) – Abílio César Borges

O Livro do Nenê (1877) – Meneses Vieira

Primeiras Noções de Gramática Portuguesa (1877) – Meneses Vieira

Compêndio de Gramática Portuguesa (1979) – Augusto Freire da Silva

Gramática Portugueza (187?) – Manoel Olympio Rodrigues da Costa

Noções de Arithmética (187?) – Manoel Olympio Rodrigues da Costa

Títulos (Autores Portugueses):

Arte da Grammatica da Língua Portugueza (1837) - A. J. Lobato

Grammatica Philosophica (1871) – Soares Barbosa

Compêndio de Grammatica Portugueza (1871) – Vergueiro e Pertence
Nova Grammatica Portugueza (1876) – Bento José de Oliveira

Títulos de Traduções:

As aventuras pasmosas do Barão de Munkausen (181?)
O Último dos Moicanos (1838) – Fenimore Cooper; traduzido por Caetano de Lopes Moura
Aventuras do Barão de Münchhausen (1848)
Obras de Júlio Verne; traduzidas por Jovina Cardoso
Obras de Alexandre Dumas; traduzidas por Ciro Cardoso
O canário (1856) – Cônego (Christoph) von Schmid
A cestinha de flores (1858) – Cônego (Christoph) von Schmid
Joãozinho (1858) – Charles Jeannel; traduzido por Antônio Rêgo
Os ovos de Páscoa (1860) – Cônego (Christoph) von Schmid

Jornais Infanto-Juvenis:

O Adolescente (1831), Salvador
O Juvenil (1835), Rio de Janeiro
Livraria dos Meninos (1937), Salvador
Jornal de Instrução e de Recreio (1845), Maranhão
O Mentor da Infância (1846)
Kaleidoscópio (1860), São Paulo
Ensaio Juvenil (1864)
Imprensa Juvenil (1870)

Fica claro, a partir da mera observação da lista de títulos brasileiros de literatura, que a grande maioria deles estava vinculada à transmissão de “conhecimento”, ou seja, tinha um caráter estritamente pedagógico. Isso pode ser verificado constatando-se o grande número de livros que tratam da gramática da língua portuguesa. Ainda não estava consolidada a literatura infantil desvinculada de tais fins educacionais, e o número de livros que não traziam preceitos morais, de conduta ou que não tivessem a finalidade de “educar” era muito pequeno. Mas, já se delineava, sim, uma literatura voltada especificamente para o público infanto-juvenil, o que significou um grande passo na história da literatura infantil brasileira.

apuro na linguagem, expondo as crianças a bons textos, o que resulta também no culto de grandes autores e grandes obras.

Outro “tema” predominante nos livros de literatura infantil é o *intelectualismo*. Assim, além da valorização dos grandes autores como modelo de língua, também eram valorizados como modelo de cultura a ser imitada; o livro e o estudo eram extremamente valorizados como meios essenciais de realização social.

Por fim, o *moralismo e a religiosidade* são também “temas” bastante recorrentes nos livros em questão, transmitindo valores que todo bom cidadão deveria ter como honestidade, bondade, respeito aos mais velhos, cumprir os deveres, caráter reto, obediência aos preceitos cristãos, caridade, dedicação ao trabalho e à família, etc.

Assim, uma das condições da literatura infantil traduzia-se em veicular a transmissão das regras do mundo adulto para um destinatário que deveria ser conquistado: a criança.

Ao tratar-se da especificidade da literatura infanto-juvenil como gênero textual, deve-se, então, levar em conta as relações que estabelece com diversos campos do conhecimento, por causa do tipo de receptor ao qual se dirige, e também pela problemática histórica desde seu aparecimento, no século XVIII.

Dessa forma, deve-se questionar “(...) os componentes ideológicos dos textos que se distinguem pela moral explícita, cunho pedagógico e entretenimento dirigido, de modo a se tornarem veículo de expressão das classes dominantes no seu interesse de moldar a ‘criança’.”(Khéde, 1983, p. 07)

Consciente disso, propõe-se que o processo de ler, desde a infância, seja capaz de situar de modo não alienante a criança, percebendo e minimizando a cisão mundo-adulto e mundo-infantil.

2.1.2. Novos destinos da literatura infantil

Buscando compreender as mudanças pelas quais passou e passa a literatura para crianças e jovens no Brasil, verifica-se o surgimento de uma nova tendência discursiva nas manifestações literárias dirigidas a esses grupos de leitores no país. Se até os anos 70 dominava entre nós uma concepção utilitária da literatura infantil, uma tradição pedagógica, concretizada através de um discurso articulado em função de sua eficácia junto à criança, a partir de então essa tradição sofrerá um abalo. É que, a partir do início dos anos 70, uma geração de escritores retoma a postura de Monteiro Lobato que, já na década de 20, provocara uma grande mudança na narrativa destinada ao público infantil.

O trabalho de Lobato ficou isolado até os anos 70 e, assim, não foi suficiente para romper a concepção pragmática tradicionalmente ligada à literatura para crianças e jovens. “Nascida sob o

signo da edificação, do moralismo, da prescrição, essa literatura esteve sempre mais próxima da Pedagogia, naquilo que esta possui de pragmático, que da Arte.”(Perroti, 1986, p. 13) A literatura infantil apresentou-se quase sempre munida de um discurso que visava em primeiro lugar a atuar junto ao leitor, no sentido de integrá-lo à ordem social dominante.

Assim, nos anos 70, uma nova geração de escritores, agora não mais isolados, como Lobato, mas em conjunto, coloca em crise a concepção utilitária da literatura infantil, propondo uma nova compreensão para esse gênero literário. Esses escritores têm uma nova consciência social, reclamando que suas obras sejam compreendidas enquanto arte, abandonando, então, o papel de moralistas ou “pedagogos”. Assim, firmam compromisso prioritariamente com a Arte e não com a Pedagogia, como era norma.

“Talvez o sintoma mais evidente dos novos destinos que tomaria a literatura brasileira para crianças e jovens seja a publicação, em novembro de 1971, de *O caneco de prata*, de João Carlos Marinho Silva.”(Perroti, 1986, p. 12). João Carlos Marinho Silva inscreve, em *O caneco de prata*, o discurso literário produzido no país para o público infanto-juvenil não somente no âmbito da contemporaneidade estética, como também o eleva à condição artística. *O caneco de prata* pode ser tomado como verdadeiro divisor de águas na literatura brasileira para crianças e jovens. “Depois de *O caneco de prata*”, a literatura para crianças e jovens pode fazer indagações radicais para o seu público, pode demonstrar perplexidade, auto-referir-se, questionar seu papel em um país como o Brasil.”(Perroti, 1986,p. 13)

Em *O caneco de prata*, não se vê mais um texto formulado tendo em vista a ação sobre o leitor, mas sim um texto que, patenteando sua “artificialidade”, permite leituras em diversos níveis que são definidos pelo leitor, segundo seus próprios parâmetros. Estamos diante de uma obra “aberta”, onde a ambigüidade é a marca fundamental, que a diferencia, pois revela uma preocupação não mais com a transmissão de certezas, de alinhamentos rígidos do mundo, mas com seu questionamento, caso o leitor deseje, pois tal decisão também cabe a ele.

Entretanto, a concretização de projetos literários que retomavam antigas preocupações “lobateanas” só foi possível graças às novas condições sociais dos anos 70. Cria-se, assim, uma concepção nova do que poderia ser a literatura infantil.

Dentro dessa perspectiva surge, por exemplo, a obra de Lygia Bojunga Nunes que a leva à obtenção do prêmio *Hans Christian Andersen*, em 1982, a maior láurea internacional do setor. Surgiram também, entre outros, trabalhos como os de Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Elvira Vigna, Marina Colasanti.

Surgiram também propostas inovadoras de fusão da linguagem verbal com as artes gráficas, sendo o *Flicts*, de Ziraldo, a experiência mais bem sucedida e a obra maior dessa tendência.

3. LITERATURA INFANTIL E A PROBLEMÁTICA DA INCLUSÃO/EXCLUSÃO

3.1. “O Patinho Feio” – a história

A seguir apresento o texto integral de “O Patinho Feio”, traduzido por Tabajara Ruas do original dinamarquês *Samlede Eventyr og Historier*, em 1993.

Outros autores que também traduziram esta obra: Arnaldo de Oliveira Barreto (1915), Monteiro Lobato (1934), Guttorm Hanssen (1978), Mary França (1990) e Heloisa Jahn (1995).

Era uma delícia só lá no campo; era verão! O trigo estava dourado, a aveia verde, o feno cortado e empilhado sobre o prado, cegonhas andavam sobre suas longas pernas vermelhas e falavam egípcio, porque tinham aprendido esse idioma de suas mães. Ao redor das lavouras e prados erguiam-se grandes bosques e no interior dos bosques havia lagos profundos; sim, estava verdadeiramente delicioso lá no campo!

Em meio à paisagem ensolarada havia uma velha herdade cercada de canais profundos, e seus muros, até chegar à água, estavam cobertos de enredadeiras com folhas tão grandes que as crianças podiam ficar de pé sob a maior delas; ali era quase tão selvagem quanto no ventre do bosque, e ali sentava-se uma pata em seu ninho; ela chocava os ovos à espera dos patinhos, mas começava a ficar aborrecida, porque estava no choco há muito tempo e recebia poucas visitas; suas amigas preferiam nadar nos canais a subirem até lá e ficarem acoradas debaixo das folhas conversando com ela.

Finalmente, um após o outro, os ovos foram estalando: “Pip, pip!” diziam, e as gemas adquiriam vida e botavam a cabecinha de fora.

“Rápido, rápido!” dizia ela, e os filhotes saíam o mais rápido que podiam e sentavam-se sob as folhas verdes, e a mãe deixava-os olhar o quanto quisessem, pois o verde faz bem para os olhos.

“Como o mundo é grande!” admiravam-se os filhotes; com razão, pois agora tinham muito mais espaço do que dentro do ovo.

“Vocês pensam que este é o mundo inteiro” disse a mãe; “o mundo se estende até o outro lado do jardim e chega perto do quintal da igreja; mas até lá eu nunca fui! Bem, vocês já estão todos aqui!” – e então ela levantou-se, “não, ainda não estão todos! O ovo maior ainda não abriu; como demora! Já começo a ficar chateada com isso!” – e deitou-se outra vez no ninho.

“Então, como vai indo?” perguntou uma velha pata que veio fazer uma visita.

“Um ovo está demorando demais” disse a pata chocando; não há jeito de descascar! Mas vai dar um olhada nos outros! São os patinhos mais lindos que já vi! Todos se parecem com o pai, aquele malandro que não veio me fazer nunca uma visita.

“Deixa eu ver o ovo que não quer descascar” disse a pata velha. “Pode acreditar que é um ovo de peru! Eu já fui lograda assim uma vez e só eu sei o trabalho que tive para criar aquele bicho, porque ele tinha medo da água e não havia meio de fazê-lo entrar no tanque! Eu gritava e empurrava mas não tinha jeito! Deixa eu ver esse ovo! Sim, é um ovo de peru. Deixa ele aí e vai ensinar os outros a nadarem.”

“Vou ficar mais um pouco” disse a pata. “Já fiquei aqui tanto tempo que posso ficar ainda um pouco mais.”

“Bom proveito” disse a pata velha, e foi embora.

Finalmente o ovo grande partiu-se. “Pip! Pip!” disse o filhote saindo para fora da casca; ele era tão grande e feio! A pata olhou para ele: “É um filhote muito grande e diferente” ela disse. “Nenhum dos outros se parece com ele! Mas não acredito jamais que seja um filhote de peru! Vou descobrir isso já! Ele vai para a água nem que eu mesma tenha que empurrá-lo para dentro!”

O dia seguinte amanheceu magnífico, com o tempo delicioso; o sol batia em cheio nas folhas das trepadeiras verdejantes. A mãe pata desceu para o canal com toda a ninhada: plaft! Saltou para dentro da água. “Rápido, rápido” chamava ela, e um por um os patinhos foram jogando-se à água; desapareciam nela e tornavam a aparecer, boiando agradavelmente, batendo as pernas com naturalidade; não faltou nenhum, nem mesmo o que era tão grande e de uma cor acinzentada.

“Não, não é um peru” disse ela, “basta ver como move as patas e como se mantém sobre a água; ele é meu mesmo! E até, visto daqui, nem parece tão feio! Rápido, rápido, venham comigo, vou introduzi-los no mundo e apresentá-los no quintal dos patos, mas fiquem sempre junto de mim que ninguém vai pisá-los, e muito cuidado com o gato!”

E então eles entraram no quintal dos patos. Chegaram num momento de grande confusão, porque duas famílias disputavam uma cabeça de peixe, que acabou ficando com o gato.

“Vejam vocês como é o mundo!” disse a mãe pata lambendo o bico, porque também ela cobiçava a cabeça do peixe. “Usem as pernas!” comandou; “Viram como podem apressar-se! E inclinem a cabeça para aquela pata mais velha, ela é a mais importante de todos que estão aqui! Ela tem sangue espanhol, por isso é tão gorducha. Ela tem um pano vermelho na perna, isso é algo muito bom, é a distinção máxima que um pato pode conseguir, significa muito, significa que não querem separar-se dela e que é para ela ser reconhecida por pessoas ou animais! Rápido, vocês! Não quero ver ninguém encolhendo as pernas! Patinhos bem educados espicham as pernas, como fazem papai e mamãe, vejam! Agora curvem o pescoço e digam: rápido!”

E assim eles fizeram; mas os outros patos andaram em volta deles e comentaram em voz alta: “Vejam só! Agora vamos ter mais essa turma aqui dentro, como se já não fôssemos suficientes! E

vejam aquele ali como é feio! Esse não dá para agüentar!” E um pato investiu contra o patinho e bicou-o no pescoço.

“Deixe-o em paz!”, gritou a mãe; “Ele não fez mal nenhum!”

“Sim, mas é grande demais e estranho!”, respondeu a pata que o bicara.” Ele precisa apanhar!”

“São muito bonitos os seus filhos” disse a velha pata com o pano vermelho na perna, “ todos saíram muito bem, menos aquele ali. Eu gostaria que a senhora pudesse chocá-lo outra vez.”

“ Não é possível, Sua Graça!” disse a mãe pata, “ele não é gracioso, mas tem bom gênio e nada tão bem, igual aos outros, até um pouco melhor; quando crescer ele deve ficar um pouco mais bonito, quem sabe até um pouco menor! Ele ficou tempo demais dentro do ovo, por isso não saiu com o formato bom.” E a pata afagou-lhe o pescoço com uma bicada; “além disso ele é pato macho e a beleza já não importa tanto! Eu acho que será bem forte e se sairá bem.”

“ Os outros são uma gracinha” disse a pata velha; “muito bem, estejam à vontade, como em sua casa; se encontrarem alguma cabeça de peixe, vocês podem trazer para mim!”

E então eles ficaram como em casa. Mas o pobre patinho, que saíra por último do ovo, e tinha aparência tão desagradável, foi empurrado, bicado e escarnecido, e não só pelos patos, mas também pelas galinhas. “Ele é muito grande!” exclamavam todos, e o peru macho, que nascera com esporas e por isso pensava que era o Imperador, inchou todo, como um navio com velas enfunadas, avançou para o patinho, insultou-o, e depois ficou com a cabeça avermelhada. O pobre patinho não sabia para onde ir nem onde se meter, de tão confuso, porque parecia tão feio e servia de zombaria para todo o quintal.

Assim foi o primeiro dia, e depois foi pior e pior. O pobre patinho foi caçado por todo mundo, até seus irmãos eram maldosos com ele, e diziam o tempo todo: “Tomara que o gato lhe pegue, seu fracassado!” E a mãe dizia: “Se pelo menos você estivesse longe daqui!” e os patos o bicavam e as galinhas o beliscavam e até a moça que alimentava as aves tratava-o com pontapés.

Então ele correu e ergueu-se, voando sobre a cerca; os pequenos pássaros, nas moitas, assustaram-se! “É porque eu sou tão feio”, pensou o patinho, e fechou os olhos mas continuou afastando-se; então chegou no imenso brejo onde vivem os patos selvagens. Ali passou toda a noite, cansado e tristonho.

Ao amanhecer, os patos selvagens levantaram vôo e viram o novo companheiro: “Quem é você?” perguntaram eles, e o patinho virava-se para todos os lados e fazia saudações da melhor maneira que podia.

“Você é um bocado feio” disseram os patos selvagens, “mas isso não interessa, desde que não te cases com ninguém de nossa família!” Coitado! Ele pensava justamente em não se casar; tudo o que queria era licença para ficar entre os juncos e beber um pouco da água do brejo.

Ficou por ali durante dois dias, quando chegaram dois gansos selvagens, ambos machos; não fazia muito tempo que tinham saído da casca do ovo, por isso pareciam tão saudáveis.

“Olhe aqui, companheiro!” disse um deles, “você é tão feio que eu até gosto de você! Não quer vir com a gente e ser uma ave de arribação? Em outro brejo, perto daqui, há uma porção de gansas jovens e bonitas. É só ir chegando e falando: cheguei! Você é bem capaz de ter sorte com elas, de tão feio que é!”

Bang, bang! Ouvia-se nesse momento acima deles, e os dois gansos selvagens caíram mortos entre os juncos e a água tingiu-se de vermelho; bang, bang! Ouvia-se outra vez e toda a passarada e todos os gansos selvagens elevaram-se voando de entre os juncos, e tornaram a descer. Era uma grande caçada; os caçadores estavam de tocaia no brejo, alguns subiam nas árvores que se debruçavam sobre os juncos; a fumaça azulada elevou-se como nuvens por entre as árvores escuras e depois espalhou-se longamente sobre a água; irromperam brutalmente os cães de caça!

Juncos e bambus deitaram-se para todos os lados; foi um horror para o pobre patinho, que enfiou a cabeça embaixo da asa, e no mesmo instante, um cão enorme, apavorante, surgiu diante dele, com a língua pendendo comprida fora da boca e os olhos brilhando de ferocidade; escancarou a boca contra o patinho, mostrando os dentes afiados e...paf! afastou-se sem atacá-lo.

“Abençoado seja Deus!” gemeu o patinho, “sou tão feio que nem o cachorro quis me morder!”

“Ficou deitado, quietinho, enquanto as balas zuniam entre os juncos e ouvia tiro após tiro.

O dia avançou muito até tudo se aquietar, mas o pobre patinho não se arriscou a sair do lugar, esperou várias horas até olhar bem a redondeza e depois saiu correndo, deixando o brejo, correndo sobre campos e prados, mas com um vento tão forte que ele mal conseguia sair do lugar.

À noitinha, chegou numa pequena e pobre casa de campo; de tão estragada, ela não sabia para que lado cair e então ficava em pé. O vento soprava com tanta força que o patinha teve que sentar-se sobre a própria cauda e manter-se firme; e o vento ficava pior e pior; ele deu-se conta que a porta desprendera-se de um dos gonzos, e pendia, torta, dando passagem para que entrasse no vestibulo, e foi o que ele fez. Aí morava uma velha senhora com seu gato e sua galinha; o gato, que ela chamava de Filhote, sabia arquear o lombo e ronronar, e também podia faiscar os olhos, mas então era preciso que lhe alisassem o pelo ao contrário; a galinha tinha as pernas curtas e por isso era chamada de Nanica; ela botava bastantes ovos e a velha cuidava dela como de um filho.

Pela manhã, logo encontraram o patinho estranho, e o gato começou a ronronar e a galinha a cacarejar.

“O que é isso?” disse a senhora, andando em torno, mas ela enxergava mal e pensou que o patinho fosse uma pata gorda que andava perdida. “Isso é mesmo ter sorte,” ela disse, “agora terei ovos de pata, tomara que não seja um macho! É isso que eu vou ver.”

Então o patinho foi admitido, como experiência, por três semanas, mas não botou nenhum ovo. O gato era o Senhor da casa e a galinha a Senhora, e eles diziam o tempo todo: “Nós e o Mundo!” porque pensavam que eram a metade dele, e a melhor parte, naturalmente. O patinho pensou que se podia ter outra opinião, mas não falou disso para a galinha.

“Você pode pôr ovos?” perguntou ela.

“Não!”

“É, então deve fechar a boca.”

E o gato disse: “Sabe arquear o lombo, ronronar e faiscar os olhos?”

“Não.”

“Então não deve se intrometer em conversa de gente sensata.”

O patinho ficou num canto, aborrecido; pensou no ar fresco e no sol brilhando; sentiu de repente um estranho desejo de flutuar na água, e não resistindo, contou à galinha seus anseios.

“Mas o que é isso?” perguntou ela. “Você não tem nada a fazer, por isso fica pensando bobagens! Vá botar um ovo ou ronronar que isso passa!”

“Mas é tão bom boiar na água!” disse o patinho. “É tão bom ter a água cobrindo a cabeça e mergulhar até o fundo!”

“É, deve ser mesmo muito bom!” disse a galinha. “Está ficando maluco! Pergunte ao gato, ele é o sujeito mais inteligente que conheço, se ele gosta de boiar ou mergulhar na água! De mim nem quero falar! Pergunte à nossa patroa, a velha senhora, ninguém no mundo é mais inteligente do que ela! Acha que ela tem vontade de boiar ou mergulhar a cabeça na água?”

“Você não me compreende!” disse o patinho.

“Se nós não o entendemos então que vai entender você? Nunca será mais inteligente do que a patroa ou o gato, para não falar de mim! Não se meta a esperto, guri! E dê graças a Deus por todo o bem que lhe foi feito; consegui um quarto confortável e companhia da qual pode aprender alguma coisa, mas é um idiota e não é divertido falar com você! Pode acreditar em mim, só quero seu bem; digo coisas desagradáveis mas é por elas que se conhecem os verdadeiros amigos; trate logo de pôr ovos ou ronronar ou faiscar os olhos!”

“Eu acho que vou é correr mundo” disse o patinho.

“Pois então vá” disse a galinha.

E assim partiu o patinho; flutuou e mergulho na água, mas de todos os outros animais só recebeu desprezo pela sua feiura.

Agora desce o outono, as folhas no bosque ficam douradas e escuras, o vento as agarra e as faz dançar, e alto no céu há indícios de frio; as nuvens pairam, pesadas de granizo e neve, e nas cercas, corvos grasnam, ark, ark, do frio que ameaçava; sim, podia-se ficar enregelado só de pensar; o pobre patinho não passava nada bem.

Uma tarde, o sol descia abençoadamente, surgiu do bosque um bando de grandes e magníficas aves; o patinho nunca tinha visto nada tão bonito; eram de uma brancura brilhante, com pescoços longos e flexíveis; eram cisnes e soltaram gritos estranhos, abriram suas vistosas e imensas asas e voaram daquela região fria para as terras quentes, para os lagos abertos; subiram tão alto, tão alto que o pequeno patinho feio ficou maravilhado, rodando na água como um pião, de pescoço estirado, olhando para eles e soltou um grito tão alto e deslumbrado que ele mesmo se assustou.

Oh, não podia esquecer as graciosas aves, as felizes aves, e quando as perdeu de vista, mergulhou fundo, e ao voltar à tona estava fora de si. Não sabia como se chamavam aqueles pássaros nem para onde estavam voando, mas gostou deles como jamais antes tinha gostado de alguém; não sentiu inveja, como poderia desejar para si tal delícia, ele que já se teria dado por contente se os patos o tivessem tolerado em sua companhia; – pobre patinho feio!

E o inverno foi ficando tão frio, tão frio; o patinho era obrigado a nadar constantemente para evitar que a água congelasse de todo; mas, cada noite, o espaço onde ele nadava ficava menor e menor; o patinho tinha de mover continuamente os pés para que a água não endurecesse ao redor; por fim, o cansaço o venceu e ele ficou imóvel; prisioneiro do gelo.

Cedo pela manhã, passou um camponês e viu-o, aproximou-se, quebrou o gelo com o tamanco, libertou-o e levou-o para casa, entregando-o à sua mulher. Lá o patinho reanimou-se.

As crianças queriam brincar com ele, mas o patinho pensou que o queriam maltratar, assustou-se, fugiu e foi cair diretamente no latão de leite, entornando-o todo no chão da sala; a mulher gritou e ergueu as mãos no ar e ele voou, mais assustado ainda esbarrando no tacho de manteiga e caindo depois na barrica de farinha de trigo, de onde saiu com que aparência! A mulher gritava e golpeava atrás dele com a tenaz do fogão, as crianças corriam e caíam umas sobre as outras tentando caçar o patinho, e riam e gritavam – ainda bem que a porta estava aberta e o patinho saiu por ela e enfiou-se entre arbustos cobertos de neve recém caída – e ali ficou, como adormecido.

Seria demasiado aflitivo narrar todas as misérias e necessidades que o patinho sofreu naquele duro inverno – ele jazia no brejo, entre os juncos, quando o sol começou outra vez a esquentar; cotovias cantavam – era uma deliciosa primavera.

Ele bateu as asas e elas fizeram um rumor maior do que antes, e o carregaram com mais força; antes que se desse conta, achava-se num grande pomar, onde as macieiras estavam em flor, onde lilases perfumados pendiam, em longos ramos verdes, sobre canais sinuosos.

Tudo ali era tão delicioso, tão primaveril! Logo adiante, de entre o juncal, surgiram três formosos cisnes brancos; ruflavam as penas, flutuavam, tão leves, sobre a água. O patinho reconheceu os formosos pássaros e foi invadido por rara melancolia.

“Irei ao encontro desses pássaros reais e eles certamente me matarão porque eu, que sou tão feio, me atrevi a aproximar-me deles; não importa! Melhor ser morto por eles do que ser bicado pelos patos, perseguido pelas galinhas, chutado pela moça que cuida do galinheiro ou sofrer miséria no inverno!”

E ele voou para a água e nadou na direção dos maravilhosos cisnes, que o viram e partiram com as asas estrepitosas em sua direção. “Podem me matar!” disse o coitadinho, e curvou a cabeça para a água e esperou a morte – mas o que ele viu na água cristalina? Ele viu debaixo de si sua própria imagem, mas não era mais um pássaro cinzento, grosseiro, feio e sem graça, era um cisne.

Não importa nascer num ninho de patos, quando o ovo é de cisne!

Ele sentiu-se extraordinariamente contente com as misérias e angústias experimentadas; agora podia avaliar com justeza e felicidade, as delícias que o saudavam. Os grandes cisnes nadaram ao redor dele e o acariciaram com os bicos.

No jardim apareceram algumas crianças, que atiraram pães e grãos de trigo à água. O menor gritou:

“Há um cisne novo!” e as outras crianças se rejubilaram também: “É verdade, veio um novo!” E eles bateram palmas e dançaram em roda e foram correndo chamar seus pais e mães e jogaram mais pão e bolos na água e todos exclamavam: “O novo é o mais bonito de todos! Tão jovem e tão formoso!” Os cisnes mais velhos inclinaram suas cabeças para ele.

Ele ficou encabulado e escondeu a cabeça na asa, sem saber o que fazer; estava muito feliz, mas não arrogante, porque um bom coração não fica jamais arrogante; pensou no quanto fora perseguido e escarnecido, e agora ouvia todos dizerem que ele era o mais formoso entre todos esses pássaros formosos. Os lilases inclinavam os ramos sobre a água para ele, o sol brilhava tão quente e bom, quando sacudiu as pernas, curvou graciosamente o pescoço e deixou o coração rejubilar-se: “Tal felicidade eu nunca sonhei, quando era o patinho feio!”

3.1.1. Breve biografia de Hans Christian Andersen

Célebre poeta e romancista dinamarquês, nascido em 02 de abril de 1805, na cidade de Odense, na Dinamarca. Era pobre, meio desajeitado e alto demais para sua idade quando criança. Há a hipótese de que, ao escrever "O Patinho Feio", o autor tenha se inspirado em sua própria infância.

Andersen nasce no mesmo ano em que Napoleão Bonaparte obtinha suas primeiras vitórias decisivas. Assim, desde menino, vai respirar a atmosfera de exaltação nacionalista. A Dinamarca se

entrega à descoberta dos valores ancestrais, não com o espírito de auto-afirmação política, mas no sentido étnico, de revelar o caráter da raça. Tal como fizeram os Irmãos Grimm, Andersen foi um escritor que se preocupou, essencialmente, com a sensibilidade exaltada pelo Romantismo, e em suas histórias tratou-a de maneira terna e nostálgica. Andersen acabou se transformando em um dos mais famosos escritores para crianças, em todo o mundo.

Seu pai era um pobre sapateiro, que todos os dias encenava histórias para o filho, proporcionando-lhe diversão e incentivando sua criatividade como forma de melhorar a vida dura que levavam. Com a morte do pai, Andersen ficou entregue a sua iletrada e negligente mãe. Assim, aos 14 anos fugiu de casa e foi para Copenhague, onde conheceu o diretor do Teatro Real, Jonas Collin. Trabalhou no teatro como bailarino, corista e autor de tragédias, enquanto Jonas financiava seus estudos. Em 1828, ingressa na Universidade de Copenhague. O sucesso como escritor só viria depois da publicação, entre 1835 e 1842, de seis volumes de histórias infantis, considerados uma obra-prima da literatura mundial.

Entre os seus EVENTYR (168 contos publicados entre 1835 e 1872) e os *Contos* dos Grimm, a crítica tem apontado a mesma diferença que distingue a exaltação nacionalista de auto-defesa, própria do período napoleônico (1805-1815) e o ritmo calmo e idílico do período de reconstrução pós-napoleônico (1815-1830). Nos contos dos primeiros, predomina o mundo maravilhoso; na maior parte dos contos de Andersen, é na realidade concreta do cotidiano que o “maravilhoso” é descoberto...E mesclado ao “maravilhoso”, muita crueldade e violência que seu humanismo tenta atenuar.

“Essencialmente “sintonizado” com os ideais românticos de exaltação dos valores populares, com os ideais de fraternidade e generosidade humana, Andersen vai-se revelar uma das vozes mais puras do espírito dos “simples”. Não, do rudimentar e tosco, mas do singelo, do ingênuo que vive pelas *emoções do coração* do que pelas forças do intelecto.”(Coelho, 1981, p. 303).

Entre os títulos mais divulgados de sua obra estão: “O Patinho Feio”, “Os Sapatinhos Vermelhos”, “A Rainha da Neve”, “O Rouxinol e o Imperador da China”, “O Soldadinho de Chumbo”, “A Pastora e o Limpador de Chaminés”, “A Pequena Vendedora de Fósforos”, “Pequetita”, “Os Cisnes Selvagens”, “A Roupas Nova do Imperador”, “O Companheiro de Viagem”, “O Homem da Neve”, “João e Maria”, “João Grande e João Pequeno”, etc.

Embora entre suas histórias haja muitas que se desenrolam no mundo fantástico da imaginação, a maioria está presa ao cotidiano. Andersen teve a oportunidade de conhecer bem os contrastes da abundância organizada, ao lado da miséria sem horizontes. Ele mesmo pertenceu a essa faixa social, - a da pobreza organizada em sistema.

Suas histórias mostram que sua principal reação a essa situação foi mais de resignação e de refúgio na fé religiosa, do que de revolta contra as injustiças sociais. Assim, também suas personagens mostram-se perfeitamente resignadas com as “provas” que a vida lhes impõe, como é o caso de “O Patinho Feio”.

Andersen vai tornar mais explícitos os padrões de comportamento exigidos pela Sociedade Patriarcal, Liberal, Cristã, Burguesa que então se consolidavam. A par desses valores éticos, sociais, políticos e culturais, que regem a vida dos homens em sociedade, Andersen insiste, também, no comportamento cristão que devia nortear pensamentos e ações da humanidade, para ganhar o céu...

Foi, assim, a primeira voz autenticamente romântica a contar histórias para as crianças e a sugerir-lhes padrões de comportamento a serem adotados pela nova sociedade que se organizava. Na ternura que ele demonstra, em suas histórias, pelos pequenos e desvalidos, encontramos a generosidade humanista e o espírito de caridade próprios do *Romantismo*. No *confronto constante que Andersen estabelece entre o poderoso e o desprotegido, o forte e o fraco, mostrando não só a injustiça do poder explorador, como, também, a superioridade humana do explorado*, vemos a funda consciência de que todos os homens devem ter direitos iguais. Andersen não omitiu os traços de violência que parecem inertes à vida. *Violência ou injustiça* contra os desvalidos foram aspectos que tocaram a fundo este autor. “Uma violência que a maioria das adaptações tem eliminado...” (Coelho, 1981, p. 304).

É considerado o precursor da literatura infantil mundial. Em função da data de seu nascimento, comemora-se em 2 de abril o Dia Internacional do Livro Infanto-Juvenil. O prêmio internacional mais importante na literatura infanto-juvenil é conferido pela International Board on Books for Young People – IBBY. Esta premiação é representada pela medalha Hans Christian Andersen. Em 1982, Lygia Bojunga foi a primeira representante brasileira a ser contemplada com esta medalha.

Hans Christian Andersen faleceu em Copenhague, em 1875.

3.1.2. Análise geral da obra “O Patinho Feio”

Este conto de Andersen narra a história de um patinho cuja feiúra o tornava diferente dos irmãos. Por isso, era repudiado por todos que o cercavam, inclusive por sua mãe, sendo alvo de maus tratos e agressões. Essa situação o leva a tentar a fuga, a procura de um lugar onde encontrasse paz. Tal fuga é uma sucessão de agressões e sofrimentos até ele se “transformar” num cisne admirado por todos. O patinho percebe, então, que era diferente porque pertencia a uma outra espécie animal.

A história se organiza a partir do padrão clássico da narrativa de aventuras: o primeiro parágrafo descreve um cenário paradisíaco, onde tudo corre bem, até que se dá uma ruptura na

ordem. Toda a ação, a partir deste momento, destina-se a restaurar a ordem perdida e recuperar o paraíso original. O ponto de chegada coincide com o de saída, e as desventuras por que passa o pequeno pato preenchem o espaço intermediário. Não é por acaso que a história começa no verão e termina na primavera: o ciclo da natureza é usado para indicar que, de certa forma, todos os seres vivos estão submetidos à lei do eterno retorno.

O patinho é a personagem central do conto. O papel de filho, a sua busca de identidade e a intolerância com as suas opiniões, por não serem de “gente grande”, favorecem a identificação do destinatário (a criança) com a personagem. As demais personagens caracterizam-se pela sua atitude de rejeição à diferença. O aspecto da exclusão de tudo aquilo que é diferente, incomum, está fortemente presente nessa atitude das personagens do conto. Mesmo antes de nascer, quando verifica-se a diferença do ovo do qual nascerá o patinho (o ovo é muito grande e demora a se quebrar), uma velha pata diz à mãe dele que o ovo provavelmente era de peru e que, por isso, ela deveria abandoná-lo. A mãe não escuta o conselho e espera romper-se o último ovo: nasce um filhote grande, pardo e feio.

O rompimento da ordem, entretanto, não é consequência propriamente do nascimento do patinho, mas da segregação de que é objeto. Tal segregação se dá de diversas formas no decorrer do texto: no início, resulta da reação irracional à aparência do pato, que é diferente dos outros; depois, são os irmãos mais velhos que o rejeitam, até que ele se sente agredido pela própria mãe; enfim, é isolado quando recusa o tipo de acolhimento indiferente que lhe propõem o gato e a galinha, como forma de assegurar a “boa vida” de que dispunham.

Assim, inicialmente, uma primeira identidade lhe é atribuída (a de filhote de peru), mas é logo descartada quando ele demonstra poder nadar tão bem quanto seus “irmãos”. A mãe inicialmente o aceita, embora seu aspecto continue chamando muita atenção. Entretanto, mais tarde acaba desejando não vê-lo mais, pois não suporta a estranheza e a agressão que ele provoca. O patinho então foge e, durante a sua viagem, vão se desfazendo as novas identidades que lhe são por outros atribuídas: os patos selvagens aceitam-no, com a condição de que ele não deseje se casar com alguma das patas do bando; isto é, aceitam-no na sua diferença, mas negam-lhe a integração; os gansos selvagens atraem-se pelo exotismo de sua feiúra, confirmando sua extravagância; na casa da camponesa é confundido com uma pata (que poderia dar ovos) e, tomado pelo que não é, consegue permanecer na casa; e, por fim, na casa do camponês que o encontra praticamente congelado, o patinho também não consegue fazer o que esperam dele e se vê obrigado a fugir.

Esta sucessão de acontecimentos revela, ao mesmo tempo, a exigência de conformação para que o sujeito seja aceito e caracteriza a dificuldade de alguém integrar-se no lugar que um outro quer para ele, mas que não é o seu.

A aventura do patinho, então, traduz-se na busca da própria identidade, e do lugar que irá

localizá-lo perante os demais. O seu lugar entre os outros depende do encontro de sua própria identidade: no momento em que ela é encontrada, ele se localiza e é aceito.

A restauração da ordem, então, depende de o pato se fazer aceito pelos demais. Isto não acontece antes de ele descobrir a que grupo pertence e de atingir sua plenitude física. Esta, de certa maneira, equívale à nova identidade do herói. O conto sugere que, com sua velha aparência, o herói nunca se integraria a algum meio. O patinho precisa, assim, passar por algum tipo de metamorfose. Entretanto, Andersen expõe o tema de modo ambivalente, possibilitando uma dupla interpretação. Se se pode pensar que o patinho só é aceito por ter se transformado em um belo cisne, pode-se concluir também que é por descobrir seu *habitat* natural que a personagem, até então segregada, consegue perceber no espelho das águas a sua imagem (e então descobrir sua identidade), que coincide com a do grupo com o qual se identifica.

O narrador só menciona a transformação após a integração do protagonista ao meio, evitando explicitar o que aconteceu primeiro. O que deixa claro é que a descoberta da imagem do eu só ocorre quando a pessoa se identifica com um grupo, isto é, por meio da socialização do indivíduo. Não se pode deixar de observar, porém, que tal socialização só ocorre quando a personagem encontra-se entre os seus “iguais”.

Durante essa busca por identidade, o patinho é “jogado” nas aventuras que vive. Ele não toma as atitudes, mas simplesmente está em determinado lugar entre os demais e são estes que determinam sua posição: feio entre os patos, diferente entre os patos selvagens, exótico entre os gansos, confundido com uma pata na casa da camponesa, belo entre os cisnes.

O aspecto comum a todos os personagens com os quais o patinho se relaciona, como já citado, é a não aceitação daquilo que é diferente, que com eles não se parece. As desventuras por que passa são causadas por uma atitude etnocêntrica que institui atos e sentimentos de um determinado grupo como medida para os demais, como se houvesse uma única maneira “correta” de ser, pensar e agir. Assim, ser diferente é ser anormal e a anormalidade deve ser punida. O etnocentrismo pretende saber o que é melhor para o sujeito e pode, assim, dizer qual o lugar que ele deve ocupar.

A falta de esforços do herói para conseguir o seu lugar – ele apenas cresce e descobre que pertence a outra espécie – pode ser considerada inadequada à criança. Poderíamos considerar “O Patinho Feio” uma história capaz de desorientar a fantasia infantil, pois o desfecho da história se choca com a expectativa da criança, que se identifica com o personagem central, mas não pode esperar para ela a mesma vitória. Assim, “a criança que se sente incompreendida e não apreciada pode desejar pertencer a uma outra espécie, mas sabe que é impossível.” (Bettelheim, 1978, p. 133)

De acordo com este autor, a possibilidade de sucesso de uma criança não é crescer para ter uma natureza diferente, como o patinho que se transforma num cisne, e sim adquirir qualidades

melhores e fazer melhor do que os outros esperam, sendo, ainda, da mesma natureza de seus pais e irmãos. “Nos verdadeiros contos de fadas vemos que, por mais transformações que sofra o herói, incluindo ser transformado num animal ou mesmo numa pedra, no final ele é sempre um ser humano, como no início da história.”(Bettelheim, 1978, p. 133)

Entretanto, nesse caso a expressão “outra espécie” estaria sendo vista de forma muito literal. Deve-se levar em conta toda a simbologia presente no conto. Assim, antes de caracterizar uma natureza distinta da humana, uma outra espécie, a expressão simboliza outro modo de ser. No conto, os diferentes personagens são de diferentes espécies, cada uma com suas peculiaridades. O “patinho” não consegue adaptar-se a nenhuma dessas maneiras de ser, pois essa não é a sua identidade. Essas diferenças que existem entre as espécies, no conto de Andersen, não distam das diferenças verticais – classes sociais – e horizontais – idade, sexo, profissão – da nossa organização social.

Assim, o patinho, diminuído perante os outros e em busca de sua identidade, sintetiza o mundo infantil. Também a criança é um ser considerado inferior (é sempre “menor”) na sociedade dominada por valores do mundo adulto e, por isso, segregado da esfera das decisões, a começar pela família. Entretanto, sua afirmação pessoal depende do encontro do seu lugar na comunidade, isto é, de sua identificação com um grupo que o aceite como um igual. No conto, este processo se completa quando o patinho se metamorfoseia em cisne e alcança a maturidade.

Portanto, se a já citada “falta de esforços do herói para conseguir o seu lugar” poderia desestimular a criança a lutar contra suas dificuldades, poderá também neutralizar o absolutismo daqueles que pretendem saber o lugar que a criança deve ocupar, através da relativização do julgamento dos outros, ou seja, favorecendo a compreensão de que as pessoas repelem tudo o que delas difere e que com elas não converge. Por outro lado, o conto de Andersen não aponta uma saída para essa questão, já que o personagem central não se integra àqueles que são diferentes, nem eles o querem. O conto apenas transmite uma mensagem de que é possível encontrar semelhanças, gostos em comum em alguns grupos, o que permite a integração. No confronto com a diferença, não há a integração, a aceitação, mas a procura pelo igual.

Em suma, o conto de Andersen simboliza o procedimento conformativo que despreza a identidade do sujeito. É um conto exemplar, que apresenta uma visão de mundo e, sobretudo, privilegia a enunciação de um sujeito com suas dificuldades básicas - a identidade e a localização no grupo – e a busca por suas soluções. A identidade do personagem central do conto não é apresentada de forma fixa e definitiva, pois a identidade do herói é uma descoberta que o leitor realiza juntamente com o personagem, no momento em que o reconhecimento pelo outro constitui a imagem do sujeito.

3.1.3. “O Patinho Feio” à luz do conceito de exclusão

Retomando o conceito de exclusão assumido nesta pesquisa anteriormente, a saber, o do que excluir significa deixar o sujeito fora dos parâmetros e normas que determinam as relações sociais, partirei para uma breve análise da obra “O Patinho Feio” à luz de tal conceito.

O conto de Andersen é, como já dito, um conto exemplar, que apresenta uma visão de mundo. Mostra, através da história contada, a idéia de que as pessoas repelem tudo aquilo que com elas não converge, ou seja, tudo o que é considerado diferente, fora de padrões estabelecidos por uma sociedade. Assim, a situação de exclusão é apresentada como um fenômeno sociocultural, pois a personagem central é destituída de sua “cidadania”, por ser “diferente”. As diferenças que existem entre as espécies, no conto de Andersen, podem ser comparadas às diferenças verticais – classes sociais – e horizontais – idade, sexo, profissão – da nossa organização social.

“O Patinho Feio” simboliza também o mundo infantil. Assim, como o patinho, também a criança é um ser considerado inferior (é sempre “menor”) na sociedade dominada por valores do mundo adulto e, por isso, segregado da esfera das decisões, a começar pela família.

Segundo Maria de Fátima Reipert de Godoy, em seu livro *Trabalhando o preconceito: a visão da criança frente à diferença*, integrar grupos ou indivíduos com características diferentes é um grande desafio, e a família seria o primeiro agente socializador nessa tentativa de integração. No conto de Andersen, a família da personagem central, o patinho, não cumpre esse papel: os irmãos mais velhos o rejeitam, até que ele se sente agredido pela própria mãe, percebendo que ela desejava não vê-lo mais.

Ao fim do conto, percebemos que essa “integração entre grupos ou indivíduos com características diferentes” não ocorre, pois o patinho apenas se integra ao grupo de seus iguais, aves da mesma espécie que a sua. Não é feita nenhuma menção às personagens do início da história, nem mesmo a seus irmãos e mãe.

O conto apresenta, através de suas personagens, a atitude etnocêntrica que institui atos e sentimentos de um determinado grupo como medida para os demais. Assim, ser diferente é ser anormal e a anormalidade deve ser punida.

“O Patinho Feio” é um conto fortemente marcado pelo conceito de exclusão como segregação, expulsão, não admissão ou incompreensão daquilo que é diferente.

3.2 Inclusão/exclusão em outras obras infantis

Para a realização deste trabalho de conclusão de curso, ou seja, na busca de alcançar os objetivos propostos, realizei a leitura de vários livros infantis e selecionei alguns para integrarem este trabalho, objetivando uma melhor análise e compreensão do tema da diferença, da exclusão/inclusão

em literatura infantil, e para obter elementos que poderão ser comparados com a obra de Andersen, “O Patinho Feio”.

3.2.1. “O Elfo e a Sereia” – diferentes que se integram

Esse é um livro de Ana Maria Machado (ver anexo 1), que tem como personagens centrais dois seres que fazem parte do imaginário popular: o elfo e a sereia.

O livro inicia-se apresentando um dos personagens, o Elfo: “(...) alguém maravilhoso que em vez de morar só na fantasia vem morar também na mata, onde a gente talvez possa ver.” (p. 03). O personagem, por ter um tataravô duende, “(...) daqueles que em vez de tomar conta das plantas (como os Elfos que se prezam) cuidam de plantações subterrâneas. Onde florescem ouro e prata. Onde frutificam diamantes, esmeraldas, rubis.”(p. 06), é apaixonado por pedras preciosas e, ao saber, através de uma libélula que vem lhe contar, que há na beira da praia um navio naufragado, não resiste e vai à procura do tal navio, com a esperança de encontrar uma arca de tesouro.

Acaba por encontrar uma pequena caixa de madrepérola e coral, e dentro dela descobre uma linda sereia, chorando e cantando. A Sereia tinha sido jogada naquela caixa devido a um temporal, e estivera presa. Agradece ao Elfo por tê-la salvo, pois se demorasse mais fora d’água, iria morrer. Pede ao Elfo que a jogue no mar, e este se nega, pois está apaixonado. A Sereia diz que também gosta dele, mas não pode ficar, e pede ao Elfo que vá com ela. O Elfo diz então que também morreria fora da mata, e os dois se separam.

Mas, após algum tempo, a saudade os vence, e eles encontram uma forma de se encontrarem, durante a noite, separando-se sempre antes de o Sol nascer. Os encontros se repetem, e começam a surgir novos seres, na mata e no mar, pois o Elfo e a Sereia tiveram muitos filhos. No fundo do mar, surgiram novos tesouros: as pérolas.

“E parece que é porque, desse jeito que eles inventaram, cada um seguiu sua vida, mas acabaram sendo felizes para sempre.”(p.21).

Essa história de Ana Maria Machado enfoca de forma bastante interessante a questão da diferença. Ao contrário do conto de Andersen, em “O Elfo e a Sereia” as personagens centrais são, sim, bastante diferentes (e, sim, pertencem à diferentes espécies!), mas a forma como se dá a busca de identidade das personagens é, comparando-se à busca do “Patinho Feio”, muito mais rica e desprovida de segregação.

A diferença entre as personagens é tão presente que até mesmo o seu “habitat” não pode ser o mesmo (devido às diferenças físicas, e não por costumes ou preferências). Entretanto, o *amor* cumpre um papel de suma importância no desfecho dessa história. Tal sentimento provoca um esforço dos personagens no sentido de aceitarem as suas diferenças, e encontrarem um meio de

conviverem, a despeito delas.

A grande diferença entre esse conto e o de Andersen é que, em “O Elfo e a Sereia”, ocorre a *integração* entre as personagens diferentes, enquanto que em “O patinho feio”, a busca da personagem resume-se a encontrar o seu igual. Deve-se enfatizar também que, em “O Elfo e a Sereia”, nenhuma das personagens abdicou de suas características em prol do outro, não se anulou, não mudou seu modo de vida para poder estar com o outro. “(...) desse jeito que eles inventaram, cada um seguiu sua vida, mas acabaram sendo felizes para sempre.”(p. 21).

3.2.2. “Menina bonita do laço de fita” – a diferença valorizada

Essa história, também de Ana Maria Machado (ver anexo 2), aborda de forma interessantíssima a questão das diferenças étnicas. As personagens centrais da história são uma menina negra e um coelho branco.

“Era uma vez uma menina linda, linda.”(p. 03). Assim se inicia esta história, apresentando a personagem da menina, que tinha a pele “escura e lustrosa”, como o pêlo da pantera negra. Sua mãe enfeitava-a fazendo-lhe trancinhas nos cabelos e amarrando com laços de fita colorida.

Ao lado da casa da menina morava um coelho branco, que achava aquela menina a pessoa mais linda que ele já havia visto. E desejava, então, ter uma “filha” pretinha como ela quando se casasse. Para isso, o coelho resolve perguntar à menina qual o seu segredo para ser tão pretinha. A menina não sabe a resposta, mas inventa as mais diversas soluções para esta questão.

O coelho tenta, em vão, fazer as coisas que a menina diz serem o segredo para a sua negritude. Até que, certa vez, a mãe da menina, “que era uma mulata linda e risonha”(p. 15) intervém e conta para o coelho que a menina tem aquela cor devido a “uma avó preta que ela tinha...”(p. 15).

O coelho percebe então que, para ter uma filha pretinha que nem a menina, teria de se casar com uma coelha preta, o que se realiza rapidamente, pois logo encontra “uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça.”(p. 18). O casal logo tem muitos filhotes, sendo um deles uma coelha bem pretinha, que fica sendo afilhada da menina.

Em “Menina Bonita do Laço de Fita”, a autora homenageia a beleza da raça negra de forma graciosa e simples, usando uma linguagem familiar que envolve o leitor a que se dedica: a criança. A forma com que esta homenagem é feita é de grande riqueza, pois trabalha com a questão da diferença enfatizando a integração, a valorização das diferenças étnicas e da miscigenação. A autora conduz a criança (e o adulto) a um universo de fantasia, mas que “ilustra” com muita beleza uma questão presente em nossa sociedade: a das diferenças étnicas.

Nesta obra, os diferentes não apenas integram-se por força do amor, como em “O Elfo e a Sereia”, mas admiram-se mutuamente, encontram beleza na diferença, desejando a integração com a

simples finalidade de estar próximo àquilo que é diferente, que, ao mesmo tempo que causa estranhamento, causa curiosidade, admiração, amor.

Em “O Elfo e a Sereia, o *amor* leva à integração dos diferentes, à *superação* das diferenças. Já em “Menina Bonita do Laço de Fita”, é a própria diferença que causa esse sentimento, o *amor*, a admiração.

De forma diferente de “O Patinho Feio”, nestes dois contos a problemática da inclusão/exclusão foi tratada de forma questionadora, transformadora. A integração entre os diferentes, que ocorre nestas duas histórias de Ana Maria Machado, não ocorre em “O Patinho Feio”. É impossível deixar de enfatizar este aspecto, a passividade do herói do conto de Andersen, o desfecho da história, quando a ordem é restaurada apenas quando a personagem encontra os seus “iguais”.

3.2.3. “Minha irmã é diferente” – exclusão social

Esta obra, de Betty Ren Wright (ver anexo 3) tem como tema central a criança deficiente. A história fala sobre dois irmãos, sendo que um deles tem uma deficiência mental (a irmã mais velha).

Sentimentos ambivalentes determinam a relação que o irmão “saúdável” estabelece com sua “irmã diferente”. Assim, ora o irmão sente raiva e cansaço diante dos cuidados que deve à irmã e envergonha-se dela; ora sente-se culpado e mau, porque também experimenta sentimentos de afeto para com a irmã – quer protegê-la de perigos e de situações que a exponham ao ridículo.

A história envolve esses dois aspectos. Mostra, ainda, que a criança tem direito à sua individualidade: no final, a personagem do irmão não sente mais culpa por não querer tomar conta da irmã todos os dias. Mas ele só consegue isso quando, além de reconhecer e manifestar o seu amor por ela, vê reconhecido seu direito de ter uma vida própria.

Assim, a história trata da questão da diferença, abordando diferentes aspectos: a exclusão de que a irmã é objeto entre as outras crianças, a dificuldade que o irmão tem em reconhecer e aceitar a deficiência de sua irmã, o reconhecimento das outras qualidades da menina por certas personagens, etc.

Um aspecto importante a ser abordado nesta análise é a preocupação com a *mensagem*, na qual a intencionalidade do autor se fez presente. Fica claro para nós, leitores, que a obra foi escrita com o objetivo de levar à reflexão sobre o tema da diferença. Diferentes aspectos da problemática da inclusão/exclusão da criança deficiente são abordados de forma a nos levar a questionar valores e atitudes relacionados à questão.

A partir desta obra, faz-se necessário enfatizar a importância dos valores *humanos* da obra literária. Podemos afirmar que nenhum escritor poderá criar um universo literário significativo se não

tiver a orientar sua obra uma determinada consciência de mundo, ou certa filosofia de vida – “(...) presença atuante que, nos verdadeiros criadores, é talvez inconsciente...”(Coelho, 1981, p. 27).

Assim, toda a leitura que se realize em sintonia com a essência do texto lido, terá como resultado a formação de uma determinada consciência de mundo no leitor; resultará na *representação* de determinada realidade ou valores que tomam corpo em sua mente. Daí pode-se deduzir o poder de fecundação e propagação de idéias, padrões ou valores que é inerente ao fenômeno literário.

“No ato da leitura, através do literário, dá-se o conhecimento da consciência-de-mundo ali presente. Assimilada pelo leitor, ela começa a atuar em seu espírito (e conforme o caso a dinamizá-lo no sentido de certa transformação...)” (Coelho, 1981, p. 28).

Esse é o caso de “Minha irmã é diferente”. A obra nos traz uma filosofia de vida, uma consciência de mundo próprias do autor, e que nos levam a *representar* a realidade presente na obra, a transformar ou reforçar a nossa visão de mundo.

A obra apresenta um caráter modelar, que deve permitir ao leitor tomar a história pelo que realmente é: mero indicador de padrões de comportamento que cada um enriquecerá com sua vivência individual e insubstituível.

3.2.4. “Todo mundo é diferente” - a caminho da inclusão

Esta obra de Hugo Almeida (ver anexo 4) trata da questão da diferença de modo geral, sob vários aspectos. Parte do estranhamento causado na personagem principal (a menina Dê) por um novo colega de sua escola (Chico), que tem o rosto todo manchado, abrindo caminho para os mais diversos questionamentos a respeito da diferença.

Assim, ao chegar da escola, a menina vai falar à mãe sobre aquele menino, que “era diferente de todos os outros.”(p. 05), ao que a mãe responde com uma pergunta: “Ué, mas tem alguém igual a alguém lá?”(p. 05).

Tal pergunta é suficiente para desencadear os mais diversos questionamentos, que levam a menina à conclusão de que, com ou sem mancha no rosto, cada pessoa é diferente das outras, e que cada pessoa tem seus defeitos e qualidades, dentre as quais há sempre uma especial. Nesse ponto, pode-se observar a relativização do conceito de “diferença” proposta pelo autor. A diferença passou, aí, a um conceito mais abrangente, posto que incluiria absolutamente *todas* as pessoas, “até irmãos gêmeos”(p. 05).

A menina propõe-se então descobrir as qualidades especiais das pessoas à sua volta, inclusive as de Chico. Descobre que “ele quando fala, fala alegre, nem parece que tem aquela mancha no rosto.”(p. 07). Ao falar sobre isso com a mãe, é novamente questionada: por que ele não poderia ser alegre? A menina percebe, então, que o que pensou era uma “bobagem”. E descobre nova “qualidade

especial” em Chico: saber de cor a tabuada e ser muito bom em contas matemáticas.

A menina irá refletir, então, sobre as próprias “qualidades especiais”, no que encontra dificuldade: “Mas a minha graça não tem graça, pelo menos *pra mim*.”(p. 07). Aí se inicia um desequilíbrio na identidade da menina. Quando volta da escola, volta “diferente”, calada... E então realiza mais uma descoberta: “a gente é diferente da gente mesmo.”(p. 08). A mãe a tranquiliza, dizendo que “tudo faz a gente mudar. O que vemos, o que ouvimos, tudo que acontece na nossa vida.”(p. 08).

Em uma conversa com o irmão mais velho, surge a questão das diferenças, das limitações que elas podem causar, e das múltiplas possibilidades de se lidar com elas. Assim, eles falam sobre um tio que tem uma perna mais curta que a outra e é professor de balé; sobre uma bisavó que, mesmo depois de cega, continuou a fazer o seu tricô; sobre o artista Aleijadinho que, mesmo sem os dedos, fazia belas esculturas; sobre “um grande músico” que era surdo. E a menina chega à conclusão de que Chico não tem problema nenhum.

A história mostra a “caminhada” da personagem central rumo a uma compreensão das diferenças que existem entre os seres humanos e à percepção de que “isso é uma das coisas bonitas da vida: essa coisa de cada um ser de um jeito”(- fala da mãe - , p. 05). A menina, que inicialmente se incomoda com a “diferença” de seu novo colega, Chico, ao final do livro está encantada com a possibilidade de se descobrir a “graça” de cada pessoa.

“Todo mundo é diferente” é uma obra que aborda de forma abrangente a problemática da diferença, promovendo uma reflexão sobre o próprio conceito, e sobre os valores que norteiam nossos atos em sociedade. Os questionamentos propostos pela mãe da personagem central provavelmente refletem a visão de mundo do autor que, da mesma forma que em “Minha irmã é diferente”, pretendeu transmitir uma mensagem; ou seja, a *intencionalidade* do autor se fez presente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do dado básico de que é através de uma *consciência cultural* que os seres humanos se desenvolvem e se realizam de maneira integral, é fácil compreendermos a importância do papel que a Literatura pode desempenhar para os *seres em formação*, ou seja, para as crianças. “É ela (a Literatura), dentre as diferentes manifestações da Arte, a que atua de maneira mais profunda e duradoura, no sentido de *dar forma e de divulgar valores culturais* que dinamizam uma sociedade ou uma civilização.”(Coelho, 1981, p. 03).

Foi com base neste pressuposto, da importância da Literatura, que senti a necessidade de me aprofundar no estudo de tal forma de Arte. Para tanto, realizei um recorte nas múltiplas possibilidades de análise de tal “conceito”, a saber: a problemática da inclusão/exclusão em obras de Literatura Infantil.

O caminho que percorri teve o objetivo de refletir sobre os aspectos presentes em obras de Literatura Infantil que, muitas vezes, passam despercebidos, por adultos e crianças. Julgo necessária uma análise mais crítica das obras de Literatura Infantil. Afinal, a Literatura Infantil leva seus leitores a perceber, de formas diversas, o mundo que os rodeia, leva-os a interrogarem a si mesmos, orientando seus interesses, suas aspirações, sua necessidade de auto-afirmação ou de segurança, ao lhes propor objetivos, ideais ou formas possíveis (ou desejáveis) de participação social.

Assim, a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo de crianças e jovens pode ser atribuída ao *livro*, à *palavra escrita*. Afinal, nesta nossa era da imagem e da comunicação instantânea, a palavra literária está mais viva do que nunca. Poderíamos até dizer que nenhuma outra forma de *ler o mundo dos homens* é tão eficaz e rica.

A Literatura Infantil é uma “abertura” para a formação de uma nova mentalidade. A esse respeito, escreve Nelly Novaes Coelho:

“(...) longe de ser vista como um ‘gênero menor’ em relação à área global da Literatura, a Infantil vem sendo reconhecida como um valor maior. Como verdadeiro ponto de convergência das realizações, valores, desvalores, ideais, idéias ou aspirações que definem a Cultura ou a Civilização de cada época. Tudo aquilo que uma Sociedade incorpora como código de valores ou desvalores a pautar o comportamento de seus cidadãos, e em relação ao qual cada indivíduo deve se situar para conseguir ou não sua própria realização, está expresso (ou deve estar) na literatura que os adultos destinam aos mais jovens, - para que estes conheçam tal “código” desde cedo e o incorporem (uma vez que ele é a base, é o fundamento que sustenta toda a construção social).” (Coelho, 1981, p. 05).

Entretanto, apesar de colocarmos a Literatura Infantil como “abertura” para a formação de novas mentalidades, como instrumento de conscientização, de “leituras” do mundo, de

questionamento, uma questão até hoje vem levantando controvérsias: a Literatura Infantil pertence à *arte literária* ou à *área pedagógica*?

Se analisarmos as grande obras que através dos tempos se impuseram como “literatura infantil”, veremos que pertencem simultaneamente a essas duas áreas distintas: a da Arte e a da Pedagogia. Por um lado, como “objeto” que provoca emoções, dá prazer, diverte e, principalmente, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a Literatura Infantil é Arte. Por outro lado, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, ela se inscreve na área da Pedagogia.

Entretanto, entre estes dois extremos há uma variedade enorme de tipos de literatura, onde as duas intenções acima expostas (dar prazer e educar) estão presentes. O conceito de Literatura Infantil abrange, assim, modalidades bem distintas de textos: desde os contos de fadas, fábulas, contos maravilhosos, lendas e histórias do cotidiano até biografias romanceadas, romances históricos, literatura documental ou informativa, etc.

Assim, em momentos de mudanças, quando um modo de vida ou valores estão em transformação, predomina o aspecto “arte” da literatura: a ênfase está no ludismo, e a literatura transforma-se em uma *aventura espiritual*. Os que são impelidos mais fortemente pelo sentido de renovação, exigem que a literatura seja apenas *entretenimento*, jogo descompromissado, “(...) pois é justamente a atividade lúdica que tem por função desarticular estruturas estáticas, já cristalizadas no tempo (...)”(Coelho, 1981, p. 25).

Já em *épocas de consolidação*, quando determinado Sistema se impõe, a intencionalidade pedagógica domina praticamente sem controvérsias, pois o importante para a criação no momento é transmitir valores para serem incorporados como “verdades” pelas novas gerações.

Conclui-se, então, que essas duas atitudes opostas (literária e pedagógica) não acontecem por acaso. Resultam da indissolubilidade que existe entre a *intenção artística* e a *intenção educativa* incorporadas nas próprias raízes da Literatura Infantil.

“Felizmente, para equilibrar a balança, há já uma produção infantil e juvenil de alto ou muito bom nível, que conseguiu, com rara felicidade equacionar os dois termos do problema: literatura para divertir, dar prazer, emocionar...e que, ao mesmo tempo, ensina modos novos de ver o mundo, de viver, pensar, reagir, criar... E principalmente se mostra consciente de que é pela invenção da linguagem que essa intencionalidade básica é atingida.”(Coelho, 1981, p. 26).

Quanto às obras de Literatura Infantil neste trabalho analisadas, que tratam da problemática da inclusão/exclusão do “diferente”, encontramos variadas formas e tipos de texto.

Em “O Patinho Feio”, um conto que trata implicitamente da questão da exclusão, através da personagem central, rejeitada pela sua aparência. Este conto de Andersen apresenta a conduta que desrespeita a identidade do sujeito. É um conto modelar, que apresenta uma filosofia de vida e,

principalmente, enfatiza um sujeito com suas dificuldades básicas - a identidade e a localização no grupo. Entretanto, a intencionalidade do autor, com relação à mensagem que pretendeu transmitir, possibilita diferentes interpretações. Uma das interpretações possíveis seria a que propôs Bettelheim (1978), segundo a qual o conto pode ser inadequado à criança, desorientando sua fantasia, pois permite a expectativa do leitor, que se sente incompreendido e não aceito, de pertencer à outra espécie, o que solucionaria seus impasses. Uma outra compreensão, ao contrário, avalia que, no caso anterior, a expressão “outra espécie” estaria sendo interpretada de forma muito literal.

Em “O Elfo e a Sereia”, encontramos uma história fantástica que narra o encontro entre dois seres de espécies diferentes e que, por força do amor, acabam por integrar-se e conseguem ter uma vida em comum, povoando o mar, os rios e as florestas de novos seres nascidos desta união. Nessa obra, a problemática da diferença não abrange as questões da inclusão/exclusão, mas apenas trata das dificuldades por que passam dois seres que se amam e que pertencem à “mundos diferentes”.

“Menina Bonita do Laço de Fita” é uma história que trata da questão da diferença étnica de forma diferente, através de dois personagens centrais: uma menina negra e um coelho branco. A diferença, nessa obra, é valorizada, almejada. A mensagem transmitida pela autora foi a exaltação da beleza da raça negra.

“Minha irmã é diferente” aborda mais explicitamente o tema da exclusão social, através da problemática da criança deficiente. A intenção do autor em transmitir sua visão de mundo fica muito clara quando se analisa a obra. A proposta da obra é exatamente promover a reflexão sobre tal tema, provocando no leitor um re-pensar sobre valores e atitudes da sociedade atual.

“Todo mundo é diferente” é um livro escrito com o propósito de promover questionamentos na criança. A personagem central é uma criança questionando-se acerca de seus próprios valores e do conceito de “diferença”. A obra aponta claramente um caminho, através do diálogo com outras crianças e com adultos, para a inclusão social, e para a valorização da diferença.

Enfim, são obras diferentes que abordam de formas diversas a problemática em questão. A imensa quantidade de livros de Literatura Infantil que tratam desse e de outros assuntos não pode ser analisada em seu todo. Afinal, cada leitor imprime a sua própria visão de mundo na leitura e compreensão de uma obra. Cabe a ele interpretar, compreender, absorver, representar as “informações” que recebe ao ler uma obra literária.

O objetivo maior desta caminhada é incentivar a reflexão mais crítica, por parte de escritores e estudiosos, das obras de Literatura Infantil.

BIBLIOGRAFIA

Impressa

- ALMEIDA, Hugo. *Todo mundo é diferente*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1996.
- ANDERSEN, Hans Christian. *O Patinho Feio*. Trad. de Tabajara Ruas. Porto Alegre: Kuarup, 1993.
- AQUINO, Júlio G. *Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos*. São Paulo: Summus Editorial, 2000.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ARROYO, Miguel G. *Fracasso-Sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica*. Em Aberto, Brasília, ano 11, n.53, jan/mar. 1992, p.46-53.
- BENJAMIN, Walter. *A criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- BONETI, Lindomar Wessler; GEHLEN, Ivaldo; LECHAT, Noëlle Marie Paule & ZARTH, Paulo Afonso. *Os caminhos da Exclusão Social*. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 1998.
- COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje*. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1981.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *Literatura infanto-juvenil: arte ou pedagogia moral?* São Paulo: Cortez Editora/UNIMEP, 1983.
- FORQUIN, Jean-Claude. *Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais" in Teoria & Educação*. nº5. Porto Alegre: 1992.
- FRANZ, Marie Louise von. *A interpretação dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- GODOY, Maria de Fátima Reipert. *Trabalhando o preconceito: a visão da criança frente a diferença*. Marília: UNESP, Faculdade de Filosofia e Ciências, 1997.
- HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus, 1980.
- KHÉDE, Sônia Salomão (org.). *Literatura infanto-juvenil – um gênero polêmico*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1983.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN Regina. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- MACHADO, Ana Maria. *Menina bonita do laço de fita*. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- MACHADO, Ana Maria. *O Elfo e a Sereia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- MAGALHÃES, Ligia C. & ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Editora Ática, 1982.
- OLIVEIRA, Maria Áurea de. *Literatura Infantil e desenvolvimento moral, a construção da noção de*

- justiça em crianças pré-escolares*. Campinas: Dissertação de Doutorado da UNICAMP, s.d.
- PAZ, Noemi. *Mitos e ritos de iniciação nos contos de fadas*. Trad. De Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Editora Pensamento LTDA. , 1992.
- PERROTTI, Edmir. *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo: Summus, 1990.
- PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- SANTOS FILHO, José Camilo dos. *Educação em debate*. 1998.
- SILVA, Ezequiel T. & ZILBERMAN, Regina. *Literatura e Pedagogia – Ponto & contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Trabalho, educação e prática social*. Porto Alegre: Artes Médicas, s.d.
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *O Trabalho pedagógico na diversidade (adversidade?) da sala de aula*. Caderno Cedes, n.23, São Paulo, Cortez/ CEPES, 1989, pp.39 – 47.
- WRIGHT, Betty Ren. *Minha irmã é diferente*. Trad. de Fernanda Lopes de Almeida. São Paulo: Editora Ática, s.d.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global Editora, 1981.
- ZIRALDO. *O Menino Maluquinho*. São Paulo: Melhoramentos: 1982.

Virtual (Sites de Literatura Infantil)

<http://members.tripod.com/volobuef/page>

<http://www.docedeletra.com.br/maerchen.htm>

<http://caracol.imaginario.com>

<http://www.minc.gov.br/textos/olhar/literaturainfantil.htm>

<http://www.fnlij.org.br>

ANEXO 1

O ELFO E A SEREIA

(Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996)

© O Elfo e a Sereia by Ana Maria Machado, 1996

Todos os direitos de edição no Brasil reservados à Ediouro Publicações S.A.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5.988 de 14/12/73.
É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios,
sem autorização prévia, por escrito, da editora.

Esta edição da Ediouro Publicações S.A. é um projeto novo
que reproduz somente o texto da obra anteriormente editada
pela editora Melhoramentos.

Ilustrações
Fernando Nunes

Edição Eletrônica
DTPhoenix Editorial

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M129e
Machado, Ana Maria, 1942-
O elfo e a sereia / Ana Maria Machado; ilustrador
Fernando Nunes -- Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

: il.

ISBN 85-00-22862-8

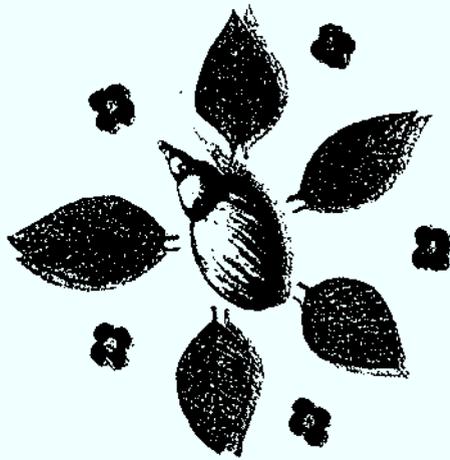
1. Literatura infantil. I. Nunes, Fernando, 1963-
II. Título.

95-2032
CDD - 028.5
CDU - 087.5

96 97 98 99 8 7 6 5 4 3 2 1

ANA MARIA MACHADO

O Elfo e a Sereia

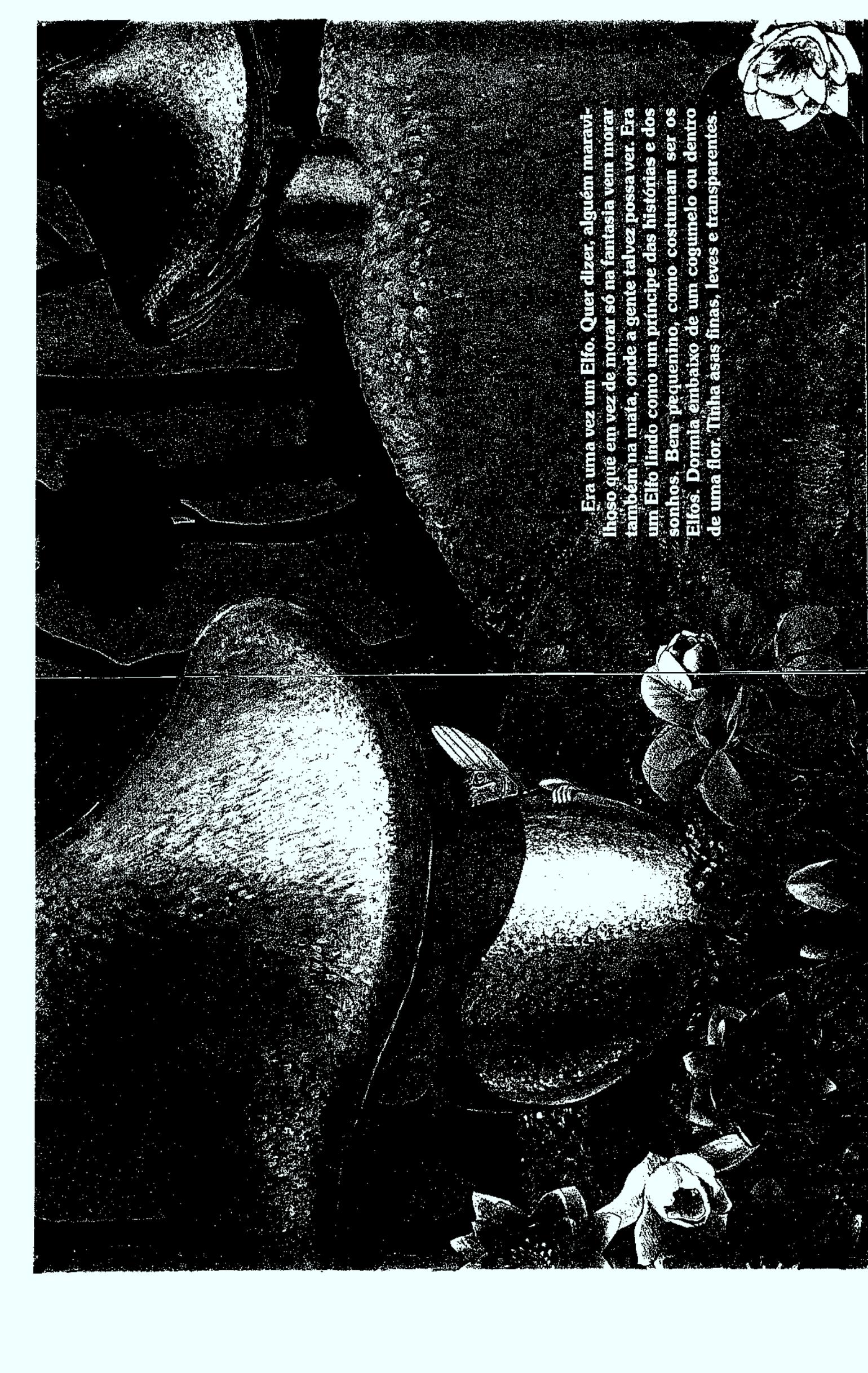


Ilustrador
Fernando Nunes

2ª edição



Ediouro Publicações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 - Bonsucesso
21042-230 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (021) 560-6122 Fax: (021) 280-2438

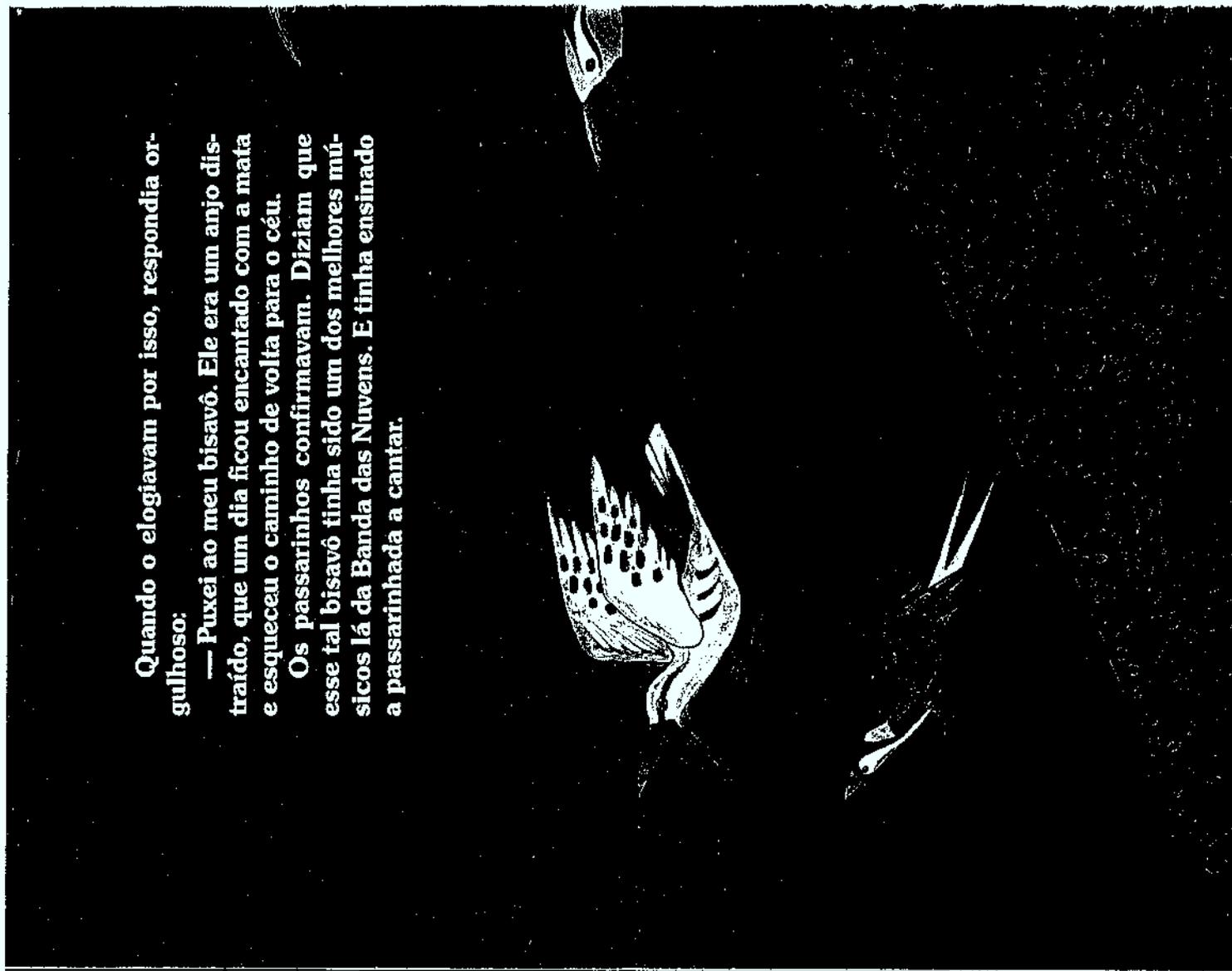
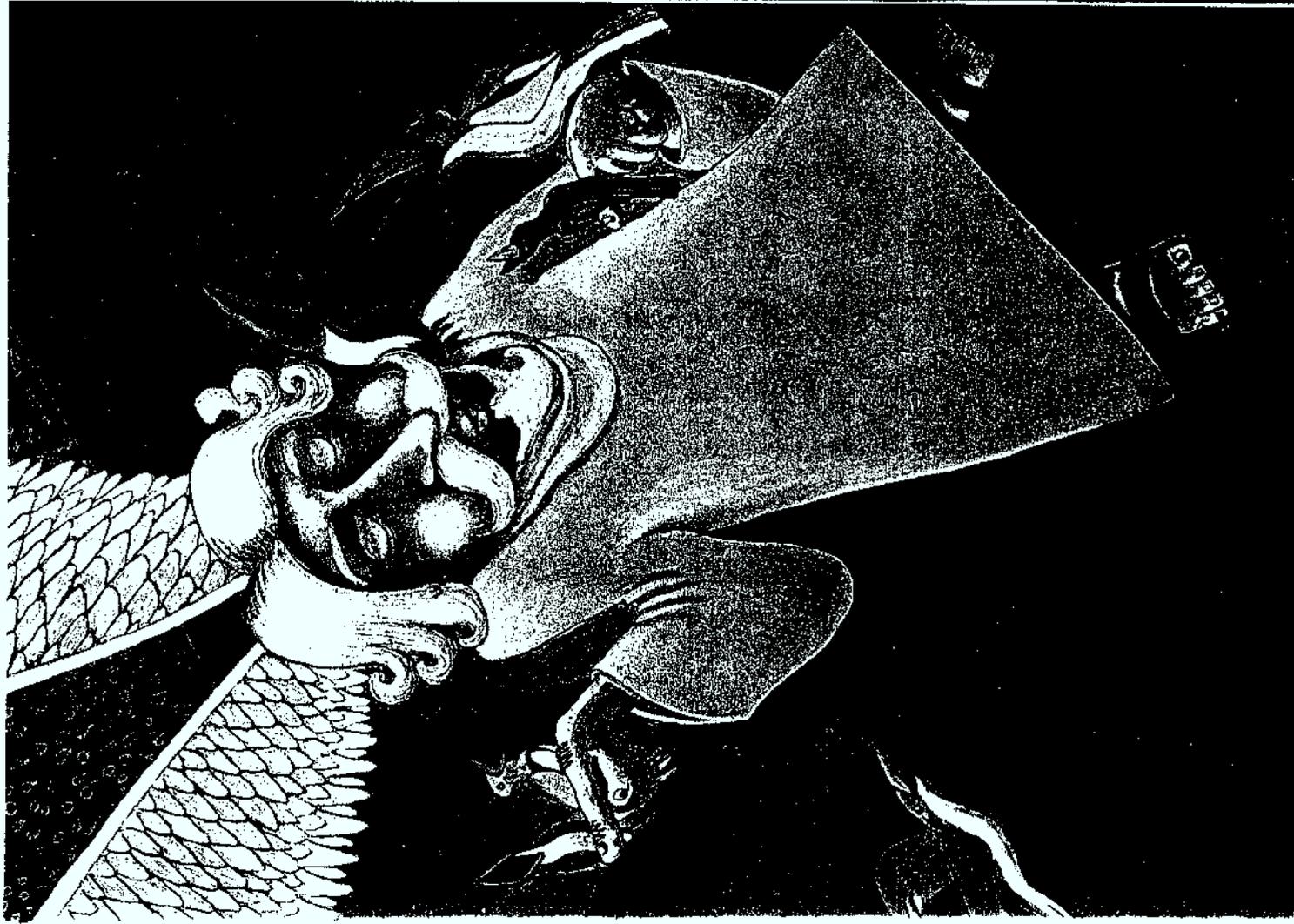


Era uma vez um Elfo. Quer dizer, alguém maravilhoso que em vez de morar só na fantasia vem morar também na mata, onde a gente talvez possa ver. Era um Elfo lindo como um príncipe das histórias e dos sonhos. Bem pequenino, como costumam ser os Elfos. Dormia embaixo de um cogumelo ou dentro de uma flor. Tinha asas finas, leves e transparentes.

Quando o elogiavam por isso, respondia orgulhoso:

— Puxei ao meu bisavô. Ele era um anjo traído, que um dia ficou encantado com a mata e esqueceu o caminho de volta para o céu.

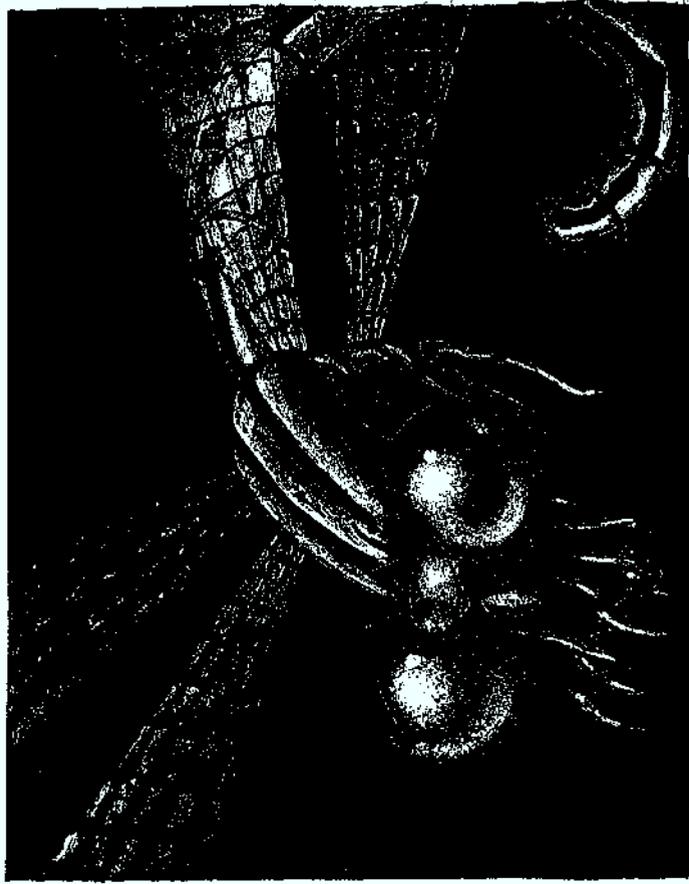
Os passarinhos confirmavam. Diziam que esse tal bisavô tinha sido um dos melhores músicos lá da Banda das Nuvens. E tinha ensinado a passarinhada a cantar.



Mas pelo outro lado da família, o Elfo tinha um tataravô de que não falava tanto. Ou tio-avô, sei lá.

O que se sabe é que tinha sido um duende ou anão, daqueles que em vez de tomar conta das plantas (como os Elfos que se prezam) cuidam de plantações subterrâneas. Onde florescem ouro e prata. Onde frutificam diamantes, esmeraldas, rubis.





Todo o mundo sabe que navio naufragado pode ter arca de tesouro.

Ele não era bobo de perder uma chance dessas. Na beira do mar, entre as ondas que tocavam sua canção tão diferente, estavam pedaços de um navio encalhado.

Mexe que mexe, vira que vira, procura que procura, achou uma caixinha de madrepérola e coral.

Por isso, o Elfo não gostava só de esvoaçar pelos ares, feito borboleta ou beija-flor. Também adorava jóias sem asas — as pedras preciosas. E ficou todo animado quando a libélula lhe contou:

— Fui acompanhando o rio até onde ele acaba, lá no mar. E na areia da praia, sabe o que eu vi? Os restos de um barco que naufragou.

O Elfo não resistiu. Partiu imediatamente, seguindo o rio em seu vôo.



Tinha todo o jeito de guardar um tesouro.
De dentro, vinha uma música tão linda como
o canto dos pássaros ou a canção do bisavô-
anjo.

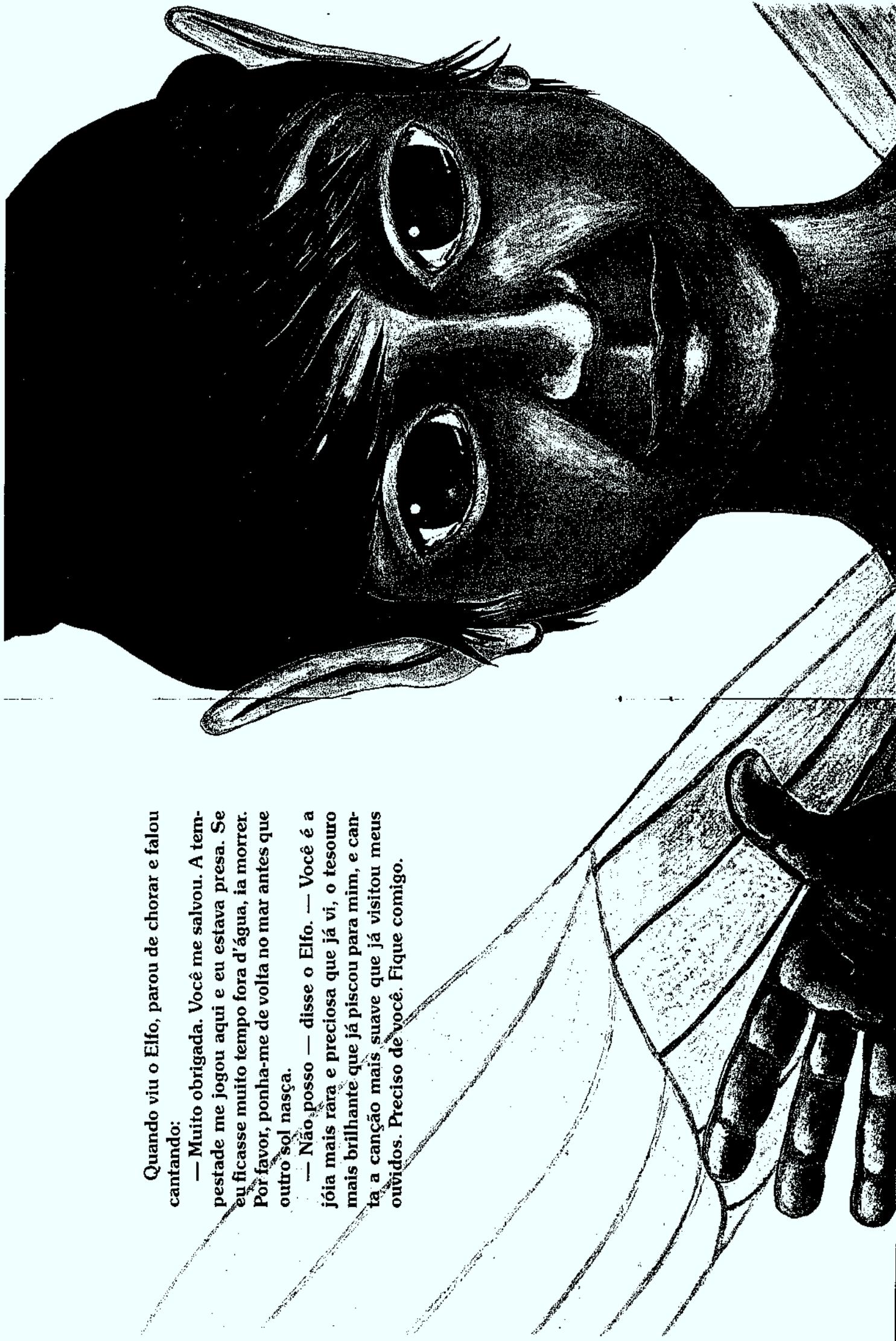
Com dificuldade, o Elfo abriu a caixa.
Lá dentro, uma Sereia cantava, enquanto
penteava os longos cabelos verdes. Cantava e
chorava.



Quando viu o Elfo, parou de chorar e falou cantando:

— Muito obrigada. Você me salvou. A tempestade me jogou aqui e eu estava presa. Se eu ficasse muito tempo fora d'água, ia morrer. Por favor, ponha-me de volta no mar antes que outro sol nasça.

— Não posso — disse o Elfo. — Você é a jóia mais rara e preciosa que já vi, o tesouro mais brilhante que já piscou para mim, e canta a canção mais suave que já visitou meus ouvidos. Preciso de você. Fique comigo.



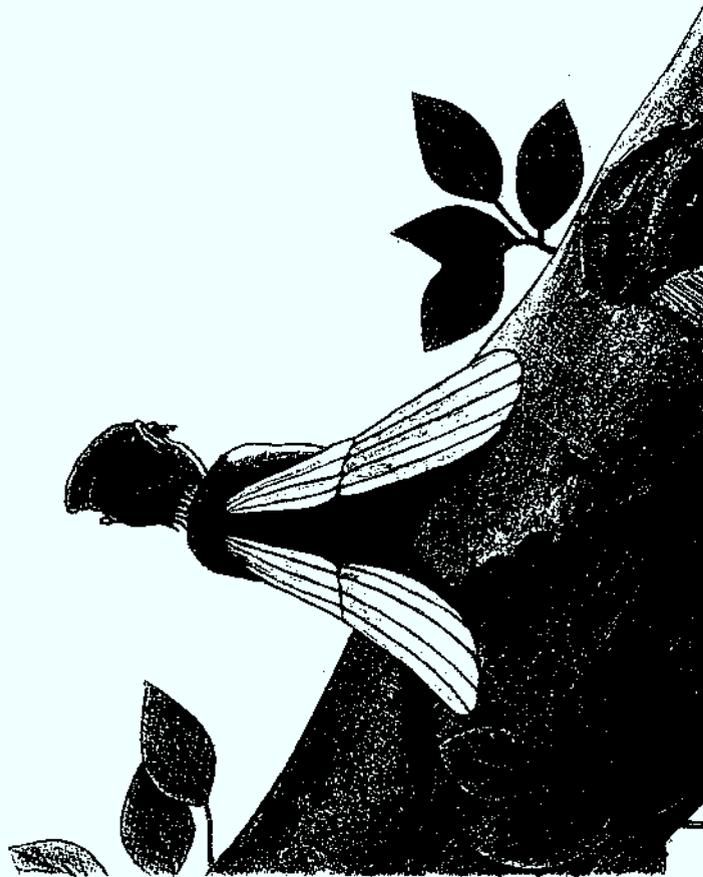


— Se eu ficar, eu morro — disse a Sereia.
— Bem que eu gostaria! Você tem os olhos
mais verdes que o vento do mar, um jeitão de
madeira mais seguro que qualquer navio, o
cheiro de terra mais forte e fresquinho que já
senti. Mas não posso demorar fora d'água. Ve-
nha comigo.

— Não posso. Fora da mata eu morro. Também
não posso demorar.

E justamente porque estava gostando tanto dela,
o Elfo soltou a Sereia no mar. E ela, justamente por-
que estava gostando tanto dele, não enrolou seus
longos cabelos verdes no musgo do manto dele, não
o arrastou.

Cada um foi para o seu lado. Mas ficaram tristes.





No fim de algum tempo, ele sentia tanta saudade que conseguiu um milagre: ficando pérfalo de fibor, acabou fazendo uma tinteira cor de marista.

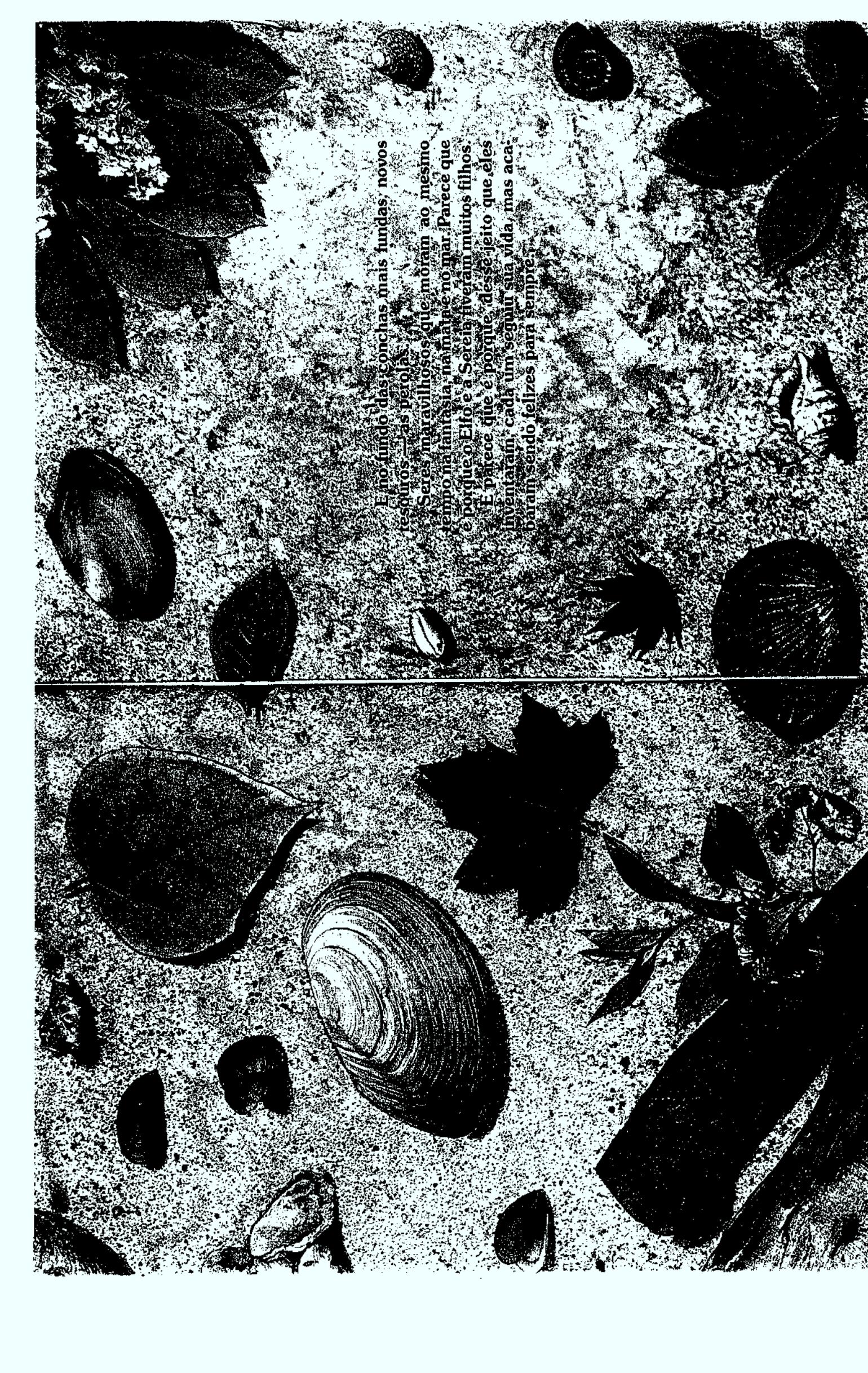


Enquanto isso, no chuveiro das ondas, a Sereia conseguia tomar banho de cheiro de luar na mata, com todos os seus cricris.



Uma noite, acabaram voltando à praia e se encontraram.
do. Outras noites. Muitas. De lua cheia e lua nova. Sem-
pre se separando antes de o sol nascer.

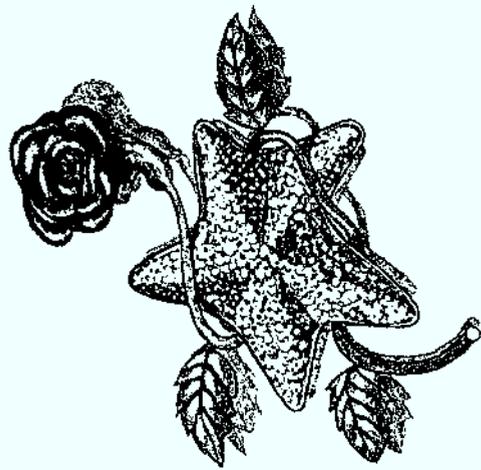
E aos poucos começaram a surgir outros seres, na
maneira no mar, farras nas capoeiras. Ninfas nos rios. Al-
gas que viraram florestas nas profundezas marinhas. Per-
xes-voadores sobre as ondas, com asas leves e transpa-
rentes.



E no fundo das conchas mais fundas, novos
respiros — as perlas.

Seres maravilhosos que moram ao mesmo
tempo na fantasia, na mata e no mar. Parece que
é porque o Elfo e a Sereia tiveram muitos filhos.

E parece que é porque, desse jeito que eles
inventaram, cada um seguiu sua vida, mas aca-
baram sendo felizes para sempre.



ANEXO 2

MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

(Ana Maria Machado. São Paulo: Editora Ática, 1997)

As histórias que *Ana Maria Machado* escreveu para esta coleção são como barquinhos de papel. Delicadas, conduzem suavemente a universos que a autora foi buscar no mundo da tradição oral. Graciosas, é como se estivessem sendo narradas por um velho contador de histórias, numa linguagem familiar que aproxima e cria um clima envolvente e afetivo. Por isso, podem ser lidas pelo adulto para as crianças ainda não alfabetizadas, ou pelas próprias crianças, quando começarem a adquirir autonomia na leitura.



Coleção
BARQUINHO DE PAPEL

de Ana Maria Machado

Besouro e Prata • A arara e o guaraná

A galinha que criava um ratinho • Um dia desses...

O gato Massamê e aquilo que ele vê • Maria Sapeba

Avental que o vento leva • Quem me dera

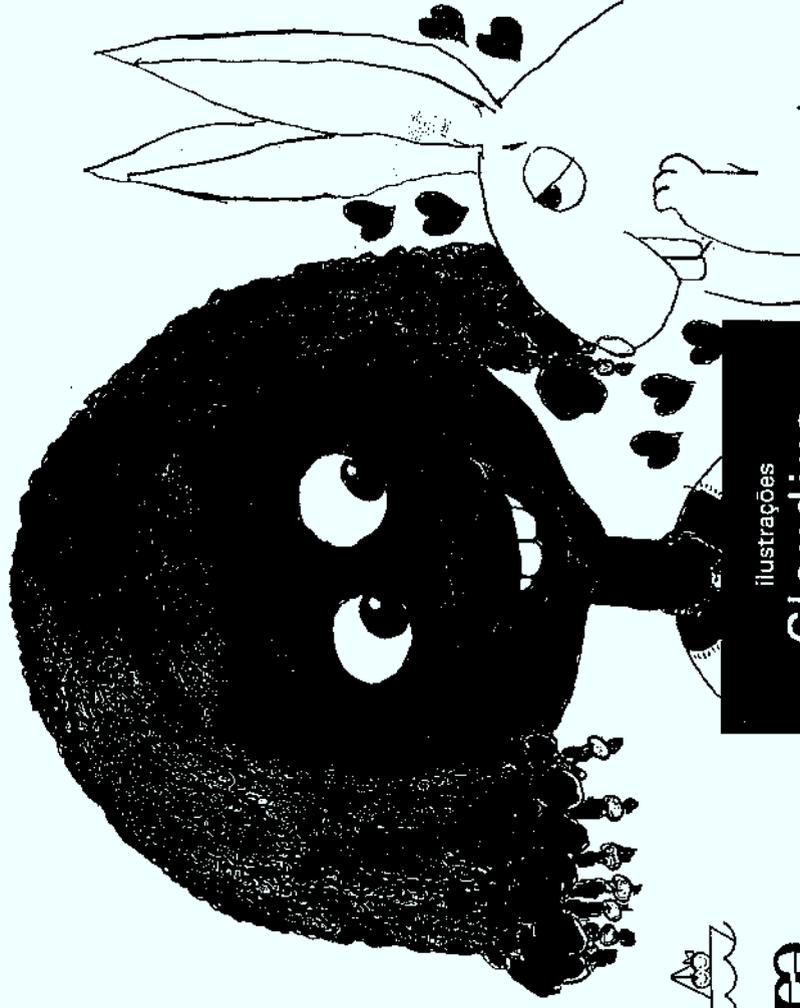
Menina bonita do laço de fita



Claudius é gaúcho mas vive no Rio desde criança. Chargista consagrado, conta que as paredes e calçadas da cidade foram grande estímulo para os seus rabiscos iniciais, os quais continuaram depois nos principais jornais e revistas do país. Claudius admite que ilustrar *Menina bonita do laço de fita*, em que a autora homenageia a beleza da raça negra, não foi trabalho, foi puro prazer.

Ana Maria
Machado

Menina bonita do laço de fita



ilustrações



PA

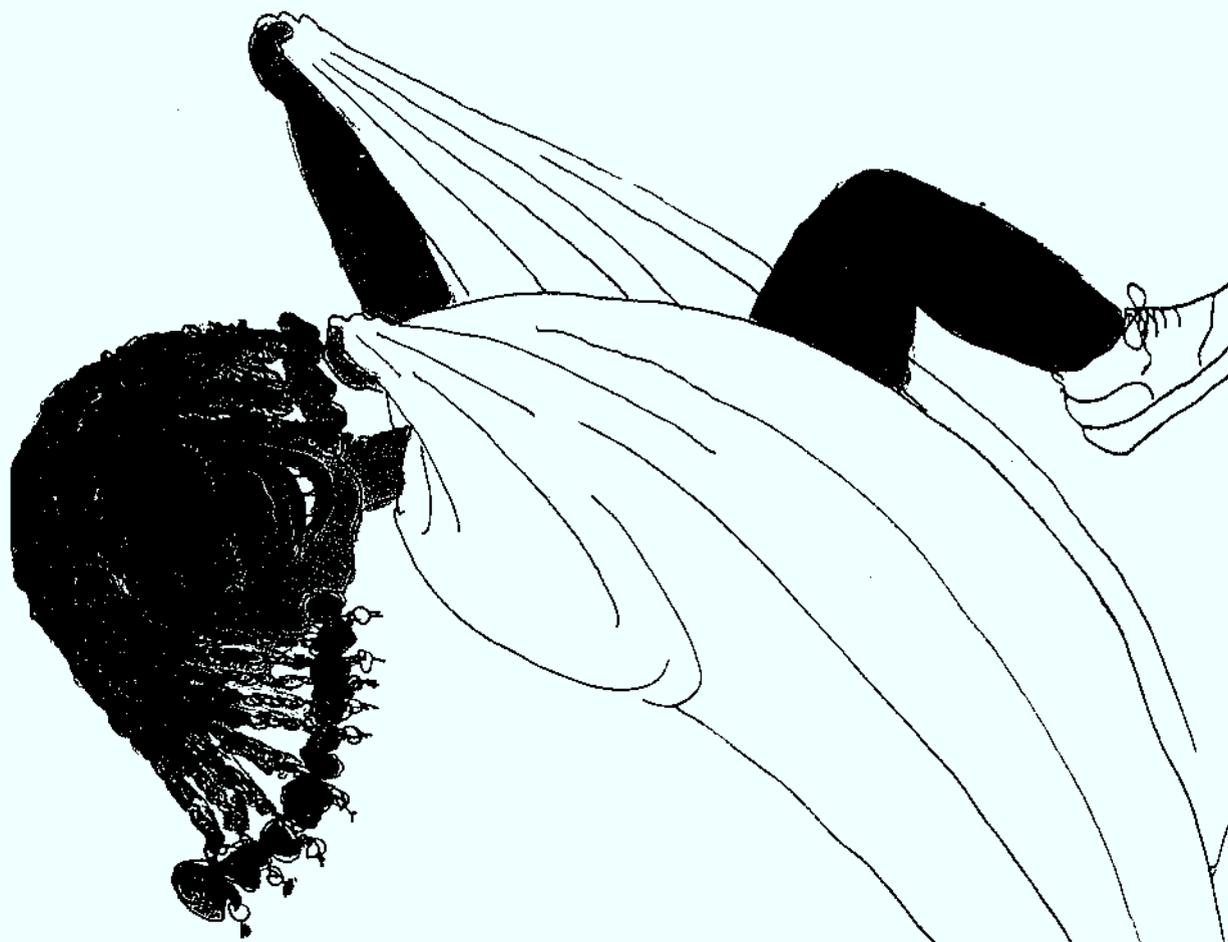
ISBN 85-04-06639-2



9 788508 066391



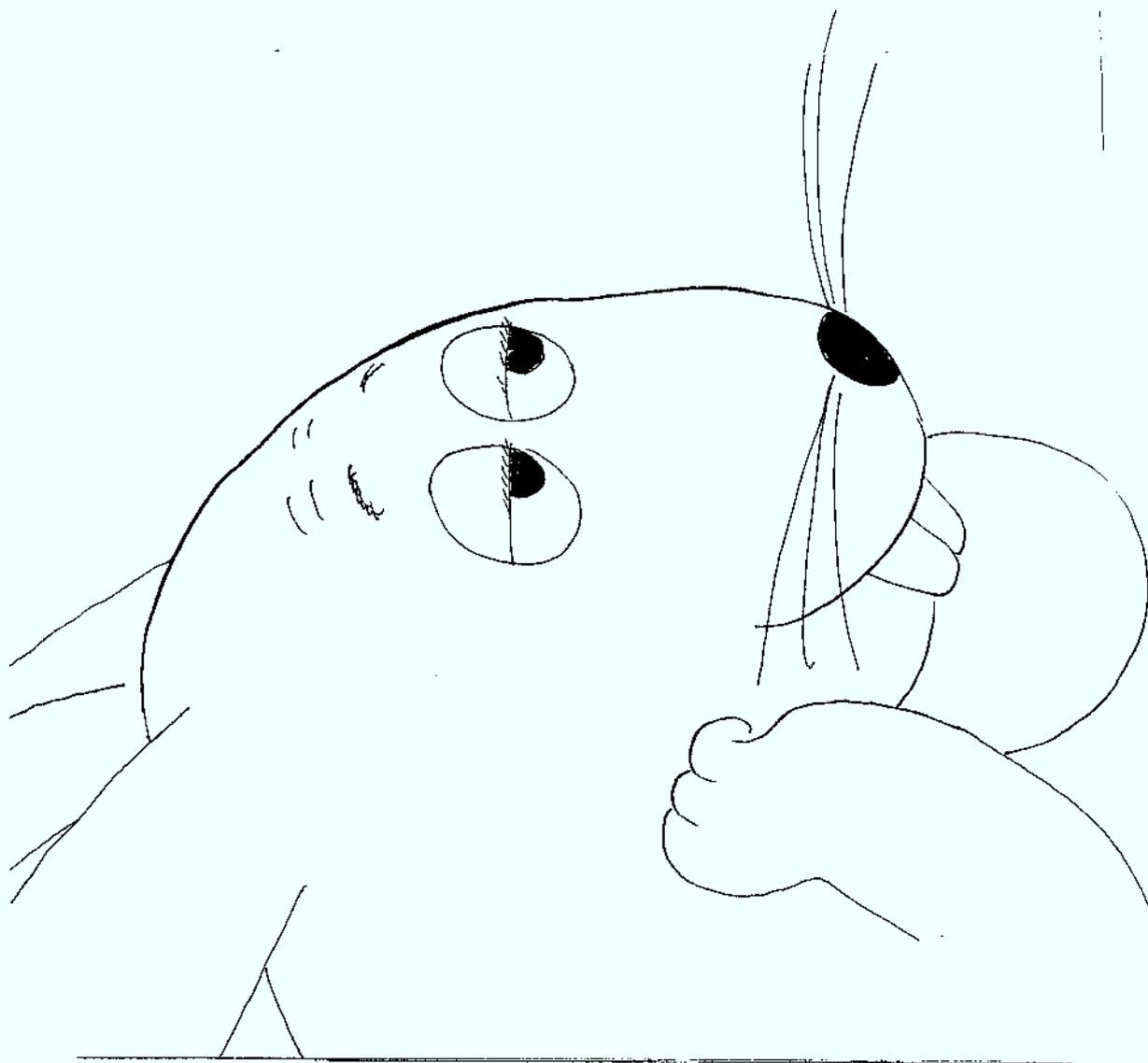
Era uma vez uma menina linda, linda.
Os olhos dela pareciam duas azeitonas
pretas, daquelas bem brilhantes.
Os cabelos eram enroladinhos e bem
negros, feito fiapos da noite. A pele era
escura e lustrosa, que nem o pêlo da
pantera negra quando pula na chuva.



Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar.



Do lado da casa dela morava um coelho branco, de orelha cor-de-rosa, olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelicando. O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda a vida. E pensava: — Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela...

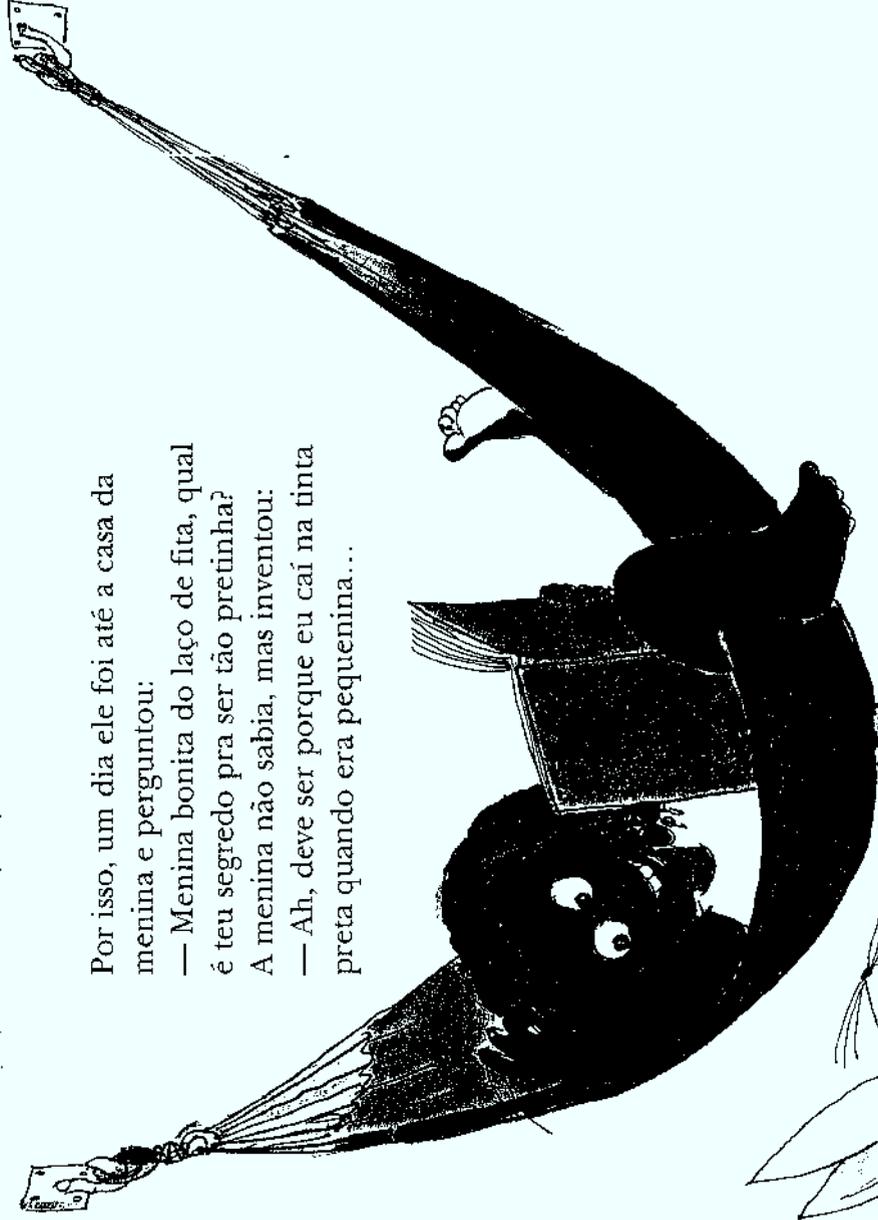


Por isso, um dia ele foi até a casa da menina e perguntou:

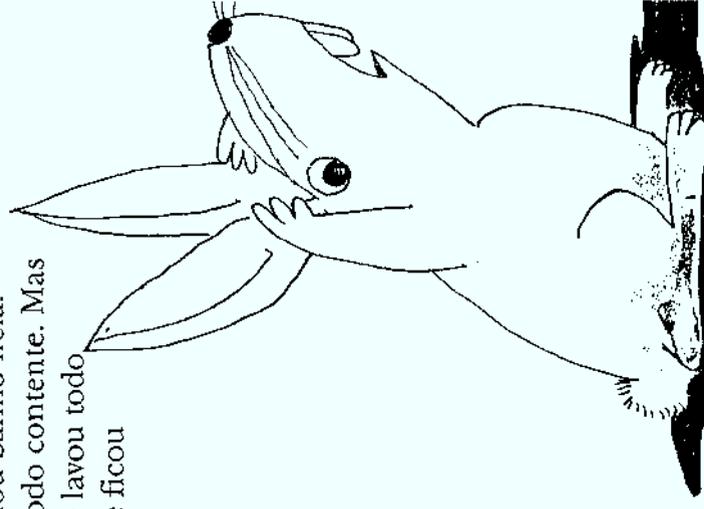
— Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

— Ah, deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina...



O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tomou banho nela. Ficou bem negro, todo contente. Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez.



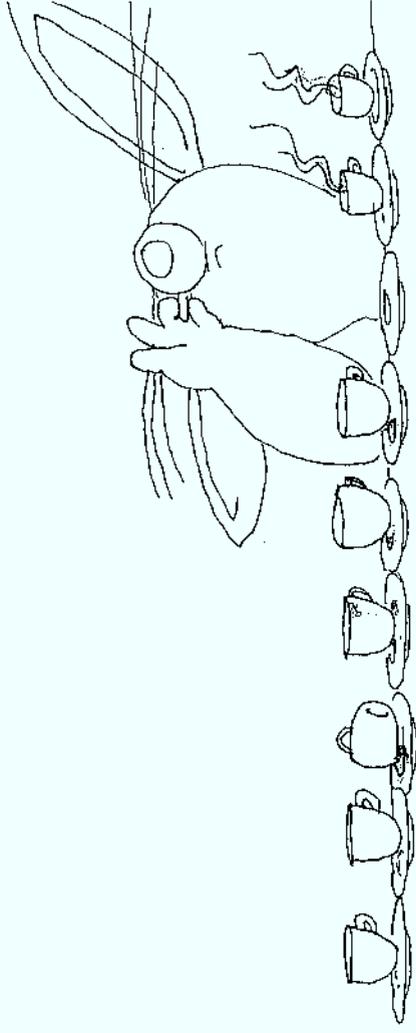
Então ele voltou lá na casa da menina
e perguntou outra vez:

— Menina bonita do laço de fita, qual é
teu segredo pra ser tão pretinha?

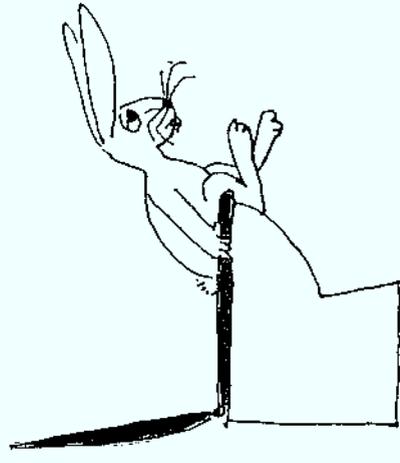


A menina não sabia, mas inventou:

— Ah, deve ser porque eu tomei muito
café quando era pequenina.



O coelho saiu dali e tomou tanto café
que perdeu o sono e passou a noite
toda fazendo xixi. Mas não ficou nada
preto.



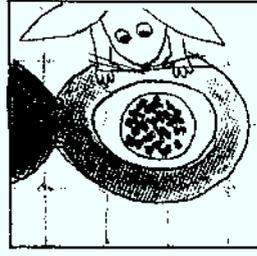
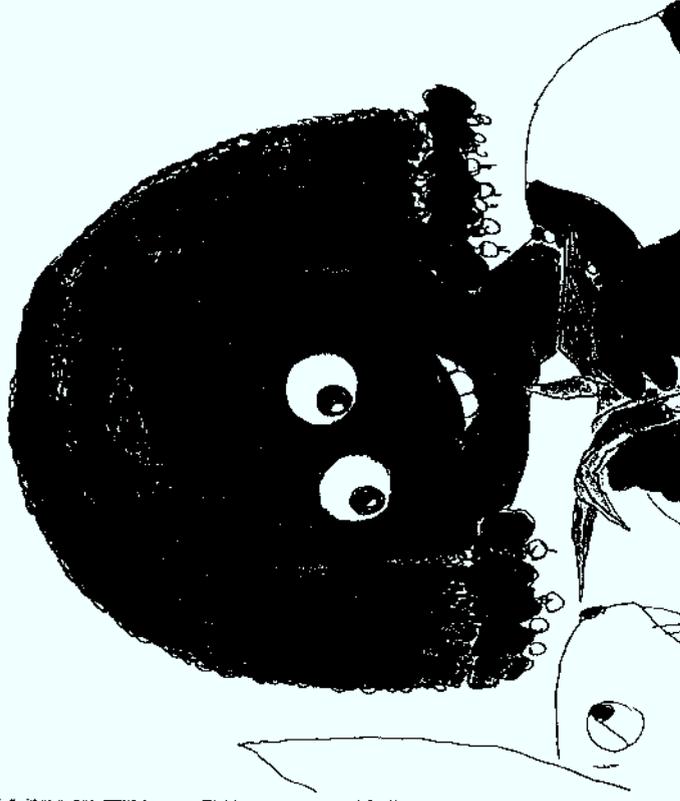
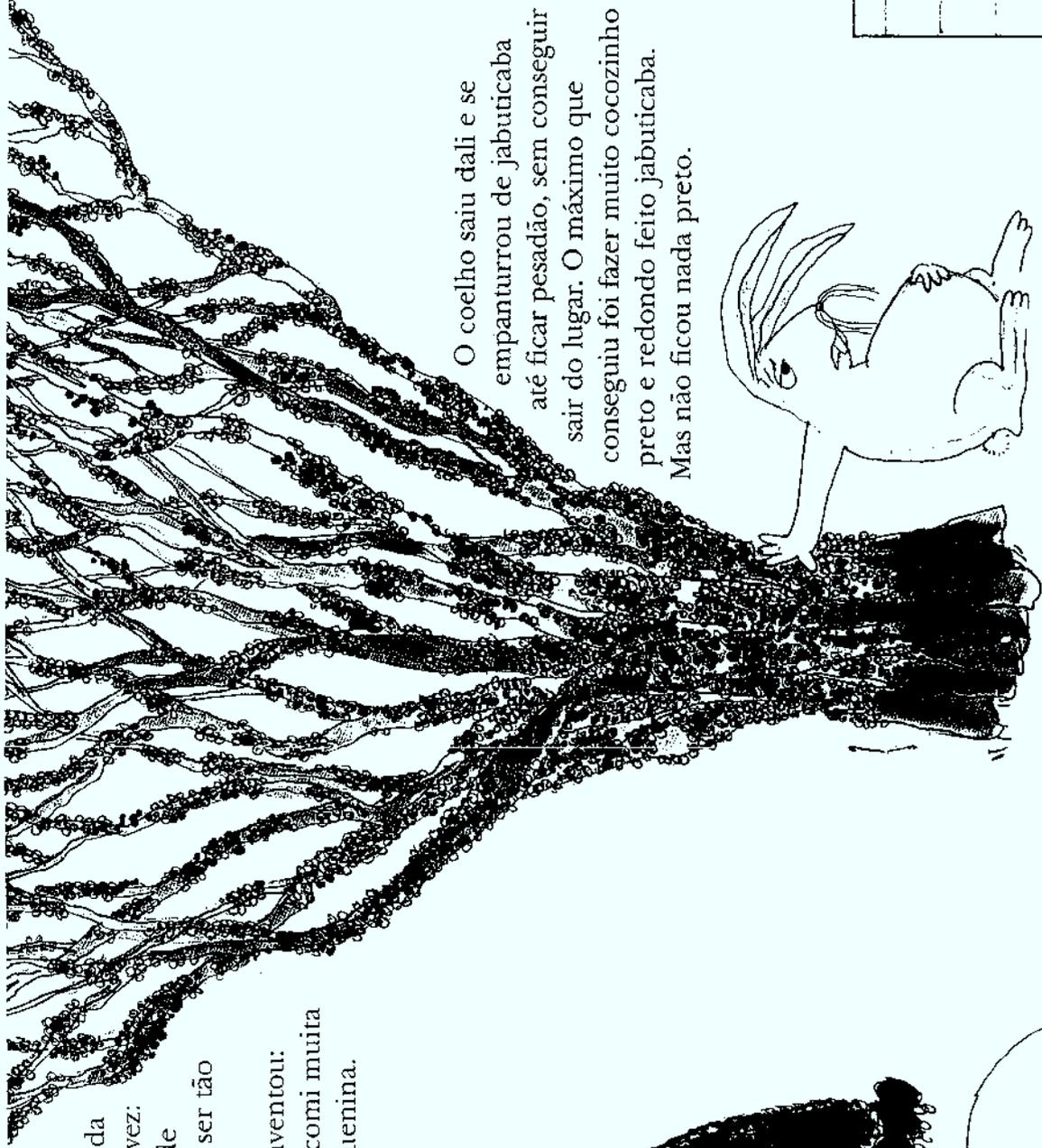
Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

— Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

— Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina.

O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba até ficar pesado, sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi fazer muito cocozinho preto e redondo feito jabuticaba. Mas não ficou nada preto.



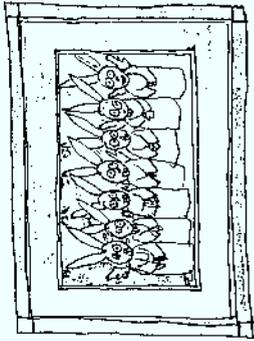
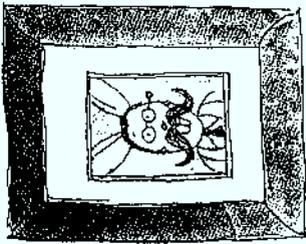
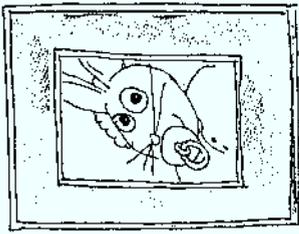
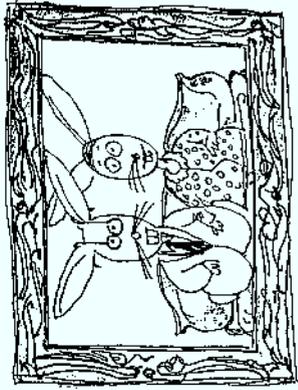
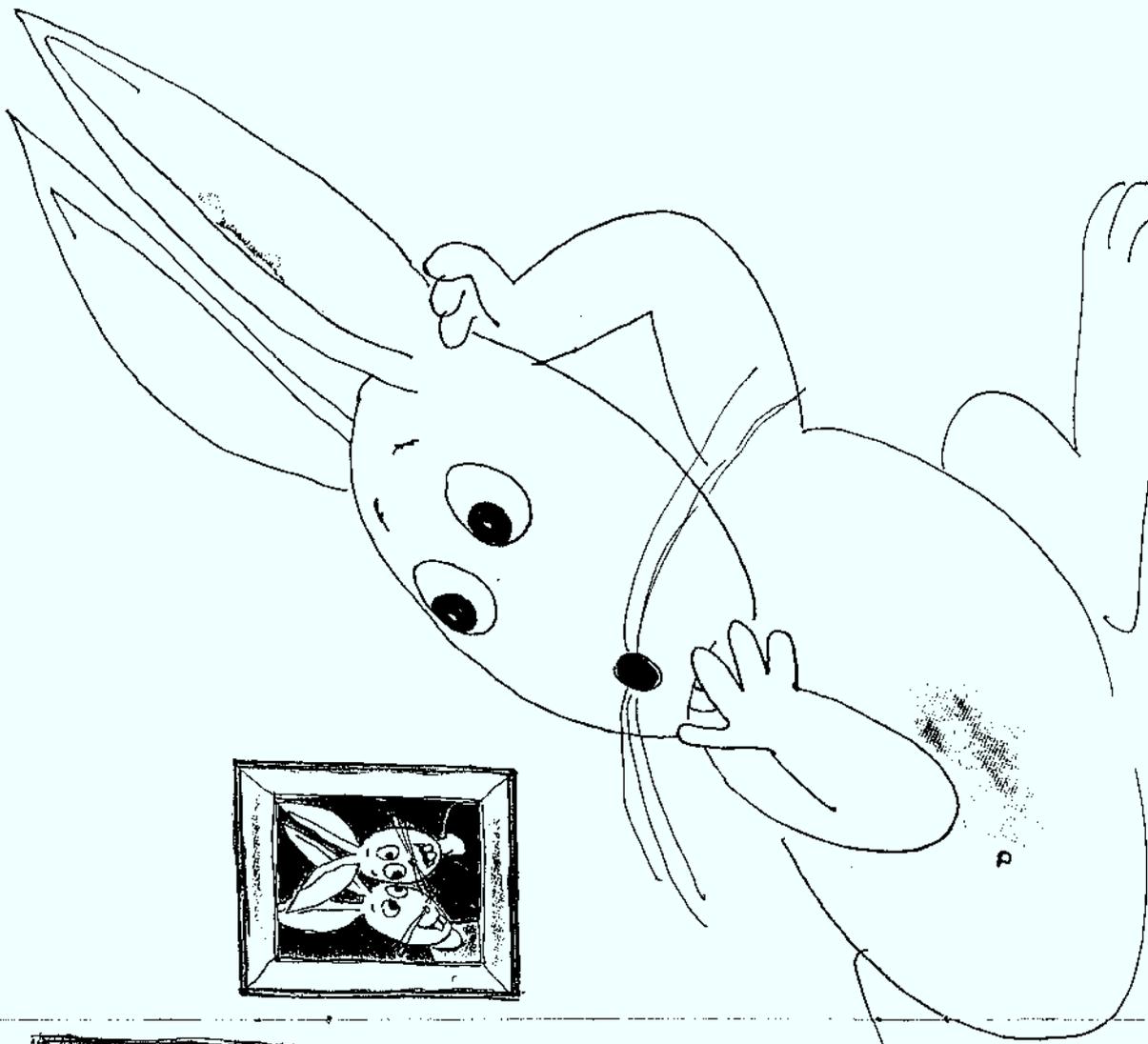
Por isso, daí a alguns dias ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

— Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia e já ia inventando outra coisa, uma história de feijoadada, quando a mãe dela, que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse:

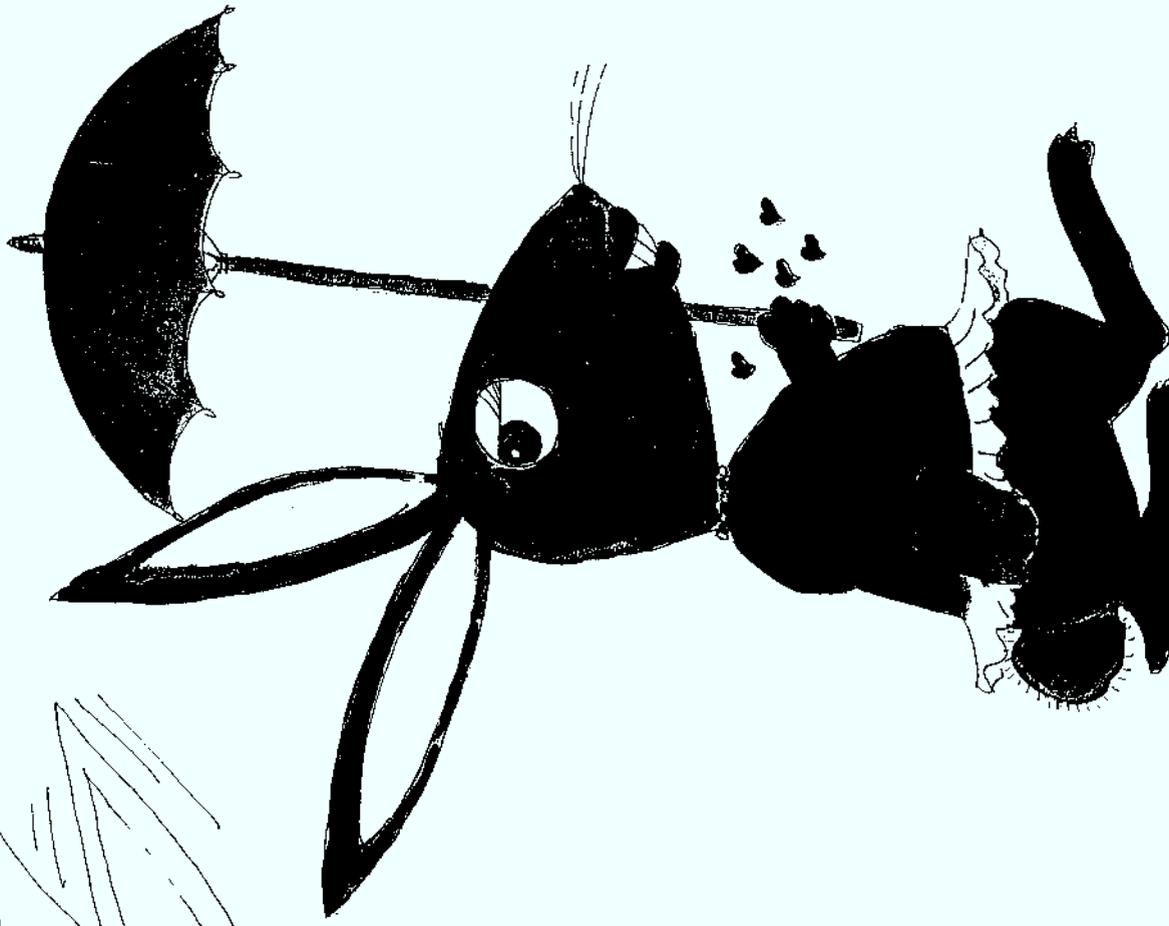
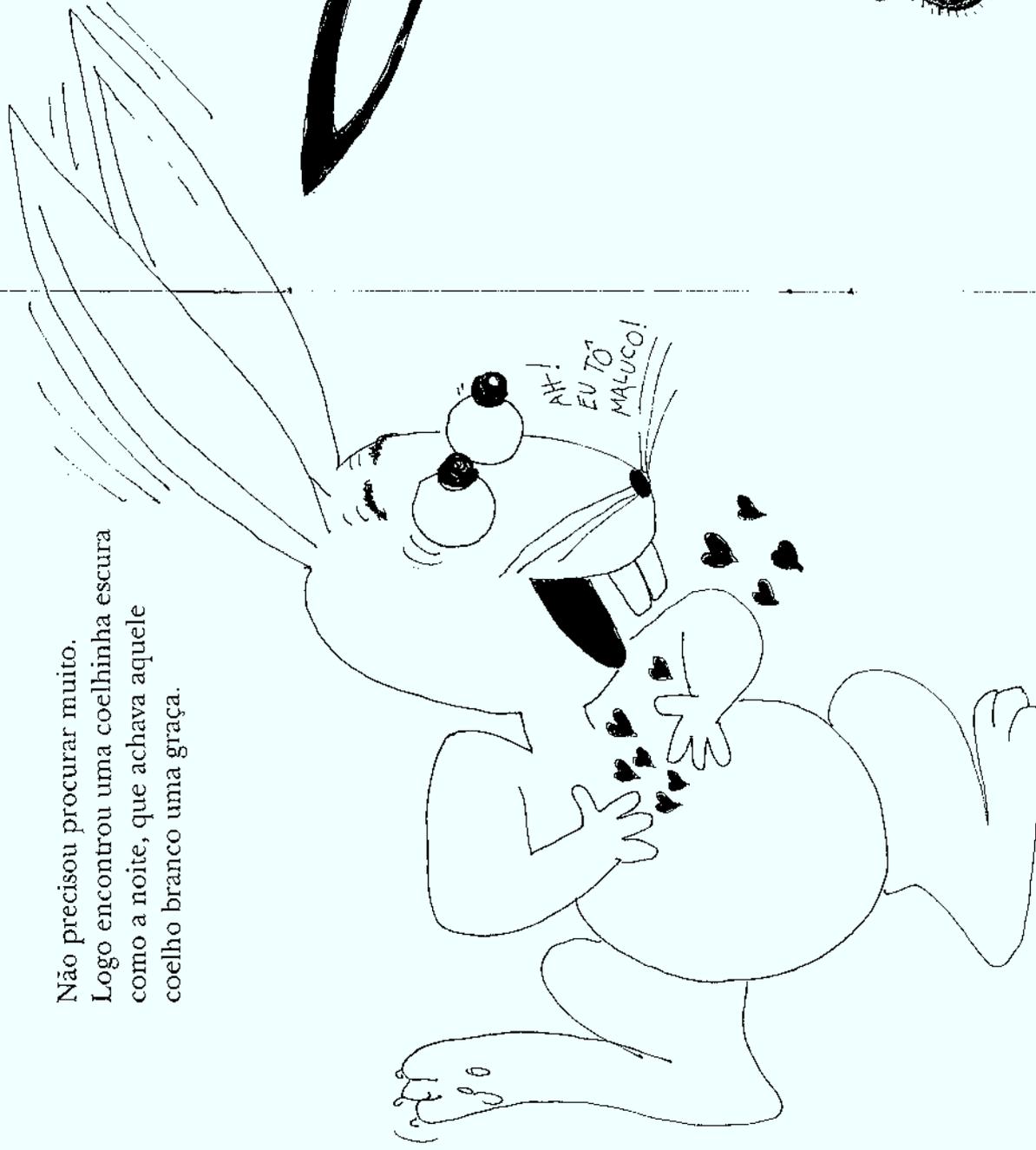
— Artes de uma avó preta que ela tinha...





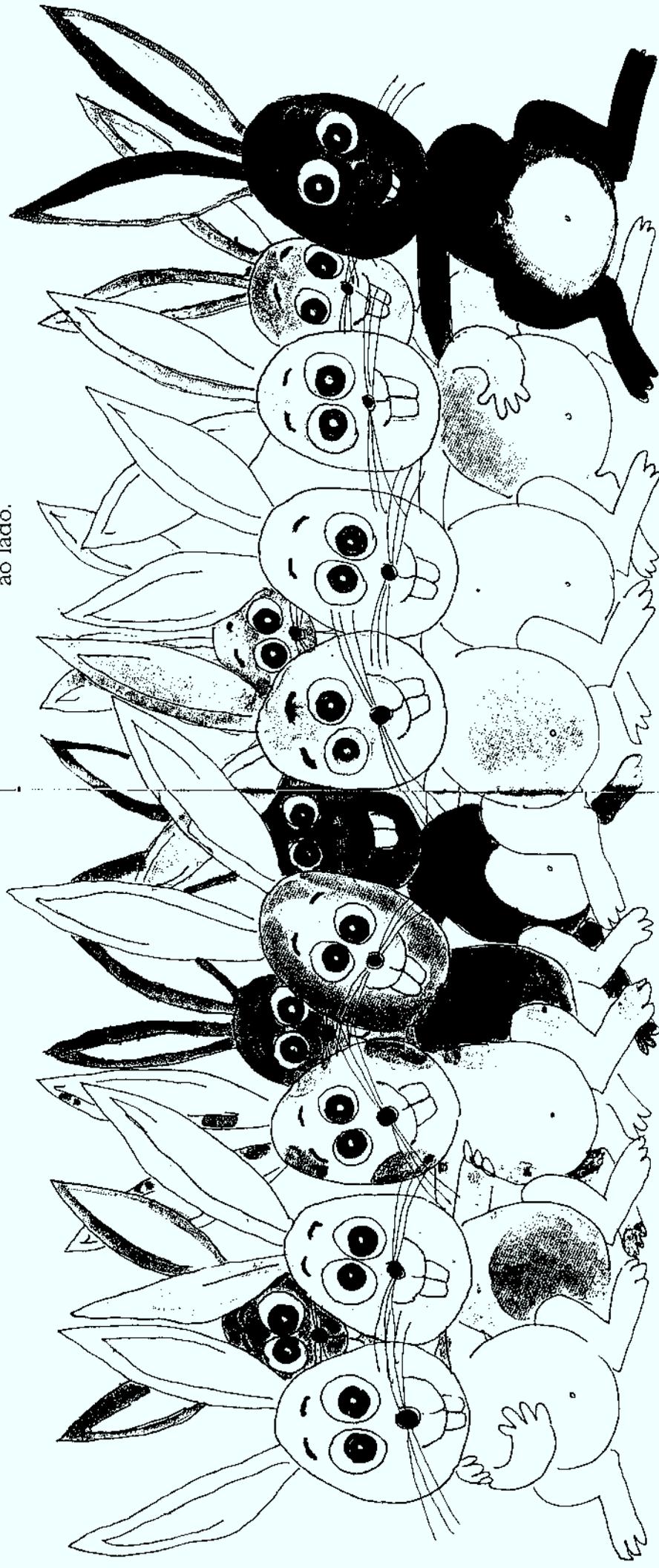
Aí o coelho — que era bobinho, mas nem tanto — viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos. E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para casar.

Não precisou procurar muito.
Logo encontrou uma coelhinha escura
como a noite, que achava aquele
coelho branco uma graça.

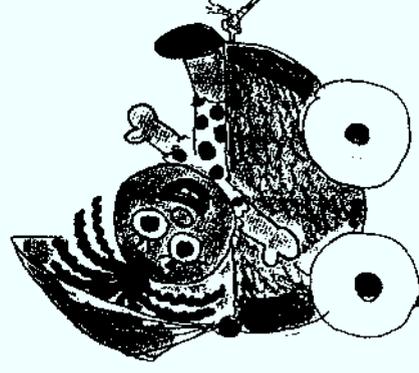


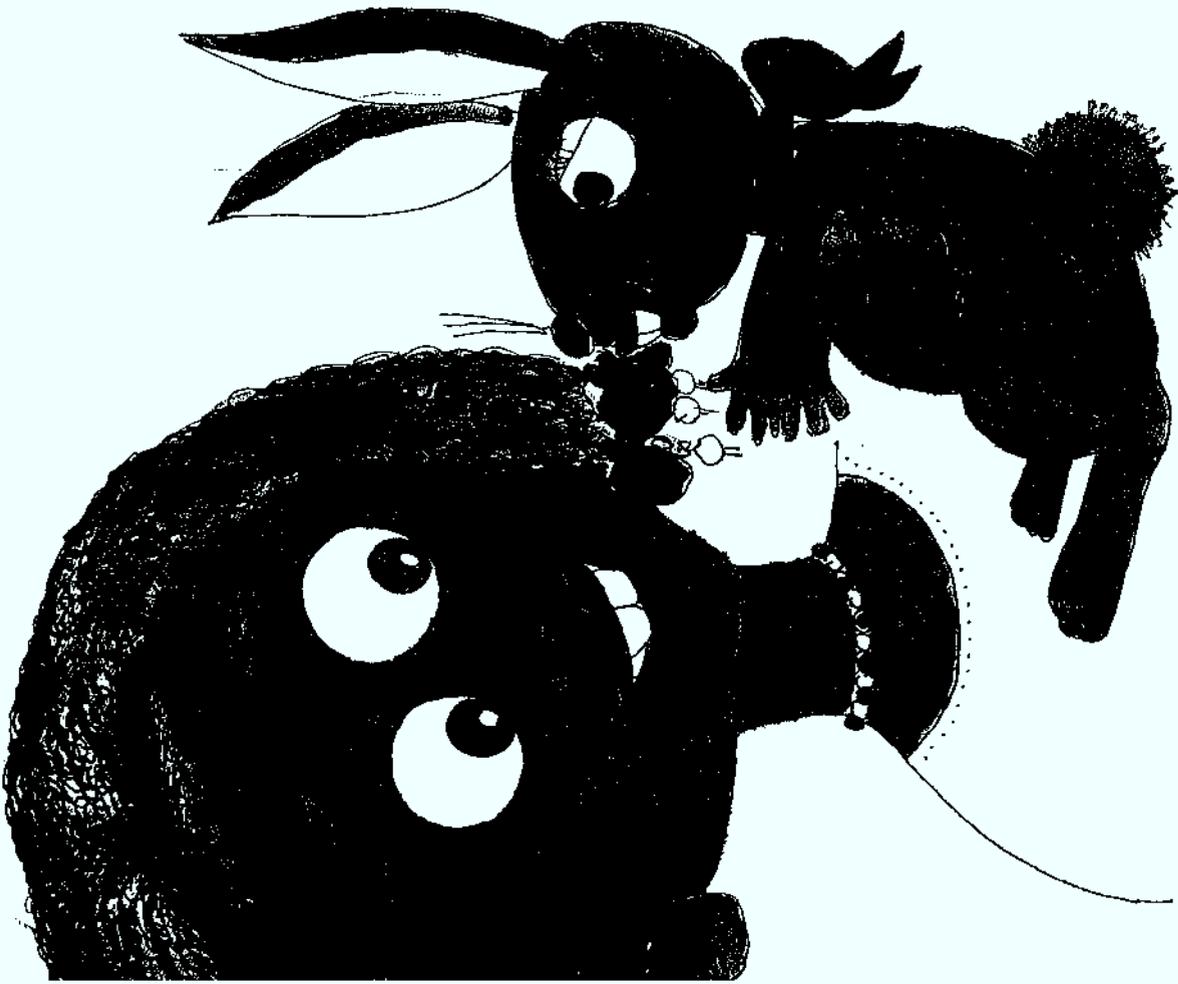
Tinha coelho pra todo gosto: branco
bem branco, branco meio cinza,
branco malhado de preto, preto
malhado de branco e até uma coelha
bem pretinha. Já se sabe, afilhada da
tal menina bonita que morava na casa
ao lado.

Foram namorando, casando e tiveram
uma ninhada de filhotes, que coelho
quando desanda a ter filhote não pára
mais.



E quando a coelhinha saía, de laço
colorido no pescoço, sempre
encontrava alguém que perguntava:
— Coelha bonita do laço de fita, qual é
teu segredo pra ser tão pretinha?
E ela respondia:
— Conselhos da mãe da minha
madrinha...

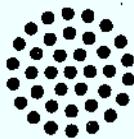




ANEXO 3

MINHA IRMÃ É DIFERENTE

(Betty Ren Wright. São Paulo: Editora Ática, s.d.)



Série *Sempreviva*

NÃO ME CHAME DE GORDUCHA
EU NUNCA VOU CRESCER?
NEM SEMPRE POSSO OUVIR VOCÊS
MINHA IRMÃ É DIFERENTE

POR QUE VOVÓ MORREU?
MEU MELHOR AMIGO SE MUDOU
MINHA NOVA MÃE
PAPAI NUNCA MAIS VOLTARÁ PARA CASA?

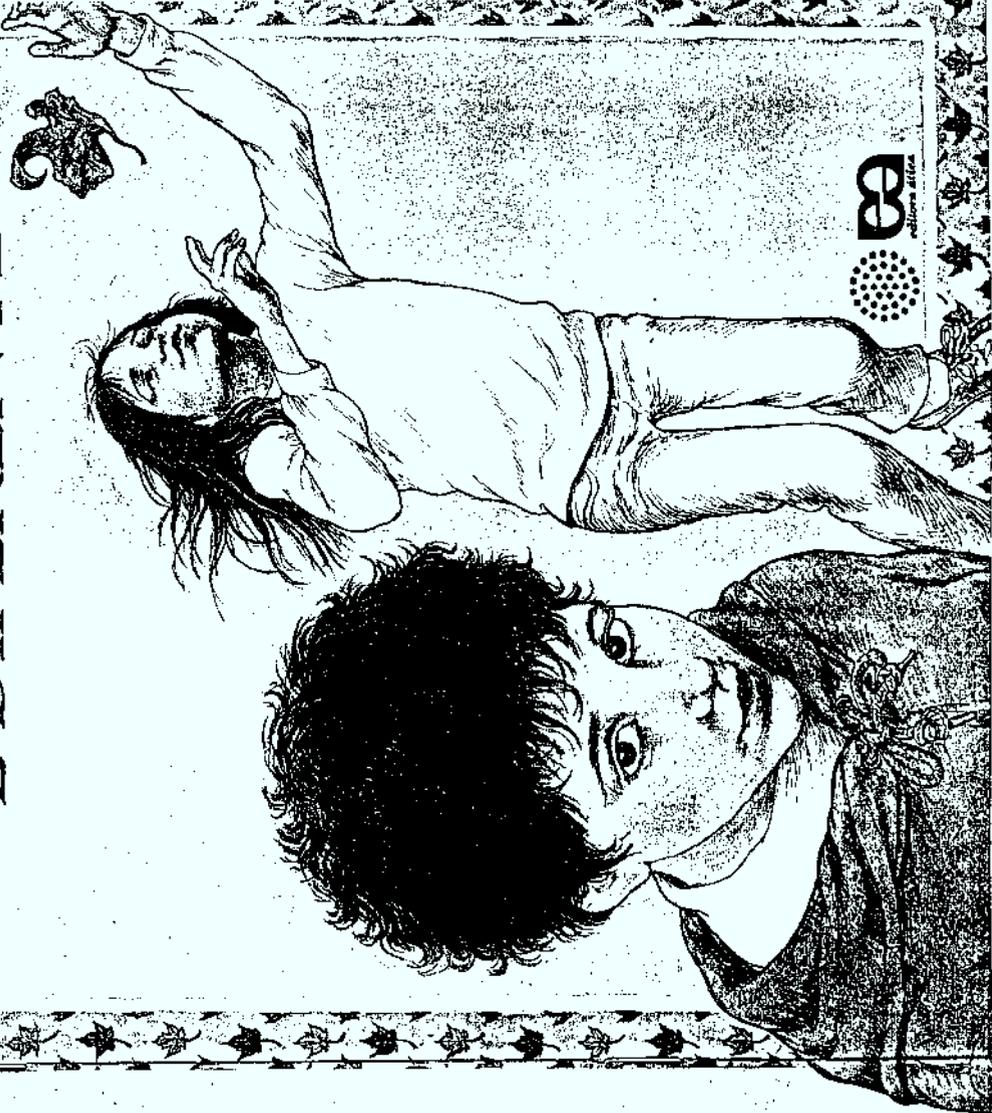
Estas histórias propõem alguns recursos para lidar com problemas específicos. Elas não pretendem abordar todo o complexo caminho a percorrer da infância à idade adulta, mas tão-somente indicar acidentes de percurso que, mal enfrentados, podem atrapalhar bastante a caminhada.

Evidentemente os adultos — pais e professores — têm na vida real muito mais falhas e incertezas que os personagens adultos destas narrativas. As crianças, por sua vez, nem sempre reagem com a presteza e a flexibilidade destas crianças... de livro.

Mas é justamente esse caráter modelar que permitirá aos leitores tomar as histórias pelo que realmente são: meros indicadores de padrões de comportamento que cada um enriquecerá com sua vivência individual e insubstituível.

Agradável ponto de partida para a reflexão sobre temas às vezes difíceis, a leitura destes livros será duas vezes mais produtiva se for feita em conjunto pelo adulto e a criança interessada. Da troca de idéias que daí pode surgir é que virá um dos maiores benefícios.

MINHA IRMÃ É DIFERENTE



ISBN 85-08-03011-8



9 788508 030118

Editor
Lenice Bueno da Silva
Editor de Arte
Alcy

Redação
Ivone Sampaio Parente Bitar
Produção Gráfica
Ademir C. Schneider
Rômulo Sampaol
Aluizio Johnson

Título original: *My sister is different*
Copyright © 1981, Resource Publishers Inc.

2002

Todos os direitos reservados pela Editora Ática
Rua Barão de Jequie, 110 - CEP 01507-900
Caixa Postal 2937 - CEP 01065-970
São Paulo - Sp
Tel.: 0XX 11 3346-3000 - Fax: 0XX 11 3377-4146
Internet: <http://www.atica.com.br>
e-mail: editora@atica.com.br

ISBN 85 08 03011 8

Índice de AVE-MARIA



MINHA IRMÃ É DIFERENTE

Betty Ren Wright

ilustrações de Helen Coganberry

tradução e adaptação de

Fernanda Lopes de Almeida

10ª edição
4ª impressão





No ano passado fiz um cartão de aniversário para minha irmã Terry. Dizia assim:

Gosto de sorvete

Gosto de bambolê

Gosto de jogar bola

Só não gosto de você.

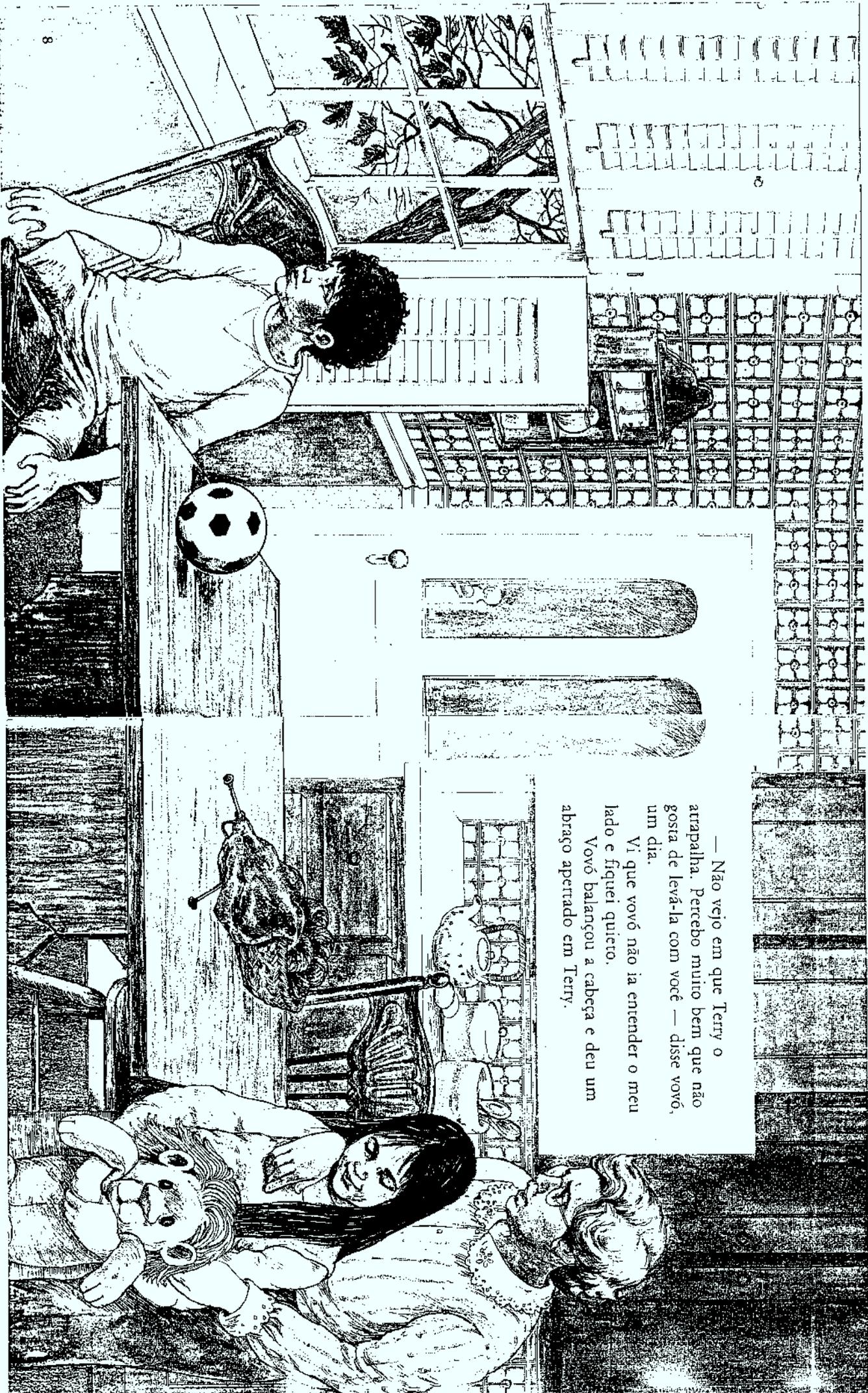
Depois acabei resolvendo não dar o cartão. Minha irmã tem uma deficiência mental e leva um tempo para aprender as coisas. Ainda não sabe ler.

Terry é mais velha e mais alta do que eu, mas, nessa época, eu tinha que distraí-la o dia inteiro. Cada vez que ia sair, mamãe dizia:

— Carlo, leve a Terry com você. Como se Terry fosse uma ótima companheira de brinquedos!

Se jogamos bola, Terry deixa a bola cair no chão. Se brincamos de pique, ela fica correndo à toa, como um bebê. Nos jogos, entende todas as regras errado. As outras crianças ficam rindo dela. Ela não liga, mas eu ligo.





— Não vejo em que Terry o
atrapalha. Percebo muito bem que não
gosta de levá-la com você — disse vovó,
um dia.
Vi que vovó não ia entender o meu
lado e fiquei quieto.
Vovó balançou a cabeça e deu um
abraço apertado em Terry.

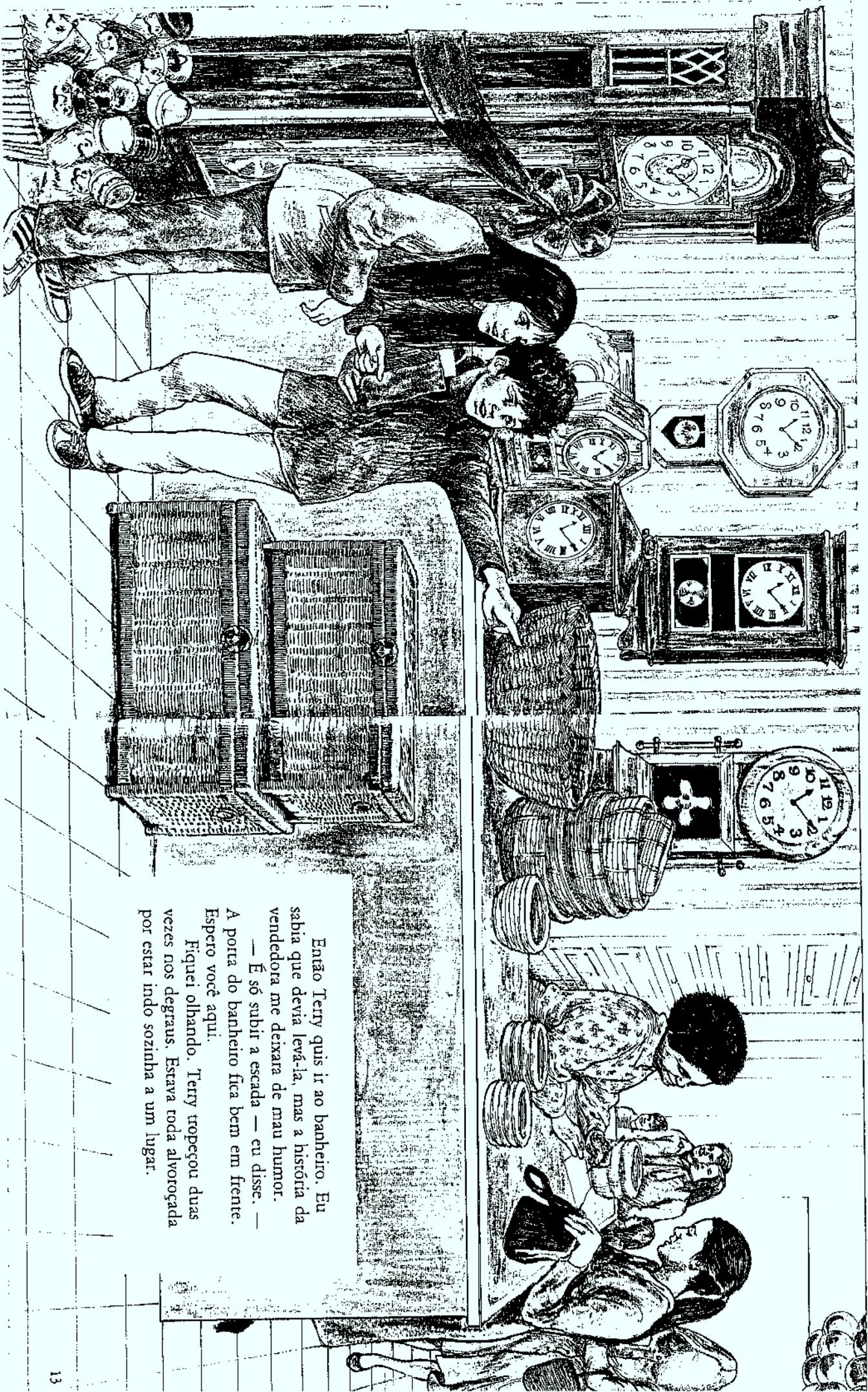
Petro do Naral levei Terry a um *shopping center*, para comprar um presente para vovó.

Vimos uma boneca que era também um porta-pompoms de pó-de-arroz. A saia dela tinha uns bolsinhos que serviam para guardar os pompoms.

Eu não sabia se vovó ia precisar de tantos pompoms de pó-de-arroz, mas Terry adorou a boneca.

— Linda, linda! — ficou repetindo, até que a vendedora começou a nos olhar. Comprei a boneca só para ela parar de nos encarar.





Então Terry quis ir ao banheiro. Eu sabia que devia levá-la, mas a história da vendedora me deixara de mau humor. — É só subir a escada — eu disse. — A porta do banheiro fica bem em frente. Espero você aqui.

Fiquei olhando. Terry tropeçou duas vezes nos degraus. Estava toda alvoroçada por estar indo sozinha a um lugar.

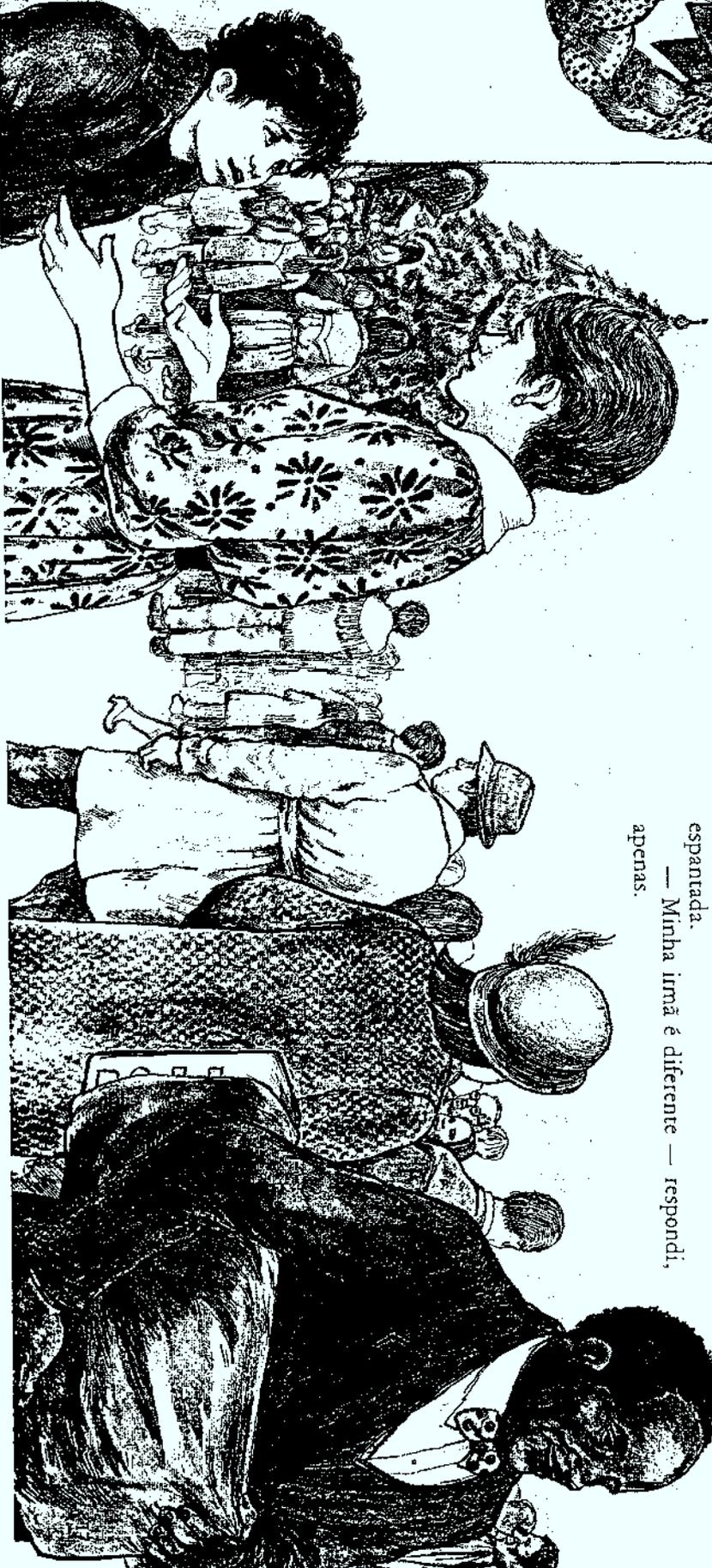
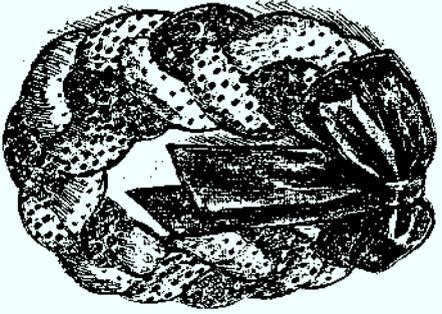
Passaram-se cinco minutos, depois
mais cinco.

“Ela é a pessoa mais lerda do
mundo”, pensei.

Afinal, achei melhor ir procurá-la.
Subi a escada de dois em dois degraus e
dei uma olhada por toda a redondeza.
Terry tinha desaparecido.

— Posso ajudá-lo? — perguntou uma
vendedora.





Eu contei a ela que estava procurando
minha irmã.

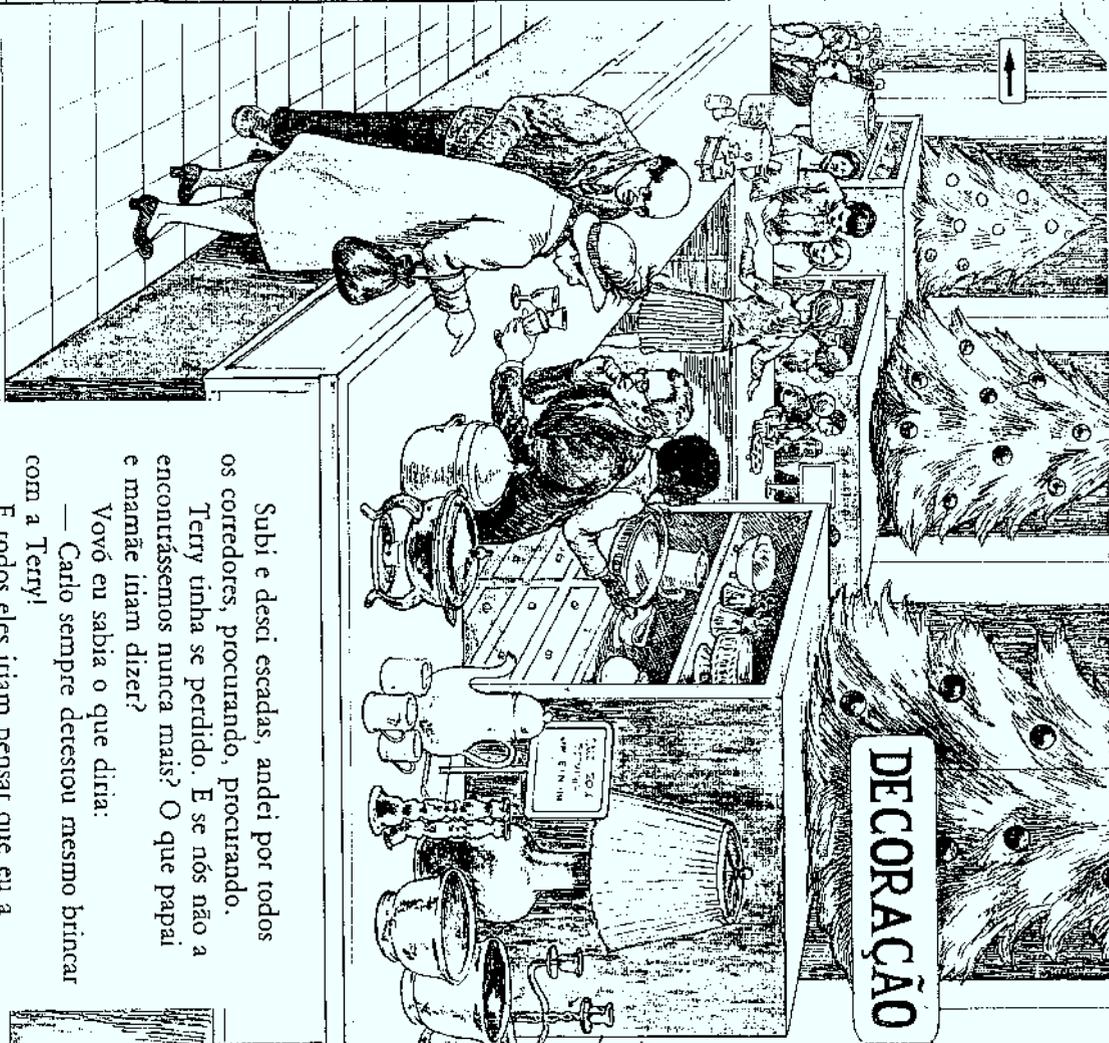
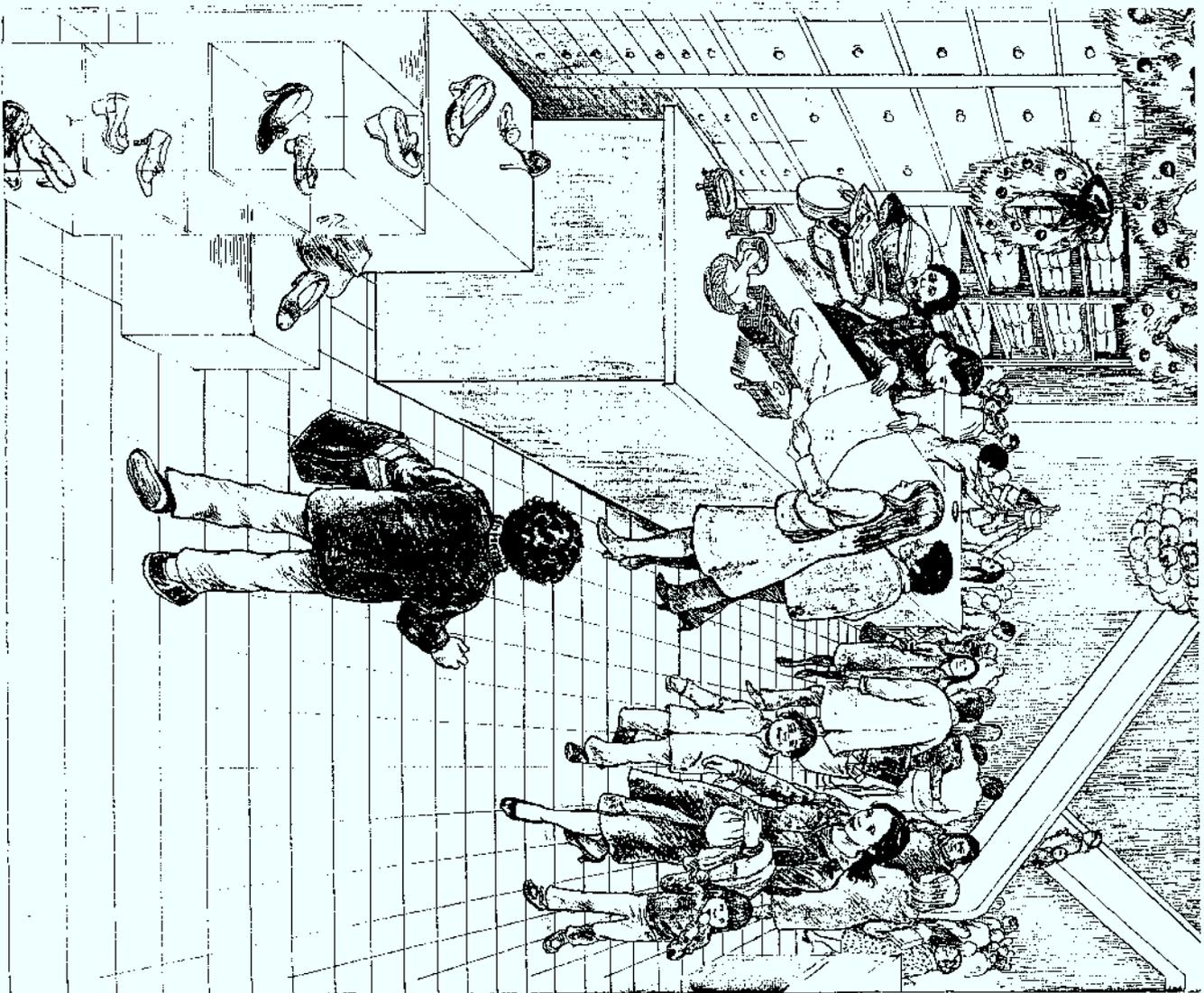
A vendedora entrou no banheiro das
mulheres e voltou logo.

— Não há ninguém lá. Sua irmãzinha
é muito pequena?

— Ela não é minha "irmãzinha". É
mais velha do que eu. É mais alta do que
eu.

— Ah! Mas então ela já sabe se
cuidar sozinha! — disse a vendedora,
espantada.

— Minha irmã é diferente — respondi,
apenas.



Subi e desci escadas, andei por todos os corredores, procurando, procurando. Terry tinha se perdido. E se nós não a encontrássemos nunca mais? O que papai e mamãe iam dizer?
Vovó eu sabia o que diria:
— Carlo sempre deitou mesmo brincar com a Terry!
E todos eles iam pensar que eu a perdera de propósito.



Mas isso não era verdade.
Enquanto andava pelo *shopping*, fiquei pensando em minha irmã.
Lembrei-me daquele cartão de aniversário, no ano passado. Dizia assim: "Para o meu querido irmão". Mãe leu para ela vários cartões que havia na loja e ela escolheu esse, para me dar.

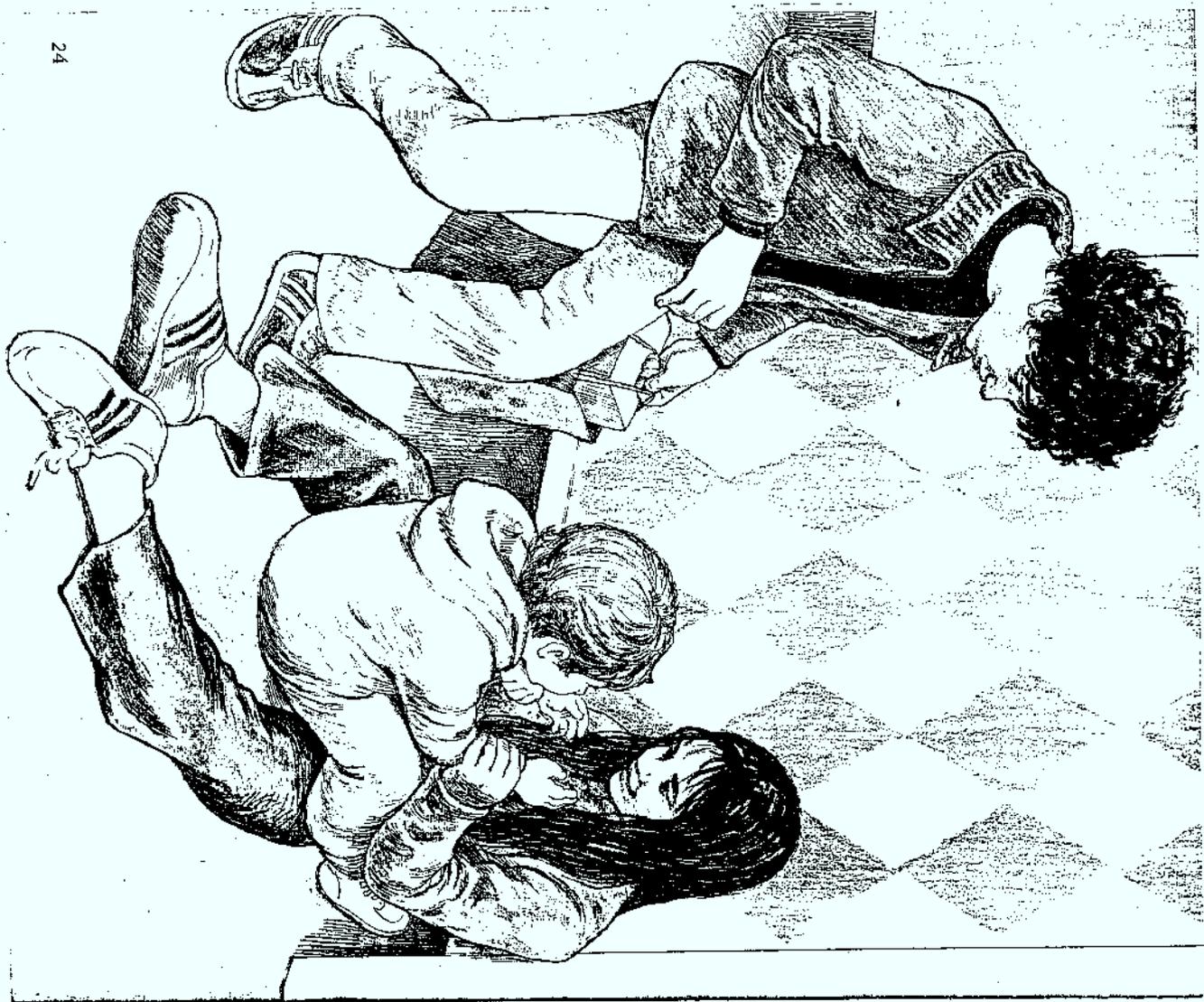


Lembrei-me de como ela sabia fazer o
bebê rit, mesmo quando ele andava
irritado, por causa dos primeiros dentinhos.

Lembrei-me de como ela sempre
queria enxugar a louça, quando era
minha vez. Mãe nunca deixava, mas
Terry sempre tentava ficar no meu lugar.

Lembrei-me de como os outros meninos
se divertiam às custas dela. Então comecei
a chorar. E se alguém a estivesse maltratando
e ela estivesse sozinha e apavorada?
Comecei a andar mais depressa.





E quase caí em cima de Terry. Ela estava sentada no chão, com um garotinho no colo. A mãe dele estava fazendo uma compra.

— E sua irmã? — ela perguntou. — Tem muito jeito para lidar com bebês. Meu filho só parou de chorar quando ela começou a brincar com ele.



Eu queria girar com Terry, bater nela! Queria que ela soubesse quanto eu tinha ficado assustado com a idéia de perdê-la.

Mas não fiz nenhuma dessas coisas.

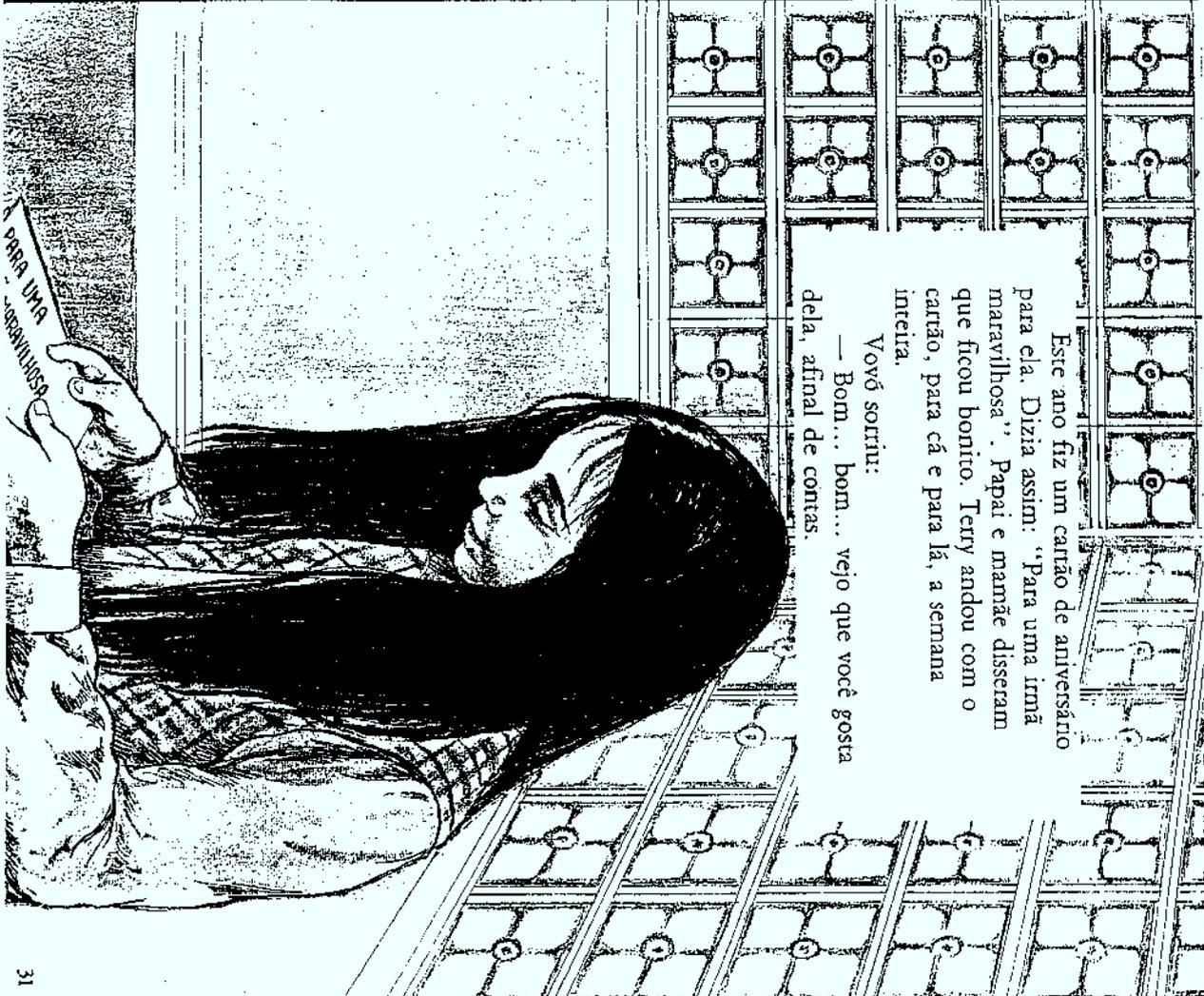
Em vez disso, dei-lhe um grande abraço.

— Que bebê engraçadinho — disse Terry, muito feliz da vida. — Vamos para casa?

E fomos.



Não vou dizer que hoje em dia adoro
tomar conta de Terry, o tempo todo. Mas
agora eu já a levo para brincar com maior
boa vontade. E que fiz um trato com
manãe: metade das vezes eu levo Terry
comigo, e a outra metade saio sozinho,
para cuidar da minha vida. Tem dado certo.



Esse ano fiz um cartão de aniversário para ela. Dizia assim: "Para uma irmã maravilhosa". Papai e mamãe disseram que ficou bonito. Terry andou com o cartão, para cá e para lá, a semana inteira.

Vovó sorriu:

— Bom... bom... vejo que você gosta dela, afinal de contas.

ANEXO 4

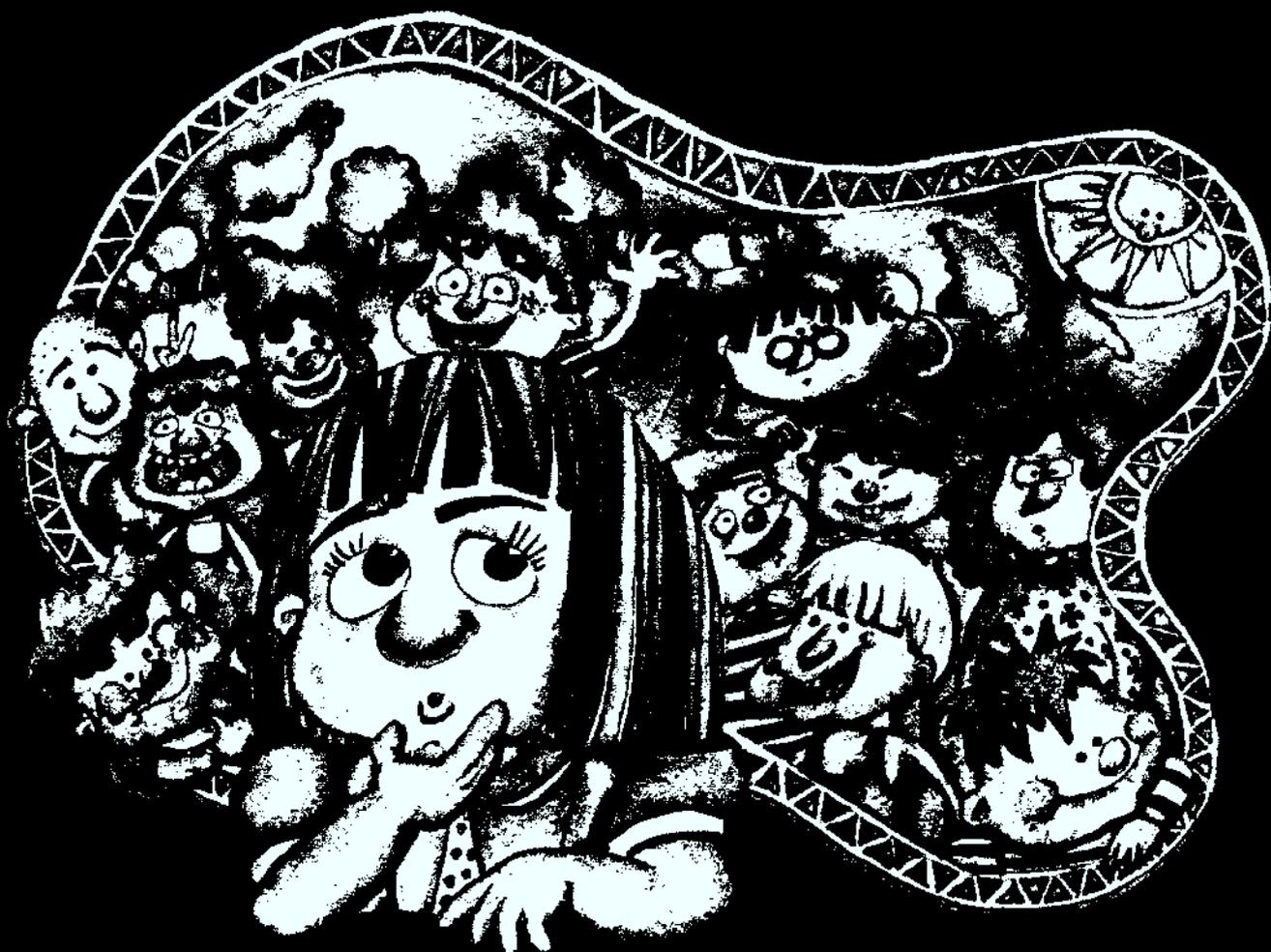
TODO MUNDO É DIFERENTE

(Hugo Almeida. Belo Horizonte: Editora Lê, 1996)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

HUGO ALMEIDA

TUDO O MUNDO É DIFERENTE



Ilustrações
SÍLVIA AROEIRA

EDITORA LE



HUGO ALMEIDA

TUDO MUNDO É DIFERENTE

ILUSTRAÇÕES
SÍLVIA AROEIRA

EDITORA LÊ

Puxa, me deu uma coisa tão esquisita quando vi a cara do meu novo colega.

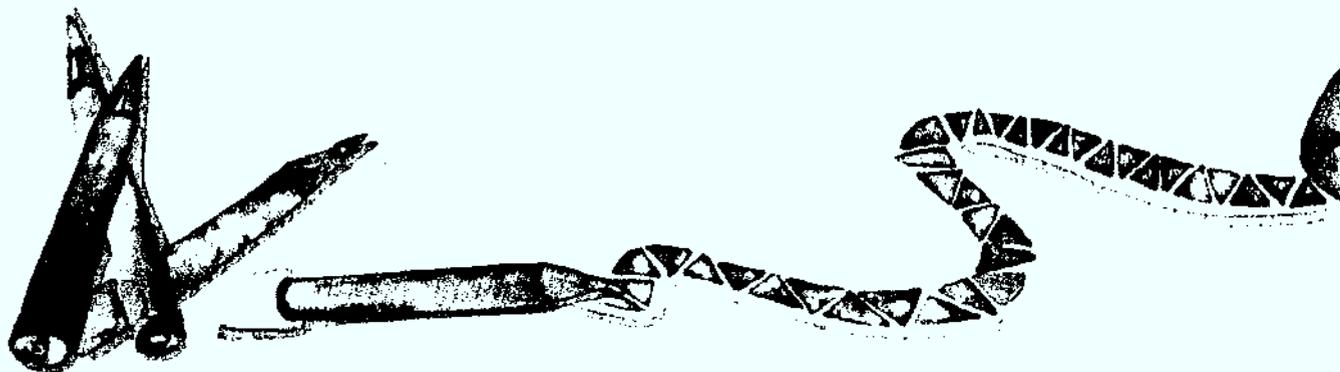
Pra falar a verdade, levei um susto. Acho que me deu foi medo. É que eu nunca tinha visto um menino, nem uma menina, nenhuma pessoa daquele jeito.

Vocês querem saber, não é? Vou contar.

O rosto dele é manchado, quase todo manchado de uma cor vermelha *pro* lado do marrom. Fiquei olhando *pra* ele toda hora, na hora que ele não estava olhando *pro* meu lado, é claro. Sabe que nem demorou muito e eu já estava achando aquela cara manchada normal? Nem achava mais esquisita nem nada.

O nome do meu coleguinha é Francisco. O Chico ficava calado na aula, mas parecia entender tudinho que a professora Cecé dizia. Eu também entendia. Aí eu vi que a gente combinava em alguma coisa.

Nesse primeiro dia que ele foi, a gente não conversou nada.





Falei com minha mãe sobre o meu novo colega da escola. Eu disse *pra* ela que ele era diferente de todos os outros.

– Ué, mas tem alguém igual a alguém lá? – ela me perguntou. Nem esperou resposta e foi logo dizendo:

– Você sabe que somos todos diferentes, Dê...

Fiquei pensando no que a mamãe me disse. Ela está certa. Cada um de nós é de um jeito. Sem mancha no rosto nem nada, cada pessoa é diferente das outras.

Aqui em casa mesmo, *pra* começar da mamãe e do papai. Incrível como eles não se parecem nada! E eu e meus irmãos, nossa!

O Dado tem o cabelo totalmente diferente do meu. A Dani, essa parece filha só do papai. Eu sei que isso não tem jeito. Sou pequena ainda, mas eu sei um pouquinho de coisas. Todo mundo é diferente de todo mundo, até irmãos gêmeos.

A mamãe me disse também que isso é umas das coisas bonitas da vida: essa coisa de cada um ser de um jeito. No outro dia fui *pra* escola pensando nisso. É verdade. Cada colega é mais diferente do que o outro, e todos são meus amiguinhos.

Cada um tem uma graça. Isso foi a mamãe que falou.

Graça não é só o nome não, como algumas pessoas dizem. Tem gente que fala assim: qual a sua graça? – quando quer saber o nome da gente.

Graça que a mamãe disse é o jeito especial de uma pessoa fazer alguma coisa, de falar, um jeito de viver.

Bom, fui *pra* escola e fiquei olhando todo mundo. *Pra* começar, a tia Ju, na entrada, a dona Flá, que é a diretora, a Cecé, a Lulu, professora da turma da Má, até os meus colegas de classe. Todos eles têm a sua graça. Todos que eu digo são uns quinze. Tem dia que são doze ou até dez.

A gente está aprendendo mais coisas agora. Mas vou dizendo logo que eu aprendi muito em casa com a mamãe e o papai. Até ler eu li antes de ir *pra* escola. Não foi em casa. Foi na rua. Sabe como foi? A primeira palavra que eu li foi lá no centro da cidade. Eu estava dentro do ônibus. Estava escrito assim numa placa: si-lên-cio. Era do lado de um hospital. Depois, caladinha, aprendi a ler todas as palavras que queria.



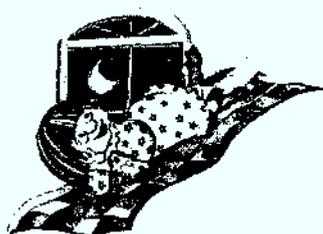
Vou continuar a história lá da escola. Eu notei uma coisa especial no Chico. Sabe o que é? Ele quando fala, fala alegre, nem parece que tem aquela mancha no rosto.

Depois a mamãe me disse:

– Mas o que tem uma coisa com outra, Dê?

É, não tem mesmo, mas eu pensei que uma pessoa como o Chico não podia nem conseguir ser alegre. Que bobagem, não é?

Sabe o que ele falava na aula? Quando a professora inventava conta, ele respondia primeiro, antes de todo mundo. Acho que ele sabe a tabuada inteira de cor. Eu sei um pouco, ainda tem conta que faço nos dedos. Aí, descobri a “graça” do Chico – tabuada.



Minha graça não sei se é só falar. Eu falo muito mesmo. Ou é ficar calada. Tem dia que quase não abro a boca pra falar. Ou é brincar ou outra coisa. Pode ser também essa vontade de querer saber tudo, a mamãe me disse. Mas a minha graça não tem graça, pelo menos pra mim.

Fui querendo descobrir a graça da professora Célia, a Cecé. Não foi difícil: é gostar de todos nós. Até parece que ela é mãe desse monte de criança. Está sempre alegre, sorrindo, bem feliz.

A Bi. A graça dela é desenhar. A Bi desenha tudo muito bem e até parece que brincando.

O Mil canta que é uma beleza. O apelido dele é Pelé, mas aposto que vai ser cantor quando crescer.

A Rita sabe sambar como aquelas mulheres das escolas de samba do carnaval. Ela tem umas canelas elétricas, vi no recreio.

E assim cada um tem seu jeito, sua graça especial. Voltei contente porque descobri a graça de muita gente. Mas fiquei um pouco calada. Não sei se estava cansada. Triste não estava.

A mamãe não disse, nem perguntou nada. Ainda bem, que eu não ia saber responder. Ela me fez um carinho e eu continuei meio calada.

– Mãe, a gente é diferente da gente mesmo – eu disse *pra* ela.

– Como assim, filha?

– Ah, sei lá... Eu saí de casa bem contente porque ia descobrir a graça dos meus colegas e depois...

– E depois não descobriu de ninguém?

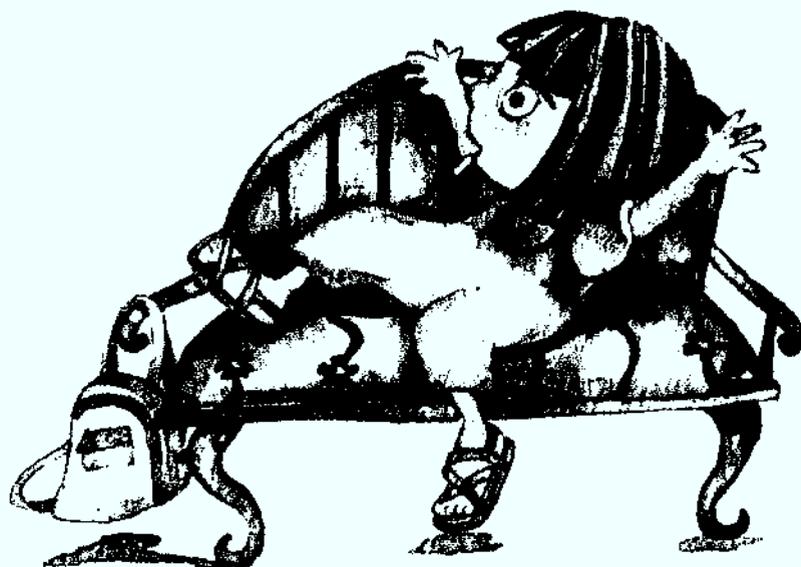
– Descobri sim, de quase todo mundo. Só que eu fui *pra* escola de um jeito e voltei de outro...

– Eu notei – mamãe disse. – Mas o que tem isso? A gente muda a cada instante, filha. A gente é diferente da gente mesma, como você disse. Tudo faz a gente mudar. O que vemos, o que ouvimos, tudo que acontece na nossa vida.

– Ainda bem, mamãe. Ia ser bem chato se a gente ficasse sempre igualzinho. Já pensou o tempo todo falando, ou o tempo todo calado, ou rindo, ou chorando?...



A mamãe riu, me abraçou e fomos pra mesa. O papai, o Dado e a Daniela, a Dani, já estavam lá.



Ah, acho que não disse. O Ricardo, quer dizer, o Dado, é mais velho do que eu e a Dani é mais nova. Eu sou a do meio. A mamãe e o papai falam pros amigos assim: ela é a do meio.

É bom ser a do meio. Tenho um irmão mais velho e uma irmãzinha mais nova. É bom, é diferente.

E ali na mesa fui vendo a diferença da família. O papai às vezes parece que é o irmão mais velho da mamãe. A mamãe tem hora que parece namorada dele: toda dengosa e contente, mas tem hora que fica brava também.

O Dado, nossa, tem dia que ele me assusta de tão sério. Mas é muito brincalhão e eu gosto muito dele. A Dani, que graça, é uma graça mesmo, sei que isso não diz muito, mas é o que consigo dizer. A gente ri muito. E briga também.

Quando acabamos de jantar, pedi licença antes da sobremesa e disse que queria ir pro quarto. Nem sei por quê.

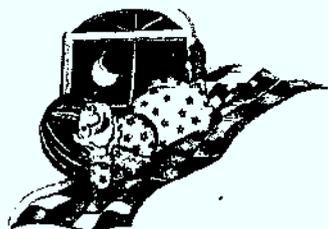


O papai parece que não gostou. Vi pela cara dele. A mamãe disse:

– Sei... vá.

Eu fui, e ouvi o meu irmão falando:

– Sei-va.



Eu já tinha escovado os dentes e estava olhando meus cadernos novos no quarto. O Dado chegou com aquela cara toda boa que ele tem.

– Oi, minha flor. Sabe, você tem muita seiva.

– O quê que é seiva, Dado?

– Não sabe? É o sangue das plantas...

– E eu sou uma planta?

– Não te disse que você é uma flor? Toda menina esper-ta e gracinha como você é uma flor, Dê.

– Você fala isso agora porque está mansinho. Mas quan-do está bravo...

– Ah, é? Você também fica uma fera quando a Dani mexe nas suas coisas.

– Claro, quem manda ela pegar o que é meu? Eu quase não pego nada seu!

– É, mas quando pega some.

– Foi só uma vez que sumiu aquela lapiseira. Nem sei se fui eu.

– Garanto que foi. Só pode ter sido. Você que pegou...

– Ih, Dado.... Que raiva! Sumiu, sumiu. E a mamãe já te deu outra. Novinha.

– Deu muito. Descontou da minha mesada, isso sim.

– Olha, Dado, nem adianta querer brigar hoje. Quer saber? Eu acho você um irmão bem legal... Às vezes...

– Às vezes...

– Chato. Você sabe muito bem que você é o irmão que eu queria ter.

– Só pra pegar minhas coisas, né? – disse, rindo.

Ele me beijou e sentou do meu lado na cama e ficou vendo meus cadernos.

– Dado, você já reparou que todo mundo é diferente de todo mundo e cada um é diferente dele mesmo?

– Como é que é?

– Repete o que eu disse.

– Todo mundo é diferente de todo mundo e cada um é diferente dele mesmo...

– Não é?! – perguntei.

– É. Você é a mais diferente que conheço. Diferente até demais.

– Dado, sabe que eu tenho um colega que tem uma mancha grande no rosto e ele é ótimo pra fazer contas?

– Mancha no rosto? Ele se queimou?

– Não. Acho que não. Parece que ele nasceu daquele jeito.



– Todo mundo tem alguma marca, Dê. Pode ser bem pequena, mas tem. Você já viu a pinta que o papai tem no dedinho do pé direito?

– Já. Claro que já.

– E a minha, quase no mesmo lugar, já viu?

– Verdade!? Quero ver.

O Dado me mostrou a pinta dele, só que era um pouquinho fora do lugar da pinta do papai.

A gente conversou mais um pouco, sem brigar nem uma vez. A gente falava da graça dos meninos do prédio, dos nossos primos e das nossas também.

A graça dele, do Dado, é ser assim, um irmão legal e amigão como ele é. Eu não sei falar direito da graça dos meus irmãos. Nem do papai e da mamãe. Eu sinto é no coração.

A gente tem um tio que tem uma perna mais curta do que a outra e ele é bailarino. Até professor de balé. A vovó bisa, vó do papai, fazia casaquinho de tricô até depois que ficou cega. Os dedos dela já sabiam de cor.

O papai me contou, um dia, que existiu um artista chamado Aleijadinho que ficou doente e perdeu os dedos. E fazia esculturas muito bonitas assim mesmo. Amarravam o martelo e os ferros nas mãos dele. E o Dado disse que um grande músico era surdo, já pensou? Surdinho. Eu acho que o Chico não tem problema nenhum.

O Dado me deu um beijo e foi dormir. Eu fiquei pensando na graça de cada pessoa até a minha seiva resolver dormir também. Ixe, sangue dorme? E coração? Amanhã vou perguntar pro Dado.